

Universidade Federal Fluminense
Centro de Estudos Gerais
Instituto de Ciências Humanas e Filosofia
Departamento de Psicologia
Mestrado em Psicologia

Kenia Soares Maia

PIXAÇÃO/GRAFFITI E A



CARTOGRAFANDO ADOLESCÊNCIAS.

Orientadora: Profa. Dra. Cristina Mair Barros Rauter

Niterói

2015

Kenia Soares Maia

Pixação/graffiti e a desobediência; cartografando adolescências.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Psicologia do Departamento de Psicologia da Universidade Federal Fluminense, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Orientadora: Prof^a. Dra. Cristina Mair Barros Rauter

Niterói

2015

M217 Maia, Kenia Soares.
Pixação/graffiti e a desobediência; cartografando adolescências /
Kenia Soares Maia. – 2015.
115 f. ; il.
Orientadora: Cristina Mair Barros Rauter.
Dissertação (Mestrado em Psicologia) Universidade Federal
Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia,
Departamento de Psicologia, 2015.
Bibliografia: f. 111-115.
1. Adolescente. 2. Resistência. 3. Arte de rua. I. Rauter, Cristina
Mair Barros. II. Universidade Federal Fluminense. Instituto de
Ciências Humanas e Filosofia. III. Título.

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dra. Cristina Mair Barros Rauter
- Orientadora. Universidade Federal Fluminense

Prof. Dr. Luis Antônio dos Santos Baptista
Universidade Federal Fluminense

Prof^a. Dra. Virgínia Kastrop
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Prof^a. Dra. Maria Helena Zamora
Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

AGRADECIMENTOS

Agradeço à UFF, principalmente aos meus professores do curso de psicologia, que desde a minha graduação vêm resistindo em uma produção de pensamento político, crítico, vivo, que tanto me salvou de adormecer.

Agradeço à Cristina, por ampliar a minha percepção sobre a violência, sobre a criminalização da pobreza e, através disso, pude reconectar-me com o devir revolucionário. Por oferecer-me um território cartográfico de pesquisa e por todo aprendizado que pudemos compartilhar nesse tempo que passamos juntas.

Um Salve aos Pixadores e Graffiteiros, aos MCs, aos Djs, aos Bboys e Bgirls aos Artistadores que me mostraram a cidade “invisível” que eu ainda não conhecia. À escola que nos acolheu e, principalmente, à querida professora de artes por permitir-me habitar sua sala, seus afetos e pelos ensinamentos artísticos que me proporcionou.

Agradeço a minha filha por me ajudar a vivenciar a desobediência, por me ensinar a respeitá-la e com isso encontrarmos, juntas, um caminho melhor. Agradeço por sua compreensão quando estava estudando ou escrevendo e não pude estar disponível como gostaria. Agradeço por me fazer uma pessoa mais amorosa.

Agradeço ao meu marido, que compreendeu meus sonhos, ouviu meus devaneios e utopias, respeitou minhas descobertas e por ter compartilhado esse momento da vida ao meu lado.

Obrigada à Fátima, por me ajudar a seguir meus sonhos com maior lucidez, por não permitir esquecer-me do “*cuidado de si*”. Pelo longo tempo de companheirismo na clínica e por crer nesse caminho.

Agradeço ao *Limiar* por ter sido meu primeiro território de retorno, pela generosidade e seriedade do trabalho, pela parceria dos colegas, pela afetividade criada e pela oportunidade de voltar.

Aos meus amigos e familiares, que estiveram presentes em tantos momentos e que acompanharam essa jornada amorosamente.

Gratidão a minha mãe, que me deu esse nome/legado conectando-me à África e homenageando a população negra que há em todos nós. Pela força militante que mostrou desde que sou menina, por suas resistências e desobediências. Pelo amor que sempre declarou, obrigada.

Resumo

Esta pesquisa aborda a adolescência pobre no Brasil, a partir de uma cartografia dos processos de produção de subjetividade insurgentes na atualidade, como forma de resistência à criminalização e à morte. Tomamos a Pixação/Graffiti como formas de expressão que nos levam à aproximação da desobediência enquanto algo positivo, produtor de coletividade e saúde. Buscamos, com isso, desconstruir a patologização da adolescência e rever o conceito de psicopatia que se atrela a essa experiência, desconstruindo dicotomias segregadoras. Aproximamo-nos de uma conceituação acerca da adolescência, que a aproxima da desobediência enquanto positividade. Para isso, contamos com o pensamento de D. W. Winnicott e W. Reich.

Utilizando os conceitos de “liso e estriado”, de Deleuze e Guattari, na análise da Pixação/Graffiti enquanto artes que se dão num mesmo platô, pensamos na dimensão interventora dessas “Artistações” na cidade enquanto partes do processo de subjetivação da juventude contemporânea. Seguindo uma perspectiva transdisciplinar da clínica, entendemos a Pixação/Graffiti como uma prática clínica produtora de saúde.

Palavras-chave: Adolescência, Resistência, Pixação e Graffiti

Abstract

This research analyzes poor adolescence in Brasil from a cartography of the subjectivity production processes occurring today as a way of resistance to criminalization and death. Pixação/Graffiti are understood as forms of expression that lead to a comprehension of disobedience as something positive, associated with the production of collective life and health. We aim to revert pathologization of adolescence and to review the concept of psychopathy, commonly associated with it, deconstructing segregating dichotomies. We use the concept of adolescence present in the work of Winnicott and Reich.

Using the concepts of “smooth and striated” developed by Deleuze and Guattari, we analyze Pixação/Graffiti as arts within the same surface, thinking these interventions in the city as parts of the subjectivity production process of contemporary youth. In a transdisciplinary perspective of clinics, we understand Pixação/Graffiti as a clinical practice able to promote health.

Key-words: Adolescence, Resistance, Pixação and Graffiti.

SUMÁRIO

1 – INTRODUÇÃO	8
----------------------	---

Capítulo 1: Adolescência e



1.1 - Adolescência enquanto platô existencial.....	14
1.2 - Por uma via rizomática e não desenvolvimentista.....	17
1.3 - Rebeldia, Destrutividade e Psicanálise.....	21
1.4- Adolescência e agressividade: a possibilidade do vivo.....	23
1.5 - O Conatus Segundo Spinoza.....	32
1.6 - Reich e Spinoza – A agressividade e o conatus.....	37
1.7 - Desconstruindo o conceito de psicopatia na adolescência.....	38

Capítulo 2: Pixação/Graffiti: as Artistações.

2.1 - História da Pixação e do Graffiti.....	53
2.2 - Pixar, Graffitar e Brincar.....	57
2.3 - Nos encontros que tive.....	65

Capítulo 3: A desobediência na cidade.

3.1 – Pensando a Pixação/Graffiti através dos conceitos de Liso e Estriado.....	81
3.2 - A cidade como território possível para a resistência.....	88

Considerações Finais

Desobediência e clínica.....	103
Referências Bibliográficas.....	111

Introdução

O *Mapa da Violência 2014 – Os Jovens do Brasil* é uma referência importante para quem pesquisa a juventude pobre no Brasil. A cartografia produz um mapa diferenciado desta, onde os dados são produzidos ao longo do processo de pesquisa, (Barros e Barros, 2013).¹ A experiência vai traçando um percurso que desenha o mapa. Mais do que dados a serem atingidos, a cartografia inclui problemas que provocam a atenção do pesquisador. O Mapa da Violência, que não é universal tampouco naturaliza o que traz enquanto dado, nos aponta um problema: como estamos lidando com a juventude pobre e negra no Brasil? O Mapa da Violência torna-se uma pista importante na nossa pesquisa. Verificamos através dele que adolescentes em situação de pobreza, moradores das chamadas comunidades, em sua grande maioria negra, sofrem um tipo de controle social distinto de outros adolescentes. Esses jovens sofrem contenções e repressões massivas, são foco de ações policiais e vítimas de extermínio. Como nos mostrou Waizelfiz (2014), a tendência geral, desde 2002, é a queda do número absoluto de homicídios na população branca e o aumento dos números de mortes por homicídio na população negra. Esses números são observados tanto no conjunto da população adulta quanto na população jovem. O número de brancos vítimas de homicídio diminuiu de 19.846, em 2002, para 14.928, em 2012, o que representa uma queda de 24,8%. Entre os negros, as vítimas aumentaram de 29.656 para 41.127 nessas mesmas datas, havendo o crescimento de 38,7%. Entre os jovens, a evolução foi muito semelhante, mas com manifestações mais intensas: em 2002, foram registrados 10.072 homicídios de jovens brancos, reduzidos para 6.823 em 2012. Em 2002, 17.999 jovens negros foram mortos e esse número aumentou para 23.160 em 2012. Para cada jovem branco que morre assassinado, morrem 2,7 jovens negros. Esses dados evidenciam uma morte específica, de grupos específicos e o formato de intervenção social que vem operando com esses grupos.

Esses dados nos apontam para uma rede, para os agenciamentos que produzem essa situação mortífera dos jovens. A cartografia recai sua atenção sobre essa rede e busca destacar suas linhas e revelar suas engrenagens (Kastrup, 2009)². Há um atravessamento de práticas e

¹ Artigo parte da revista *Pistas do Método da Cartografia 2*: Barros e Barros, *O Problema da análise em pesquisa cartográfica*, 2013, disponível in <http://www.uff.br/periodicoshumanas/index.php/Fractal/article/view/1116>

² Kastrup, V., *O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo*, *Pistas do método da cartografia 1*, Porto Alegre, Sulina, 2009.

discursos que produz essas mortes e que nos convoca. Portanto, não buscamos dados, mas sim linhas e processos.

Quando nos referimos à adolescência, não estamos excluindo os jovens, pois não usamos uma referência etária, mas sim social. Adolescência e juventude poderão ser contempladas pelo que abordamos neste trabalho. No Mapa da Violência temos dados de maior índice de homicídios de jovens entre 15 e 29 anos. O que não significa que estaremos nos pautando nesta referência metodologicamente. Waiselfiz aponta para a conceituação de adolescência e a diferencia da juventude por referência aos discursos médicos e psicológicos. Ele usa apenas juventude por uma questão social. Afirma que essa faixa vem mudando ao longo dos anos e nesse mapa faz uma modificação, aumentando a idade máxima definida de 24 para 29 anos, o que prolonga a faixa etária. Isso se deve ao fato dos jovens estarem com dificuldades de inserção na autonomia econômica. (2014, pg. 15)

Cartografar a juventude passa por compor nosso mapa com pistas como essas, que nos direcionem a atenção e nos apontem marcos de interesse. Nossos jovens negros e pobres estão morrendo em decorrência de homicídios. Para o pesquisador, este fato é sensível e ao mesmo tempo indignante, pela situação alarmante que compõe o cenário social dos jovens na contemporaneidade.

Somos convocados por fazermos parte, enquanto brasileiros, desse povo escravizado, negro, descendente de africanos e excluído. Somos todos negros descendentes de africanos, escravizados e excluídos. Essa nossa triste história nos habita, tenhamos a pele negra ou não, assim se revela nossa implicação com a pesquisa. Pensamos que a produção de conhecimento no país deve se voltar para os seus cidadãos, devolvendo-lhes o que lhes foi furtado e que é seu por direito. A escravidão deixou em nossa contemporaneidade uma segregação e temos que tomá-la criticamente e alardeá-la. Essa segregação hoje é nossa e deve ser visível a todos como um problema sobre o qual temos responsabilidade. A produção de conhecimento é um veículo político fundamental nesse processo e deve ter claro propósito de intervir na desconstrução da segregação e do extermínio do povo negro.

Mais do que dados, o Mapa da Violência nos mostra como todos nós estamos sendo exterminados. Estamos todos morrendo e assim nos sentimos legitimamente autorizados a cartografar e fazer desse trabalho mais do que um texto, mas testemunho de uma história, onde não há separação entre sujeito e objeto de pesquisa. Não há essa dicotomia nem segregação, não só por uma crítica/metodologia, mas também porque somos brasileiros e os jovens negros e pobres nos habitam.

Nós resistimos, há resistência sempre e esse é um dos nossos marcos. Os processos de subjetivação da juventude que resiste nos direcionam. Cartografar é acompanhar processos, construir narrativas acerca desses processos e registrá-los. Não se trata de um retrato, nem pretendemos definir e diagnosticar nossos jovens, mas sim contar sobre seus processos de resistência, sua insurgência. A cartografia é ela mesma um processo que se delinea ao caminhar, sem uma direção pré-estabelecida como um traçado *méta-hódos*, mas sim um *hódos-méta*. (Passos e Benevides, 2009) Com isso, a cartografia nos levou à pixação e ao graffiti. Nunca havíamos nos aproximado dessas artes, mas acompanhando a desobediência chegamos até elas como quem, deambulando pelo mundo, chega a uma cidade desconhecida. Uma cidade “colorida” ou “preta fosca”, que de alguma forma nos leva de volta a nossa cidade, nos devolve a ela. Uma cidade dentro da outra, mas que, como Ítalo Calvino nos revela, são “Cidades Invisíveis”. Conhecemos nossa cidade oculta ao encontrarmos a pixação/graffiti.

Experienciar a pixação/graffiti passa por estar na rua, ouvir o som das latas, o que se torna inesquecível para quem já ouviu. Sentir o cheiro da tinta, acompanhar os traços se delineando no muro num tempo próprio, perceber os olhares dos transeuntes, ouvir o que se passa ao redor, não sentir fome, não querer ir embora. Instala-se um plano de indiscernibilidade, que não faz do pesquisador um artistador, mas por algum tempo aquela experiência se incorpora e o transforma. A análise desta experiência faz surgir narrativas que pretendemos contar.

A cartografia é viva e faz reviver. Em princípio, flutuamos sobre as diretrizes iniciais do nosso mapa “iniciante”. Ficamos como que em estéreo, abertos em uma sintonização constante com as questões que nos convocam. Elas são quase sempre suaves e fugidias. Para que não nos escapem, precisamos de uma atenção especial aos vetores fugazes de resistência, que não são tão claros por estarem na margem do tecido social. Neste momento, falamos das linhas de fuga percebidas pelo cartógrafo, que podemos chamar de resistência (Passos e Benevides, 2009). Elas nem sempre estão destacadas, nem sempre são fáceis de tocar através dos sentidos pouco preparados. Há um treino para a percepção do cartógrafo, que quer captar o invisível.

Quando partimos para a nossa jornada em busca de encontros com adolescentes, pensamos que a escola pública seria o espaço que nos ofereceria isso. Não tínhamos uma proposta de trabalho pré-estabelecida, mas tínhamos interesse em nos oferecermos para possíveis demandas. Este processo foi longo, estivemos na escola de várias maneiras, em oficinas e dinâmicas, com os alunos na hora do recreio, até conseguirmos um convite para

frequentarmos as aulas de artes de uma professora que nos acolheu. Ela aceitou ter nossa companhia durante um ano, acompanhando suas aulas em duas turmas de nono ano.

Estar ali para nós já era muito importante, apenas pelo convívio que poderíamos ter com os jovens por algum tempo. Uma aula de arte urbana foi nossa primeira experiência de chegada a uma cidade que não conhecíamos. Nessa aula, despertamos nossa percepção em um treino constante, e pudemos encontrar sinais de rebeldia, de desobediência. Um vento soprava e impulsionava a vela de nosso barco para algum lugar, navegando e construindo um território de pesquisa e assim nos movíamos para a pixação/graffiti.

No primeiro capítulo, abordamos o modo de produzir conhecimento em psicologia, no que diz respeito à conceituação de adolescência. Propusemos a desconstrução parcial desse conceito, especialmente quando referido a uma compreensão da adolescência como uma fase de desenvolvimento, atrelando padrões identitários a essa experiência, o que buscamos analisar de forma crítica.

Através da leitura de Aberastury e Knobel (1981), procuramos uma abordagem psicanalítica que se referisse à adolescência, fazendo contrapontos com outras leituras também do campo da psicanálise que pudessem ampliar a visão dessa experiência.

A ideia de uma ontologia rizomática, proposta por Deleuze e Guatarri (1995), nos fundamenta na criação de uma transversal na conceitualização da adolescência. Tentando nos afastar das naturalizações acerca da experiência adolescente, entendemos o platô como um conceito/ferramenta que nos auxilia na desconstrução de uma vertente identitária, fixa e determinista.

Winnicott (1987/2005) é uma referência importante na confecção desse capítulo por trazer aspectos positivos acerca da rebeldia. Ele se debruça sobre os cuidados de jovens que sofreram privação e muito contribui para pensarmos a desobediência como algo saudável e positivo. A agressividade enquanto parte do amadurecimento humano também é uma contribuição importante de Winnicott nesse capítulo.

Reich (1975/1990) nos auxilia na sua percepção clínica da relação entre repressão sexual e etiologia das neuroses, correlacionando impulsos sexuais e agressivos como constituintes do vivo. Algumas incursões na história da psicanálise, como a participação de Reich no Seminário de Psicanálise de Viena (de 1924 a 1930), são um bom retrato da relação dos psicanalistas da época com a agressividade e permitem compreender melhor as ideias de Reich sobre a expressão da agressividade enquanto aspecto libertador e produtor da saúde.

Nesse capítulo, também nos referimos ao pensamento de Spinoza (2009) a partir das reflexões de Bove (2012) sobre a verdadeira obediência, numa perspectiva transdisciplinar, da

qual trazemos conceitos da política spinozana para pensar a adolescência. Diferentemente do que chamamos de obediência no senso comum, Bove propõe que a verdadeira obediência é aquela que, segundo Spinoza, não ignora os conflitos. A democracia, nessa perspectiva, seria o único regime onde uma “verdadeira obediência” seria possível, quando os interesses do povo são devidamente considerados e feitos seus pelo governante. No caso em que o governante negligencia seu povo, o conflito é inevitável e a desobediência fundamental, expressando o desagrado e o incômodo que vêm inevitavelmente à tona no cenário social. Também nesse capítulo, buscamos compreender a relação da agressividade enquanto força constitutiva do vivo e parte dos processos de busca e preservação da vida. Neste sentido, aliamos-nos ao pensamento de Reich, Winnicott e Spinoza.

Finalizamos o primeiro capítulo com uma crítica ao conceito de psicopatia na adolescência, fazendo um histórico da relação deste conceito com a criminalização da desobediência e da rebeldia. A ideia de uma “psicopatia normal” na adolescência, proposto por Aberastury, é analisada criticamente por introduzir este conceito de forma necessária na compreensão dos processos de desenvolvimento psicoemocional dos adolescentes.

Apontamos para a necessidade de se desatrelar o conceito de psicopatia da adolescência, mesmo que seja na tentativa de despatologizá-la, como pretende Aberastury, por crermos que haja o mau uso político deste conceito. Na história do conceito de psicopatia, vimos que ele desencadeou um processo de criminalização da desobediência. Criminalizar é uma maneira de oprimir o conflito e dificultar a expressão da agressividade necessária para a construção da democracia. Tentamos nesse capítulo desconstruir segregações entre raças bem como a discriminação racial produzida por conceitos da psicologia que não nos interessam; e criticar formas políticas autoritárias, repressoras e punitivas que nos atravessam na contemporaneidade, incluindo a criminalização da pixação.

No segundo capítulo, apresentamos a história da pichação, da pixação e do graffiti e a relação da pichação com movimentos sociais e do graffiti enquanto arte transgressora do universo mercadológico da arte. Abordamos também os processos de captura do graffiti e os impasses que este atravessa no mercado de trabalho brasileiro. Utilizamos a noção de artistação para nos referirmos às duas formas de expressão, de modo a desconstruir a dicotomia instituída entre a Pixação e o Graffiti no Brasil. A Pixação/Graffiti surge no texto como artistação por se tratar de uma forma de intervenção no território. Em nossas análises, elas estão num mesmo platô de produção de subjetividade e intervenção artística e política na cidade. Trabalhamos também aspectos clínicos da artistação, aproximando-a da abordagem que Winnicott (1975) faz do *brincar*. A Pixação/Graffiti pode ser pensada como

“brincadeiras” da juventude a partir das ideias de Winnicott, como construções de si e do coletivo.

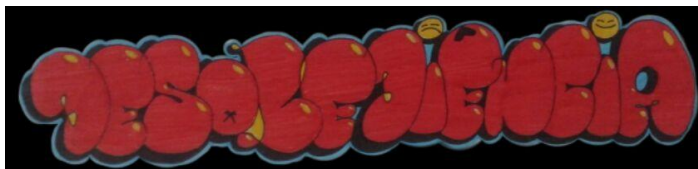
Ainda no segundo capítulo, trazemos a experiência cartográfica da pesquisa na Roda de Cultura de São Gonçalo, na oficina de Graffiti que participamos e nos encontros que tivemos com graffiteiros e pixadores. O “vocabulário” das artistações é elaborado nesse capítulo, de forma a traduzir para o leitor uma parte da língua da pixação/graffiti. Não é possível traduzir toda a língua, pois ela é, em parte e por princípio, “estranha” e assim deve permanecer, mas podemos acessar alguns códigos.

No terceiro capítulo, abordamos os territórios da pesquisa. A escola, a rua e a cidade foram nossos espaços e neles habitamos. Partimos dos conceitos de liso e estriado, de Deleuze e Guatarri (1997), para trabalharmos a desconstrução dos dualismos que o território nos provoca. Sair desses dualismos foi fundamental para o eixo deste trabalho, a fim de evitar que ele fosse apenas um retrato da pixação e do graffiti e pudesse cartografar os processos desobedientes da juventude.

As respostas da população às artistações e a questão do direito à cidade são abordados. De que forma a pixação/graffiti produz a discussão sobre o habitar na cidade, a quem ela pertence e como podemos ocupá-la. De que maneira ela traz visibilidade para uma cidade ocultada pela dominação do capital e do privado e a resistência da população quando confrontada com estas “imagens”.

Veremos a relação direta que a produção de coletivos tem com a adolescência, com a ocupação dos espaços da cidade e com a intervenção política produzida. As dificuldades encontradas pelos organizadores dos trabalhos no processo de construção e manutenção dos espaços coletivos. Como a sobrecarga de suportar essa resistência se depara com a força constatada nas batalhas de rimas, que aglutinam dezenas ou centenas de jovens nas praças. A praça, que toda semana tem a presença desses jovens, se apresenta como território de uma estética de si, em forma de rimas, dança, poesia, música, pintura e desenho.

E finalizamos este trabalho com uma reflexão sobre a clínica, que não se confina mais em consultórios, mas que vai em direção a outro tipo de saúde: a saúde que se inventa nas praças, nos muros, nas artistações.



1.1-Adolescência enquanto Platô Existencial.

“Estamos cansados de árvores. Não devemos mais acreditar em árvores, raízes ou radículas, já sofremos muito.” Deleuze G., Guattari F. 1995.

É interessante pensar como podemos entrar em conexão com uma criança ou adolescente através do HTP (House, Tree and Person) e com isso refletirmos que tipo de conexão se faz e o que se produz a partir de então. Trata-se de um teste de personalidade em que se pede para a criança desenhar uma casa, depois uma árvore e finalmente uma pessoa do sexo masculino e outra do sexo feminino. Existem formas de interpretar os desenhos onde os traços e formas têm determinados significados. Pensando na relação entre o modo cientificista e arborescente de produção de conhecimento e de subjetividade na psicologia temos, em contrapartida, o modo rizomático proposto por Deleuze e Guattari em Mil Platos 1. É possível usar a árvore do HTP para pensarmos como a psicologia se estruturou a partir de uma raiz pivotante do pensamento, determinando parâmetros pré-concebidos do ser, que estabelecem uma cisão entre o que é normal e o que escapa. Uma raiz pivotante seria aquela que dá origem a uma ramificação dicotômica. É a origem dos antagonismos, das estruturas; é de onde se “deve” partir.

Seria impossível pedir para que uma criança desenhasse um rizoma a fim de que pudéssemos analisá-la, pois o rizoma não pode ser representado. Pensar rizomaticamente é abolir parâmetros pré-concebidos, é abrir mão de árvores e de tentar estabelecer conexões por outras vias. Pelas vias cartográficas, pelos encontros, através dos acontecimentos e do

irruptivo, desconstruindo a cisão entre sujeito e objeto de pesquisa.

(...) Oposto à árvore o rizoma não é objeto de reprodução: nem reprodução externa como árvore-imagem, nem como reprodução interna, como árvore-estrutura. (...) Oposto ao grafismo, ao desenho ou à fotografia, oposto aos decalques, o rizoma se refere a um mapa que deve ser produzido, construído, sempre desmontável, conectável, reversível, modificável, com múltiplas entradas e saídas, com suas linhas de fuga.” (DELEUZE, GUATTARI, 1995, p. 32).

Deleuze e Guattari, que dizem estar em mais de dois ao escrever, propõem um livro enquanto agenciamento. Tudo no mundo pode ser visto como um agenciamento, inclusive o homem.

A psicologia, enquanto aliada aos métodos cientificistas e arborescentes, negou os agenciamentos dos processos humanos ao tentar ser objetiva, simplificando linhas, relevos, aderências e descolamentos - territorializações e desterritorializações, além do constante pulsar entre esses movimentos, através da criação de conceitos dualistas em relação a formação de personalidade e desenvolvimento humanos. Ela criou verdades em uma exterioridade empírica, produzindo modelos, moldes fixados no tempo e no espaço. Isso produz sofrimento, pois segmenta, ceifa, interrompe processos vivos. O corte aqui é no fluxo, na produção desejante, no agenciamento em que o múltiplo produz-se em multiplicidades.

Benevides e Passos (2000) ao se referirem ao campo do saber como campo de prática nos convocam a questionar historicamente a construção do campo da clínica e da psicologia. A partir de Kurt Lewin e sua noção de campo na Gestalt, durante a década de 30, temos a primeira configuração de uma relação de campo como um pressuposto de cientificidade. A partir da identificação das leis que regem a relação do indivíduo com o campo, surge o estruturalismo da relação sujeito-campo, sujeito-objeto. Uma estrutura que tem nas leis sua raiz pivotante, passa a dar credibilidade científica a produção de conhecimento em psicologia.

Na proposta de pesquisa-ação de Lewin mantém-se a distinção entre sujeito e objeto, reconhecendo que o sujeito é colhido pelo campo, mas não interfere no mesmo. Com isso, temos na psicologia uma história de produção de conhecimento pautada na neutralidade e cientificidade, na produção de conceitos estruturalistas que estabelecem cisões e oposições dualistas. Nesta perspectiva, somos cautelosos ao nos referirmos à adolescência, por ser um conceito já carregado historicamente desta herança cientificista.

A lógica dualista, assim como a árvore, tem uma raiz, um uno, um princípio que acolhe duas possibilidades, dois vetores com direções pré-estabelecidas na sua raiz, de forma reta e em oposição uma à outra. Essa raiz serve de alicerce epistemológico para uma cadeia de partições conceituais, que desenvolvem uma série conceitual, “lógica”. Numa raiz pivotante,

mesmo que as ramificações sejam mais que duas, a lógica é a mesma. A raiz é sempre a referência que dá significado aos ramos, direção e sentido. Essa lógica dualista se repete em modos reprodutivos de produção de conhecimento, onde o uno se repete em antagonismos. Complexa produção de mundo, onde simplifica para separar, para categorizar. Deleuze e Guattari falam de como essa lógica se afirma na relação do sujeito com o objeto: a raiz no sujeito e o binarismo no objeto. Brilhante percepção, porém desconcertante e desterritorializante para o psicólogo. Há que se produzir uma psicologia que não legitime práticas segmentárias, que não produza opostos os quais nunca se cruzam nem se relacionam, que não se assemelham, afinizam ou se aproximam. Uma psicologia que não sirva à reprodução desta lógica, enquanto produtora de conhecimento e intervenção. Complementando com Deleuze e Guattari:

A raiz pivotante não compreende a multiplicidade mais do que o conseguido pela raiz dicotômica. Uma opera no objeto, enquanto a outra opera no sujeito. A lógica binária e as relações biunívocas dominam ainda a psicanálise (a árvore do delírio na interpretação freudiana de Schreber), a linguística e o estruturalismo, e até a informática. (Deleuze; Guattari, 1995, pg.12).

Na lógica binária há um princípio excludente, onde ao se privilegiar um lado, um ramo, o outro necessariamente será o menor, o pior, o excluído. Há sempre uma dinâmica hierarquizadora e vertical em que um sempre estará acima ou abaixo do outro.

Segundo Oliveira (2001), o adolescente está tanto no que brinca quanto no que trabalha, o que caracteriza uma indecisão subjetiva que se relaciona com uma incerteza social, pois ora são tratados como crianças ora como adultos. Melhor dizendo, nem um nem outro, lançando o adolescente num “momento de tentação nômade” que foge da lógica do sim ou não, das distinções simples entre maiores e menores, responsabilidades e irresponsabilidades, dos binarismos. Adolescentes estão no “não-lugar”, uma espécie de “entre-dois”.

Com isso, procuramos não localizar nossa pesquisa sobre a adolescência em parâmetros binários como referência para definir o que é ser adolescente, mas sim como está sendo a experiência adolescente na contemporaneidade, de forma crítica aos estigmas já instituídos no cotidiano desses adolescentes, pois cremos que os estigmas são heranças de verticalizações qualificadoras do menor, do menos, do perigoso, do desobediente, do “anti”, do que não se pode suportar.

1.2- Por uma via rizomática e não desenvolvimentista.

No campo da psicologia do desenvolvimento há também árvores. Na interface entre desenvolvimento e exclusão social temos adolescentes negros, pobres e certamente esses estão abaixo no acesso e na hierarquia social. Por isso, a pesquisa sobre adolescência no Brasil, no Estado do Rio de Janeiro e, mais especificamente, em Niterói e São Gonçalo não pode desconsiderar as árvores.

Bocco, Coimbra e Nascimento (2005) apontam para o surgimento do conceito de adolescência diretamente vinculado à lógica desenvolvimentista, inserindo esta experiência em uma etapa à qual todos devem cumprir de forma homogênea. Esta lógica orientou e legitimou legislações contemporâneas como o Estatuto da Criança e do Adolescente, que apesar de ter desconstruído discursos menoristas acerca da juventude em códigos anteriores, ainda está fundado em bases desenvolvimentistas que apontam para homogeneidades questionáveis.

O conceito de adolescência na psicanálise é recente e surge na primeira metade do século XX, principalmente depois da Segunda Guerra Mundial.

A necessidade de se aprofundar nos estudos sobre a juventude advém de uma situação social de incômodo, de inabilidade em relação à rebeldia da juventude nas cidades, ou seja, a juventude nos coloca a pensar o espaço público. Porém, como os discursos psicanalíticos abordaram tal questão? Como foi analisada a problematização que a juventude propõe pela psicanálise? É fácil perceber a associação que se faz nos textos psicanalíticos entre adolescência e termos como delinquência e psicopatia. Por isso, torna-se necessário entrar na árvore para compreender as produções acerca da adolescência neste contexto discursivo.

Segundo Aberastury e Knobel, as características da adolescência enquanto experiência comum passam por uma busca de si, por uma identidade, como é chamado pelos autores; por uma tendência grupal; pela necessidade de intelectualizar e fantasiar; por crises religiosas, que podem pendular do ateísmo ao misticismo; por uma deslocalização temporal, proporcionando ao pensamento características primitivas do processo de desenvolvimento; por erupções sexuais; atitudes sociais reivindicatórias, com tendência anti ou associas; modos contraditórios de lidar com a vida, o ato enquanto modo de expressão conceitual; separação progressiva dos pais e constantes flutuações de humor e estado de ânimo.

No capítulo de seu livro intitulado “*A Síndrome Normal da Adolescência*”, Aberastury e Knobel chamam a atenção para o fato de eles associarem o termo *síndrome* à adolescência, por se tratar de um conceito que suscita à patologia. Há uma produção de dicotomia entre normal e patológico na cultura moderna e contemporânea, o que na adolescência é colocado à prova. Seria a adolescência normal ou patológica? Essa questão não procede na visão dos autores. Como uma provocação, como uma rebeldia aos modos subjetivos endurecidos e endurecedores, a adolescência nos obrigaria a reconhecer em nós todos os modos menores de subjetivação? A agressividade, a esquizoidia, a homossexualidade, a dificuldade de aprendizagem, etc.; estariam todos dentro do que é esperado da adolescência, dentro do que poderíamos nomear como normal?

Os autores consideram “normais” os desajustes e desencontros, os desarranjos, ou seja, os “*des*” que a adolescência produz. Dessa forma, a patologia deixa de ser legitimada a partir de um funcionamento negativo do homem, como um *pathos* inerente à sua espécie e passa a ser considerada como um modo de experiência “*des*”.

Porém, chama atenção como os autores dedicam espaço em sua obra ao que chamaram de psicopatia na relação com a adolescência. Psicopatia também é um conceito muito curioso. Segundo Aberastury e Knobel a adolescência seria uma passagem da infância para a fase adulta em que se constrói uma identidade a partir de memórias internas parentais e de experiências de exteriorização. Nesta experiência, o jovem busca construir outras referências fora das relações parentais. Na construção da identidade o adolescente percebe que os sentimentos de infância não são mais apropriados para lidar com tarefas cotidianas, com a ampliação de seu universo e com o aumento de autonomia. Essas experiências são sentidas como insuportáveis em muitos casos. A sexualidade que irrompe, pode, muitas vezes, ser sentida como invasiva, pois o jovem pode ainda não sustentar essas experiências, cujas consequências podem ser difíceis, como no caso da gravidez, por exemplo. Para lidar com esses impasses existenciais, o adolescente cria defesas. Mentir, esconder, roubar, destruir podem ser algumas formas de defesa frente às exigências que o crescimento traz.

O conflito da adolescência para os autores termina quando a identidade se solidifica, principalmente com a escolha profissional. Entendendo a identidade como uma elaboração do luto da infância e a acomodação dos processos de autonomia e relação com a nova realidade corporal e social, a psicopatia estaria consolidada no fracasso da elaboração do luto da infância a dificuldade de chegar à fase adulta.

Bocco, Coimbra e Nascimento, acerca da produção identitária dos discursos produtores da adolescência enquanto conceito, afirmam que apesar de se ter produzido um

“ideal” de juventude e normalidade, há sempre linhas de escape que tornam as hegemonias identitárias transponíveis. Há sempre na juventude a invenção, criando novas formas de funcionamento, escapando da lógica consumista do capital. “Quando definimos alguém como adolescente, podemos estar colocando em suspenso suas multiplicidades de existência e construindo uma definição que impede que os desenhos de novos fluxos e de vida ganhem força de expansão” (2005, pg.8). Apostamos que a Pixação e o Graffiti sejam veículos nesse processo de diferenciação da juventude contemporânea.

Aberastury e Knobel trabalham com o conceito de identidade, porém a ideia de platô existencial será nossa ferramenta para nos referirmos aos processos de produção de subjetividade na experiência adolescente, nos afastando do conceito de identidade enquanto nos aproximamos dos conceitos de multiplicidade.³

Refletimos sobre como alguns pensadores da psicanálise introduzem uma ideia temporal sequenciada do processo de vida, onde temos etapas que antecedem ou que sucedem umas as outras, soando como algo que não é bom, prazeroso, espontâneo, pois proporciona sofrimento e como se esse sofrimento fosse próprio da experiência adolescente. Fizemos questionamentos acerca disso, pois o que provocaria tal sofrimento estaria intrínseco ao sujeito? Construir identidade seria um corte em relação a uma infância muito hedônica, como se a infância fosse muito leve, sem angústias, sem conflitos. Não acreditamos que seja assim.

Além de segmentar a experiência em estações que parecem discriminadas existencialmente, as etapas de desenvolvimento seriam desconectadas e vividas de forma linear, muito cartesianamente, com uma noção de tempo muito confusa para a complexidade da experiência humana. Não cremos que uma concepção de temporalidade segmentarizada possa dar conta da complexidade da experiência adolescente.

Oliveira (2001) nos propõe que a adolescência pode ser entendida mais como um trabalho psíquico do que como uma faixa etária, pois trata-se mais de um processo entre a maturação dos corpos e a autorização de realizar o sexo, o amor e o trabalho; um lugar não reconhecido, pois ainda não é “agente econômico”. Sendo assim, não depende da idade, mas sim da temporalidade de cada sujeito para a realização de uma operação subjetiva de busca de um território existencial.

Referindo-se ao tempo na clínica Rauter (2012) traz a noção de duração em Bergson. Ele define o tempo não como aspecto cronológico, mensurado em anos, meses, dias, horas, minutos e segundos, mas sim enquanto duração, como um tempo da experiência. O tempo

³ Este conceito será mais bem trabalhado no terceiro capítulo.

cronológico teria uma função utilitária, parte da sobrevivência, da prática de preservação da vida. A duração seria um plano co-emergente no qual presente, passado e futuro podem coexistir sem que um defina o outro, pois há sempre espaço para a criação, para o novo.

“A subjetividade navega no tempo, ou numa grande memória que faz coexistir, retirando de uma ordem cronológica aquilo que comumente se acredita constituir sucessão. A infância, a adolescência, a vida adulta, a velhice não passam definitivamente essas épocas da vida. Todas coexistem neste plano da memória imemorial, sob a forma de *lençóis do passado*.” (Rauter, 2012 p.115).

A adolescência poderia ser entendida como um platô e não como uma estrutura sólida, fixa, num só tempo e espaço. Os platôs podem ter consistência, forma, relevo, memória, porém não são como árvores e não podem ser homogeneizados. Toda homogeneização é arborizante, é binária e nos aprisiona em círculos antagônicos.

A construção desse platô não se dá por mimetismo, também não se dá a partir da identificação, da lógica da reprodução, mas sim no agenciamento, no encontro, no acontecimento, que é sempre atual, criativo e coletivo. Não se trata de uma identidade grupal que constrói uma identidade individual através do descolamento da família e da aproximação de grupos. Trata-se de uma experiência de pertencimento, de expansão que a família não comporta mais.

Um platô é como um bulbo de um rizoma, um ponto de conexões, está sempre no meio e não busca finalidade. O rizoma é feito de platôs. Não são pontos de culminância, são centros nervosos, centros vibráteis. Assim é a adolescência.

Acreditamos que as questões que a adolescência traz em relação às conquistas de autonomia econômica, “escolha” profissional, seriam também um problema político. Países em que seus cidadãos podem atingir uma situação de emprego e segurança financeira está, a cada ano, mais raro na atual situação do Capitalismo Mundial Integrado⁴. Com isso, poderíamos questionar se isso é uma especificidade da adolescência no caso em que a pobreza é uma realidade hegemônica.

⁴ Ver Revolução Molecular – pulsações políticas do desejo, GUATARRI, F. São Paulo, Ed. Brasiliense, 1995.

1.3- Rebeldia, Destrutividade e Psicanálise

Sobre a relação que os psicanalistas fazem entre adolescência e psicopatia ou delinquência temos em Winnicott uma contribuição diferenciada. Para ele, a agressividade é parte vital do desenvolvimento humano, pois com ela nos movimentamos, nos integramos e criamos nosso universo subjetivo. Porém em *Privação e Delinquência* (1987/2005), o que pode parecer um compêndio de psicanálise sobre a natureza psicopática da adolescência é, no entanto, uma abordagem da desobediência como um fato secundário na experiência da juventude. A rebeldia faz parte dessa etapa por se tratar de um período em que finalmente se tem um corpo adulto, capaz de ir e vir e experienciar a rua e a autonomia. Porém, a destrutividade é outra experiência. Com isso, entendemos os termos delinquência e tendência antissocial utilizados por Winnicott como desobediência e rebeldia, por considerarmos fundamental sairmos dessa nomeação patologizante sobre a qual o próprio autor questiona em sua obra.

Winnicott (2005) descreve um processo de emergência de comportamentos rebeldes na infância e adolescência. Em princípio, há um equilíbrio até que a criança seja exigida além de suas possibilidades quando então ela desmorona e estabelece novos meios de defesa do ego, de qualidade inferior aos que vinha utilizando. Ela começa a ter novamente esperança e apresenta atos insurgentes para induzir a sociedade a retornar ao momento em que as coisas começaram a dar erradas e reconhecer este fato, reconhecer o erro de ter exigido mais do que a criança poderia ter correspondido. Então poderia se considerar que para Winnicott há alguma positividade nas atitudes rebeldes? Uma luta por reconhecimento de um ato desigual de forças que enfraqueceram a criança? Acredita-se que sim. Além disso, reconhecer o excesso de exigência por parte de quem cuida da criança, pode fazê-la retornar ao momento anterior ao de privação e redescobrir o bom ambiente humano. É possível, portanto, reverter os danos causados à criança. Isso também é muito positivo em Winnicott. Não é tão fácil destruir uma criança, pois ela é forte, basta que se reconheça o engano. Há um ato político na desobediência desde a infância, por se tratar de um protesto, de uma reivindicação de direitos. Toda rebelião tem uma exigência a ser atendida.

Porém, o que ocorre quando não se reconhece o engano? E quando isso se torna um padrão? A rebelião está relacionada à privação. Um adolescente que tem uma história de privação tem como forma de esperança a desobediência revolucionária da rebelião. Na verdade, para Winnicott, a rebeldia é luta pela vida, imposta pelas exigências externas, tanto

sociais quanto familiares, pois ambas estão na mesma lógica. O fundamental é que Winnicott não acredita numa natureza destrutiva na adolescência. Em sua experiência clínica, ele percebeu que os mais travessos foram aviltados, violentados e privados de serem amorosos consigo mesmos e com a vida.

Quais as implicações clínico/políticas de se abordar a adolescência por esse viés? De se pensar a adolescência como uma estação da vida humana em que se desarranja como processo vital, em que há uma desconstrução profunda na subjetividade em processo de amadurecimento, que é parte da construção de si, que faz parte da produção de subjetividade na relação com o fora, na multiplicidade dos corpos vivos, nas grupalizações, no irruptivo?

Adolescência é arborescer e rizomar, é segmentaridade e molecularização da vida, singularização constante, é construção de estrutura, de forma e desconstrução e revolução de formatações a todo tempo. “Existem estruturas de árvores ou de raízes nos rizomas, mas, inversamente, um galho de árvore ou uma divisão de raiz podem começar a brotar em rizoma.” (Deleuze G. Guattari F., 1995, p. 23).

É surpreendente como a pesquisa sobre adolescência ajusta-se bem com o método cartográfico, com uma ontologia rizomática. No princípio de multiplicidade que em um há múltiplos não há sujeito e sim processo de subjetivação. É mais vivo e próximo de visibilidade quando se convive com adolescentes. Não que isso seja uma especificidade exclusiva da adolescência.

“Existe nele uma multiplicidade de identificações não sedimentadas, contemporâneas e contraditórias. O adolescente se apresenta como vários personagens, às vezes ante os próprios pais, mas com maior frequência ante diferentes pessoas do mundo externo, que poderiam nos dar dele versões totalmente contraditórias sobre o seu amadurecimento e, inclusive num mesmo dia, sobre o seu aspecto físico.” (M. Baranguer in Aberastury, A, e Knobel, M, 1981, p. 67).

Ao mesmo tempo em que a adolescência é capturada pela sedução capitalista da sociedade de consumo — talvez mais do que todas as outras — é na adolescência que se encontram as maiores resistências, como a dificuldade de funcionar no tempo e no espaço, por exemplo. Drogas cada vez mais sofisticadas estão sendo lançadas no mercado na intenção de acelerar os mais lentos e lentificar os mais acelerados, de forma a produzir uma homeostase, ou pelo menos uma ideia de, pois não se sabe até que ponto se alcança esse equilíbrio entre ritmos e velocidades.

Pretende-se calar a juventude, controlá-la, vigiá-la, fazê-la dormir. Em meio a medicações, objetos de consumo, policiamento, falta de cultura, de lazer, de espaço urbano

para deambular e vagabundear, por falta de música boa, de praças para namorar, de cinemas para frequentar e por tanta miséria escolar que os aprisiona em metas absurdas para alcançar, vemos uma juventude ainda resistente. Principalmente a juventude pobre, negra que tem muito menos acesso a tudo isso. Porém, como diz Winnicott, “a juventude não dormirá” (2005, pg. 177), ela picha a cidade, grafita, sobe em seus prédios e se faz presente apesar das forças que querem adormecê-la.

Para que soframos menos é preciso rever formas contemporâneas de pensar e de produzir conhecimento. Será que pensar a adolescência como rizoma poderia diminuir a produção de uma adolescência mecanizada através da hipermedicalização da vida, de maior tolerância com os modos menores que há em todos nós? Talvez assim possamos, ao menos, diminuir nossos micro-fascismos.

1.4- Adolescência e agressividade: a possibilidade do vivo.

A rebeldia na juventude sugere que a psicanálise seja convocada para dar suas contribuições, o que nem sempre é possível no que diz respeito às tradicionais perspectivas psicanalíticas sobre a agressividade ou sobre o negativo na constituição subjetiva do sujeito. Digo que nem sempre é possível por não almejar compartilhar dos conceitos de pulsão de morte. Nem mesmo ao conceito de desejo inconsciente de punição, que Reich nos apresenta em sua obra *A Função do Orgasmo*, acerca do pensamento de Reik.⁵

Pretendo aliar-me a uma psicanálise que não se detenha em tentar legitimar o estruturalismo sombrio, o determinismo nefasto, muito menos à que tenta torcer desejo em morte. Parece ser fácil confundir forças e composição de forças com autodestruição e destruição de objeto quando no processo capitalista de produção se passa a torcer vida em sacrifício e trabalho em produção. O capitalismo torce processos vitais em processos produtivos e nos insere numa maquinação da vida. Ele agencia discursos e práticas e coloca o negativo no cerne do sujeito, tirando a visibilidade dos processos históricos de produção da menos valia da vida.

Então, seria a rebeldia, que pode chegar a extremos entre vida e morte, entre a destruição e a auto-poiesis, ela mesma criação? Posso ouvir em meu peito um grito enorme e

⁵ Crítica que Reich faz à ideia de Reik, publicada em seu livro *Geständniszwang und Strafbedürfnis* [Compulsão de Confessar e Necessidade de Punição], acerca de desejos inconscientes de punição, onde afirma que o delito seria, na verdade, um desejo inconsciente de punição devido às transgressões sexuais infantis.

sonoro de uma grande quantidade de gente gritando que estou torcendo morte em vida! Que estou potencializando a destruição ao afirmar a rebeldia como força criadora, pois a rebeldia pode chegar a ser fatal. Que grito-cilada, que chamado limitado, limitante, que me revela a necessidade de recorrer à psicanálise da vida e não da morte para trabalhar essa experiência humana com as forças da agressividade e da rebeldia.

Esse dualismo persegue e é preciso criar uma transversal rapidamente para que isso não encarne e paralise. Voltamos à aproximação com os adolescentes, nos protegendo do pensamento dualista, que tenta cindir a nossa atenção entre vida e morte, entre desenvolvimento e destrutividade. Com eles, conseguimos sair da maquinação pensante para uma experiência que tentamos traduzir ao escrever.

Estar perto dos adolescentes nos coloca todo o tempo em contato com a transformação. Os rostos meio criança meio adultos, corpos crescidos em algumas partes e em outras sugerem que algo ali ainda não terminou e também evidenciam a vida que está em criação. Tudo neles parece querer provar essa verdade.

Na escola percebemos uma constante desqualificação desses modos irreverentes de falar, de expressar por parte da maioria dos professores, dos funcionários, enfim, da parte adulta dessa relação. Desqualificam a forma e o conteúdo dos adolescentes, criando um abismo entre o jovem e o resto da escola quando se trata da expressão da rebeldia. E digo parte adulta por uma questão de retórica, pois na verdade não pretendo definir a juventude enquanto faixa etária, mas sim enquanto experiência humana. Porém, há uma cisão entre a escola e o discurso jovem, cheio de propostas sérias e contundentes que a escola não escuta, não legitima, talvez por tocar em hierarquizações. Percebemos que a escola sente a transgressão como algo negativo em princípio, patológico, que requer cuidados, por isso, não podem ser legítimos. Como em uma situação em que um aluno foi pego com uma seringa. Imediatamente a hipótese levantada para esse episódio foi que poderia ser uma forma de arma, uma maneira de ameaçar pessoas. Não escutaram o menino, nem para explicar por que ele estava com a seringa, pois certamente iria mentir. A desconfiança em relação aos alunos é comum no cotidiano escola. Em princípio, os alunos estão mentindo, sendo necessário que provem sua honestidade e sinceridade. Percebemos que isso desagrade os alunos e produz afastamento entre eles e os funcionários e professores.

A falta de uniforme no início do semestre deu oportunidade aos adolescentes de exibirem roupas diferentes e chamar atenção dessa forma. Aos olhos de alguns professores os alunos usavam roupas rasgadas, mas na verdade eram desenhos feitos com cortes de malha. O uso de pinos e chapinhas de metal foram frequentes por parte deles. Frases interessantes

estampavam as blusas escolhidas com cuidado, como: “A culpa é minha, eu coloco em quem eu quiser.” Foram formas de contar histórias, sentimentos, dúvidas, pensamentos que não encontram espaço na escola para serem verbalizados, assim como em qualquer outro espaço institucional. As roupas foram objeto de preocupação da escola, que desejava uniformes com máxima rapidez, pois os uniformes são fornecidos pelo Estado, assim como os livros e a maioria do material didático. Porém, houve um atraso na entrega dos uniformes no início do ano letivo, o que possibilitou aos alunos usarem suas prroupas para irem à escola.

Sentimos que na veia dessas pequenas transgressões, na linfa dessas brincadeiras de incomodar, corre agressividade. Cortar, metalizar, brincar com a culpa, tudo isso requer um movimento, uma busca de aproximação, atraindo olhares curiosos, aproxima outro adolescente, suscita um pensamento, um questionamento, convidando o mundo através de suas singularidades.

Reich diz que a agressividade é aproximação, é força de movimento, havendo em toda manifestação de vida um aspecto agressivo nela mesmo. A musculatura tem relação direta com a agressividade para gerar movimento, com isso, é fundamental afirmar que a rebeldia é agressividade e não destruição. A agressividade ativa as conexões, conecta e erotiza a vida. Reich define a agressividade como uma tentativa de prover meios para a satisfação de uma necessidade vital. Tentativa de prover meios é pura construção, é criação, é prover vida, sendo que os meios não estão dados, mas devem sim ser construídos. A juventude nos rememora que essa construção é coletiva. Quando em bandos saem pelas ruas nas madrugadas xarpindo,⁶ dançando, trepando, estão provendo meios, criando mundos juntos. Assim como afirma Reich, que considera a sexualidade como fonte de criação e de afirmação da vida, é preciso mais que um. O jovem cria matilhas e nelas provê seus meios conjuntamente.

Reich aborda a teoria da sexualidade de Freud e produz suas diferenciações. Agora uma pausa para a história da psicanálise e um pouco de teoria reichiana para posteriormente aprofundar a questão da agressividade em Reich.

Na década de 20, século XX, Reich, ainda discípulo de Freud, recebe pacientes indicados por ele. Seguindo as diretrizes de tratamento da psicanálise da época, Reich experiencia incômodos com relação aos modos de condução da técnica psicanalítica. Segundo

⁶ Xarpi é um termo utilizado pelos pichadores do Rio de Janeiro e se refere à própria pichação. Oliveira, G. R. C., Tese de Mestrado, PiXação: a arte e pedagogia como crime, UERJ, Rio de Janeiro, 2009.

ele, os analistas esperavam horas por uma associação livre, por exemplo, e tinham que fumar muito para não adormecer. Reich percebe que algo não estava sendo adequado, mas segue a mesma diretriz concluindo que não chegava a lugar algum.

A associação livre para Reich levava o paciente a uma sensação de abandono e somente afastava o analista de seus pacientes através do tédio e do sono que muitas vezes eram irresistíveis. Reich levanta algumas indagações acerca da teoria psicanalítica como: se a teoria freudiana da etiologia das neuroses estava realmente completa; se seria possível chegar a uma teoria científica da técnica e da terapia; se seria exata a teoria sobre o instinto e, se não, o que estaria faltando nessa teoria e o que tornou necessária a repressão sexual. Essa última se deve à afirmação de Freud de que as neuroses são resultantes da repressão sexual.

Reich leva essa premissa freudiana acerca das neuroses mais a fundo e segue sua clínica investigando a relação das neuroses com a história sexual de seus pacientes e a relação entre questões sociais e a repressão sexual. Para Reich o homem se organiza socialmente e essa organização tem relação direta com a potência ou falta de potência orgástica. O social e o indivíduo não estão dissociados.

A potência orgástica é o fio condutor das investigações reichianas e, segundo ele, das centenas de casos que observou e tratou ao longo de anos não havia uma só mulher que não tivesse uma perturbação orgástica e cerca de sessenta ou setenta por cento dos homens tinham perturbações genitais graves. (REICH, 1990, p. 90)

Porém, havia homens, principalmente, que não apresentavam perturbações genitais aparentes, mas apresentavam neuroses. Como explicar a fonte de energia das neuroses através do cerne somático se a potência não estiver reprimida? Esse foi o desafio de Reich. Desempenho sexual era confundido com potência. Assim Reich cita a bizarra afirmação de um psicanalista da época chamado Roheim que definia a potência como uma capacidade do homem amar uma mulher até que ela desenvolva uma inflamação na vagina. Que universo machista e deturpado na psicanálise da época, um universo masculino por excelência, onde a mulher era colocada como um veículo de satisfação e desempenho do homem. Reich se indignava com isso.

Apesar das dificuldades em aprofundar nos detalhes das vidas sexuais de seus pacientes em função da moralidade sexual da época, Reich passa a investigar mais as formas de se obter o orgasmo, quantas relações o paciente tinha por noite, qual a intensidade do orgasmo, quais as sensações provocadas pela experiência sexual, etc. O pudor em perguntar foi diminuindo e as respostas foram se tornando mais fáceis de serem respondidas, até que Reich conclui que todos realmente têm problemas sexuais.

Os mais perturbados de todos eram os homens que gostavam de alardear e exibir a sua masculinidade, homens que possuíam, ou conquistavam, tantas mulheres quantas fosse possível, e que podiam “fazê-lo” muitas vezes em uma noite. Ficou perfeitamente claro que, embora fossem ereticamente potentes, esses homens não experimentavam nenhum prazer, ou experimentavam um prazer muito pequeno, no momento da ejaculação; ou então, pelo contrário, experimentavam desgosto e desprazer. (REICH, 1990, p. 93).

É possível entender a sexualidade dessa forma percebendo que se trata do período de afirmação do capitalismo moderno, com uma enorme corrida armamentista para a Segunda Guerra Mundial. Uma sociedade que se ergue na competitividade fálica das disputas por territórios do capital. E Reich querendo falar de relação sexual amorosa. Acabou sendo expulso da maioria dos espaços institucionais em que esteve. Mas deixou sua obra que em muito nos ajuda a compreender a psicanálise que não torce vida em morte.

Mas ,enfim, o que seria potência orgástica para Reich?

Potência orgástica é a capacidade de abandonar-se, livre de quaisquer inibições, ao fluxo de energia biológica; a capacidade de descarregar completamente a excitação sexual reprimida, por meio de involuntárias e agradáveis convulsões do corpo. Nem um único neurótico é orgasticamente potente, e as estruturas de caráter da esmagadora maioria dos homens e mulheres são neuróticas (REICH, 1990, p. 94).

O que quer dizer que o processo de constituição de caráter ou o processo de constituição de si, na cultura em que vivemos, nos torna neuróticos e com potência orgástica comprometida em função de uma moral repressora e competitiva.

Reich (1990) chega à conclusão que o problema da sexualidade humana é a estase energética, o acúmulo de energia que por uma impossibilidade moral de descarga somática acumula-se no corpo e produz conteúdos psíquicos, que juntos formam a neurose. Semelhante aos problemas produzidos pelo capitalismo moderno — que coincidência. Reich também analisou o acúmulo de capital que, na posse de poucos, provoca um problema de estase social em que corações e suas neuroses também se manifestam nesse âmbito.

Portanto os processos secundários perturbam a energia sexual, produzindo assim estase e conflito psíquico, que de forma repetitiva e intensa produz o que Reich chama de couraça de caráter. Está aqui o que para ele se torna objeto de análise, pois assim chegaríamos ao que reduz a capacidade de orgasmo e poderíamos assim aumentar a potência orgástica do paciente. A Análise do Caráter seria o primeiro método analítico proposto por Reich e, através desse método, buscava desconstruir as couraças caracteriais. Tratava-se de levar o paciente a perceber uma espécie de estética neurótica, se assim podemos dizer, modos complexos em que formas de falar e se movimentar mimetizam formas de ser e se relacionar sexualmente.

Somente através da palavra o paciente não chegaria a perceber mais sobre si mesmo, desse modo não seria suficiente.

Reich queria libertar seus pacientes de suas couraças, queria reverter a ordem moral repressora através de sua clínica e de seus escritos. Acreditava que a clínica psicanalítica poderia produzir essa revolução, que partiria da potência orgástica para uma revolução maior, uma mudança humana na Terra.

Reich se depara com algo muito significativo que seria a *resistência*. Em 1924 ele assume a presidência do seminário de técnica psicanalítica de Viena e, ao inserir relatórios dos casos na rotina do seminário, percebeu que havia uma prioridade nas análises das fixações da infância e as resistências eram evitadas. Isso ocorria ou por não serem reconhecidas ou porque eram entendidas como entraves para o resultado do trabalho analítico. Reich estabelece então que somente questões relacionadas às resistências poderiam fazer parte do seminário por dois anos. Logo percebe o desamparo dos analistas em contato com a complexidade humana. Era difícil lidar com as resistências e hostilidades dos pacientes. Como a agressividade é expurgada do convívio humano através de sua demonização, quando tocada, provoca pavor, descobrimos inabilidade em nos relacionar com ela; paralisamos.

Reich acreditava que nenhuma interpretação deveria ser feita antes que essas hostilidades fossem trabalhadas na relação com os pacientes. Afirmava que as atitudes depreciativas dos pacientes constituíam a neurose do paciente também, ela era peça fundamental do processo analítico. Incluindo a polidez que, segundo ele, trata-se de uma defesa para não expor a agressividade, é um modo reprimido, um esconderijo da agressividade E deveria ser trabalhado também. Ao se referir a um caso de polidez como resistência ele aponta:

Sem qualquer pressentimento do fato, nós havíamos nos aproximado da principal característica do homem moderno, que é a tendência de repelir os impulsos sexuais autênticos e agressivos com atitudes espúrias, falsas e enganosas. A adaptação da técnica à hipocrisia do caráter do paciente apresentava consequências que ninguém adivinhava, e que todos inconscientemente temiam. Debatia-se a estrutura pessoal do terapeuta, que tinha que enfrentar e dominar essa agressão e sexualidade. Mas nós, analistas, éramos os filhos do nosso tempo. (REICH, 1990, p. 110).

Belíssima introdução de Reich sobre a relação entre ser terapeuta e fazer parte de um contexto que é mais que teórico, é para além de sua instituição de crenças e de técnicas. O analista não está para além do bem e do mal, ele está inserido nas relações de poder que definem o que é bem e o que é mal.

Era preciso estar atento e forte nesse sentido. Produzir práticas que acolhessem a resistência era a principal preocupação de Reich nesse momento em que teve até que deixar

sua teoria da energia sexual de lado, o que lhe era muito caro. Entretanto, lidar com a agressividade era o mesmo que lidar com a sexualidade. O mesmo peso da moralidade e do aprisionamento ao controle da agressividade como forma de controlar impulsos vitais. Ao perceber tamanha dificuldade dos analistas, durante sua vigência na presidência do seminário, na relação com a resistência, Reich percebe que suas contribuições deveriam ser apresentadas com maior cautela.

Reich passa algum tempo se dedicando às fixações pré-genitais que levaram a entender os desvios da satisfação sexual. Seus estudos também o levaram a pensar o casamento e a adolescência, sempre relacionando ao problema da repressão sexual. Porém nesse ínterim percebe que o conceito de pulsão de morte começa a tomar um vulto maior entre os psicanalistas. Em *Id, Ego e Superego* de 1923, Freud causa grande impacto que foi repercutindo numa dinâmica estranha em que o “id é “mau”, o superego senta-se num trono com uma longa barba e era “austero” e o pobre do ego esforçava-se por ser um mediador para os dois”. (p. 112). Uma onda teórica e mecanicista toma conta do cenário psicanalítico e Reich percebe uma diminuição de discussões de casos e um aumento de produção especulativa acerca da psicanálise. Em 1934, Reich rompe com a sociedade psicanalítica.

A sexualidade tornou-se algo indistinto; o conceito de “libido” foi despido de todos os traços de conteúdo sexual e transformou-se em uma figura de retórica. Desapareceu a seriedade das comunicações psicanalíticas: foi cada vez mais substituída por um pathos, reminiscência dos filósofos morais. (REICH, 1990, p. 113)

Para preservar a psicanálise, que acreditava ser mais clínica que retórica, ele sai da Sociedade Psicanalítica e aos poucos se afasta também de alguns conceitos da psicanálise de forma radical.

A pulsão de morte definitivamente é descartada do campo de possibilidades de Reich. Em seu trabalho clínico, a análise das resistências vai desenhando o processo de estratificação das defesas e de formação das couraças de caráter e assim Reich, a partir da aliança entre a agressividade e a sexualidade, apresenta uma forma muito mais interessante e coerente de formação subjetiva e de processo de neurotização, que nos faz pensar que, quanto maior a repressão de impulsos destrutivos e sexuais, maior o comprometimento do sujeito, maior o adoecimento.

Resistência remete também à luta que cada sujeito trava na relação com a vida. A resistência é potência também, certamente tem que ser ouvida, tem de ser acolhida enquanto positividade. É na luta contra as forças repressoras, no decorrer da vida, que o sujeito constrói suas resistências e esta, hora o defende, hora o endurece. Endurecimento que é pura estética

de si. É nesse endurecimento que nos encontramos com forças insurgentes, que não puderam irromper para preservar a vida, mas que escondem parte da vida que há. Certamente há vida sempre.

Reich diz sobre a couraça:

(...) A sua função em todos os casos era proteger o indivíduo contra experiências desagradáveis. Entretanto, acarretava também uma redução da capacidade do organismo para o prazer. (...) A energia que conservava a couraça unida era, habitualmente, uma tendência destrutiva inibida. (...) Qual a fonte da agressão destrutiva e cheia de ódio que aflorava à superfície nesse processo? Qual a sua função? Era uma tendência destrutiva primária, biológica? (REICH, 1990, p. 130).

Nos esquemas de Reich sobre o processo de estratificação das neuroses, o medo é a emoção que repetidamente se apresenta. Ele fala da força defensiva e da estratificação de estrutura neurótica a partir do medo. No início é o amor a agressividade para construir meios para satisfazer o impulso amoroso. Isso é primário. A aliança entre as forças agressivas e sexuais estão no cerne do vivo. A luta pela vida se inicia assim, enquanto forças repressoras se apresentam exteriormente ao sujeito, secundariamente fundando um platô existencial a partir do medo. Esses platôs vão sendo acrescentados ao longo do tempo, através de outros modos repressivos e de outros conteúdos de medo. Medo e mais medo. Mas a vida não desiste, mas ao contrário, ela resiste às forças externas e ao medo também.

Esse processo diz respeito a uma estética do vivo na relação com a estética do capital e da moral sexual. Engendramento de forças que como o rizoma deleuziano nos constitui o tempo todo. No medo, para não paralisar a vida que há, cria-se uma transversal, uma linha que simula o dualismo mecanicista que nos divide e despotencializa, mas na verdade é criação de linhas de fuga neuróticas e de resistência também.

Reich diz: “A agressividade do paciente era mal dirigida, sobrecarregada com sentimentos de culpa, excluída da realidade e, em geral, profundamente reprimida.” (Reich, 1990) Assim como a agressividade a energia sexual também encontra dificuldades em se manifestar, produzindo estases, acúmulos. A angústia seria uma sensação no corpo provocada pelos efeitos dessas repressões. O “medo” ou “apreensão” passam a ser uma experiência mórbida de angústia somente quando a estase de excitação física sobrecarrega o sistema autônomo. (Reich, 1990, p. 122) Sim, nesse momento, Reich introduz o que o diferencia também de outros psicanalistas: a relação entre estase e sistema nervoso autônomo. No entanto, nesse trabalho não pretendemos aprofundar esse ponto importantíssimo de Reich, que iria nos levar a outras análises.

Seguindo o pensamento de Reich sobre a agressividade e diferenciando-a da destrutividade e do sadismo, ele nos situa acerca de suas vicissitudes. A agressividade está relacionada à aproximação ao movimento e à musculatura. Aproximação, pois a manifestação da vida é sempre em movimento a alguém, a algo. A vida então se constitui nos encontros de corpos, no engendramento, na composição, com isso a vida é agressiva, é Eros em movimento. Reich aponta para o cuidado em se identificar a agressividade com o “mau” nos processos de educação da infância. Isso é terrível, extremamente repressor, produtor de neurose, de angústia e de impotência. “A agressão é sempre uma tentativa de prover os meios para a satisfação de uma necessidade vital” (Reich, 1990, p. 139).

O grande problema para Reich é a repressão sexual. Nela ele encontra a gênese da maioria das grandes neuroses de sua época. Mas o que queremos ressaltar é a positividade da agressividade em sua clínica, na relação terapêutica, desconstruindo a demonização, desmoralizando a raiva e trazendo para a relação terapêutica uma ternura que só é possível com a experiência da agressividade. A resistência é a ponte para o amor na clínica reichiana, é através dela que chegamos à força da agressividade. Resistência e agressividade estão em um mesmo platô. É preciso fazer com que a conexão entre elas fique visível para a relação entre paciente e terapeuta, surgindo assim a possibilidade de juntos, experienciarem outros afetos. Incluindo o terapeuta, que sai do torpor e entra no conflito, na luta junto com seu paciente e juntos se encontram, se chocam e se amam. Nesse momento, Reich apresenta semelhança com Winnicott, que também considera que há uma positividade na agressividade. Podemos afirmar que a destruição é decomposição, é diminuição da potência, da vida. Para ele a destrutividade não é fonte de prazer, é sobrevivência. É ainda luta pela vida. Com isso, até mesmo na destrutividade haverá vida. Não há prazer em matar um ser vivo para sobreviver, mas há luta pela vida. Mantê-la é primário, porém, a forma destrutiva de preservá-la é secundária. Essa última é consequência das circunstâncias. E para Reich:

(...) De fato a destruição serve ao “instinto de vida” (emprego intencionalmente a expressão correta naquele tempo) e é uma tentativa de evitar a angústia e de se preservar o ego na sua totalidade. Destruo uma situação perigosa porque quero viver e não quero ter nenhuma angústia. Em suma, o impulso de destruição serve a um desejo biológico primário de viver. Como tal, não tem conotação sexual. O seu objetivo não é o prazer – embora o libertar-se do desprazer seja uma experiência semelhante ao prazer. (REICH, 1990, p. 138).

Interessante a contribuição de Reich em relação ao sadismo, em relação à agressividade sádica. Se o impulso é tirano e impõe a satisfação, ele possui uma carga que tenciona o corpo e o psiquismo. A repressão o impede de satisfazer-se e com isso, gera angústia que, por conseguinte, busca o alívio da mesma. Surge então a necessidade de

satisfazer-se a qualquer preço. A tirania do impulso é amoral e com isso a agressão começa a suprimir o desejo amoroso. Há uma inversão, uma deturpação dos processos de criação de meios. Isso se torna naturalizado e também enrijece, produzindo mais um platô existencial como outros. Interessante como a repressão, com sua eficácia moralizante, paralisante consegue torcer vida em morte.

O sadismo é secundário enquanto obtenção do prazer a qualquer preço, pois o que passa a dar prazer é a forma secundária de se chegar ao prazer. Como não compará-lo aos meios capitalistas de obtenção de prazer? Como não pensar que o capitalismo insere o desejo em uma lógica sádica, onde aliado aos processos repressivos e morais, insere o impulso amoroso em algo inatingível. Com isso, a vida que não se deixa morrer cria suas estratégias de sobrevivência, mas muitos vetores deturpados são incluídos, legitimados em função das características absorventes do capital. Nesta lógica ser sádico pode ser bom? Talvez, mas ser um jovem transgressor, que suja os muros com suas tintas pretas, que sai pelas ruas em grupos são vistos como “livres” demais. Esses jovens são enquadrados e criminalizados como destrutivos. Sua arte está num limiar entre a destrutividade e a criação, entre o sádico e o revolucionário. Criminalizar a pichação é resolver esse conflito de forma repressora, o que para Reich não é interessante. Reprimir seria aumentar a resistência e potencializar o que há de destrutivo nesta forma de viver a relação com a rua e com a arte.

Com esse ensaio sobre a agressividade na perspectiva de Reich percebo que nos impulsos adolescentes nos deparamos com uma potência exacerbada, com uma exuberante aproximação com as forças da vida em luta.

1.5 - O Conatus Segundo Spinoza.

Pode ser fácil pensar em adolescência e associá-la à desobediência e esta parece ocorrer como que uma corrente, um fluxo irruptivo que provoca. A desobediência tem cores de resistência, tem tons de provocação política, tem nuances de indignação. A desobediência desterritorializa, como no caso das rebeliões.

Haveria um tipo de obediência que não fosse meramente passiva, como aquela que as correntes doutrinadoras tentam inculcar nos jovens através de uma educação cristã e que ao longo de alguns séculos vem tentando docilizar a juventude? Bove propõe, a partir de Spinoza, a noção de verdadeira obediência, que se distinguiria da obediência meramente passiva, submissa como a que se verifica nas instituições do sistema sócio-educativo, em que

jovens fitam o chão ao se dirigirem aos inspetores ou como aquela que se tenta incutir nos adolescentes através de uma certa educação cristã, já há alguns séculos. Na perspectiva de Bove, ao contrário, a verdadeira obediência advém de um acordo firmado entre partes, a estratégia de resolução de conflito que ao invés de calá-lo, de suprimi-lo, busca incluí-lo, levá-lo em consideração. Conflito é luta, é construção, enquanto que, esse outro tipo de obediência, estaria mais próxima da submissão, onde podemos colher resultados imediatos, mas que fatalmente eclodirão em novo conflito.

A submissão é perda de potência, é estar fora da jurisdição de si mesmo. Com isso, a falsa obediência ou a submissão alegre não seriam uma opção para a juventude, não potencializam o processo ontológico, nem social. Portanto, poderíamos afirmar que a resistência é conatus, é perseverar o ser, é luta pela vida e potencialização dela.

Para trabalhar a noção de positividade do conflito, é necessário recorrer à referência que Spinoza faz à Maquiavel — pois então, pame, ele mesmo, Maquiavel! — Spinoza faz um diálogo muito inusitado com ele. Podemos até dizer que ele nos revela Maquiavel. Para Maquiavel a lei é um acordo, uma atenção específica de um rei em relação aos seus súditos, em relação as suas necessidades, porém não sem um conflito.

Spinoza não defendia a eliminação física dos soberanos pelos súditos, mas também não propunha a paralisia, além de não crer na paz baseada em medo. Por falta de conflito, por submissão e medo a cidade se congela até que se rompe em guerra. Rauter C. ao se referir à produção do medo como estratégia de controle social afirma:

“Para Maquiavel é o comodismo que leva a diminuição da capacidade de luta de um povo – ou de sua capacidade de vencer seus medos. O problema do ponto de vista político ou do ponto de vista de uma democracia da multidão, não é que se tenha medo, mas sim que o medo perca esse parentesco com a revolta, e se cristalize ou ainda que se transforme em submissão alegre.” (RAUTER, 2012, p. 86).

Entendendo submissão alegre como aquela produzida pelo capitalismo, por exemplo, onde somos levados a sensações alegres, porém com diminuição da potência de agir. Como Spinoza nos elucida “Além disso, a alegria só é má à medida que impede que o homem seja capaz de agir (...)” (EIV, P.59 D). Com isso, podemos pensar que a alegria enquanto aumento de potência não pode advir da submissão.

Hannah Arendt, em seu trabalho de acompanhamento do julgamento do nazista Adolf Eichmann, na década de 50, percebe que o grande julgado naquele tribunal, imerso em afetos fortes de vingança, na verdade deveria ser a submissão. Ela percebe que a grande responsável pelas mortes atribuídas à Eichmann era mais a sua submissão, sua obediência à hierarquização da vida militar e ditatorial do que um mal em si, em Eichmann. Havia algo

maior a ser compreendido pela humanidade sobre ela mesma, no que tange o medo e a submissão como germe do fascismo.⁷ Durante sua presença em Israel, onde foi realizado o julgamento, Hannah ficou atenta aos sinais da banalidade de Eichmann, escutou-o e percebeu como, repetidamente, ele não se responsabilizava pelas mortes, pois *obedecia* às ordens. Orgulhoso de sua nefasta obediência, porém, suas argumentações não avançavam para além disso, mostrando como esta pode potencializar o fascismo. A obediência era a grande responsável e Arendt escuta isso como quem escuta um idioma pela primeira vez e se atém profundamente a essas frases, compreendendo que ele não mentia, que falava de um sentimento de fidelidade à hierarquia, que isso, aos seus olhos, o desresponsabilizava dos crimes. O que de fato não é verdadeiro, mas por isso, se sentia inocente, por ter, apenas, obedecido ordens.

Desta forma, pode-se pensar na importância dos encontros de corpos para o aumento ou diminuição do grau de potência do indivíduo. Este não pode ser considerado sujeito segundo a filosofia de Spinoza. Por definição, o indivíduo é múltiplo, portanto, sua relação com a responsabilidade individual do que se torna a ser é parte de um processo de produção de afetos, de corpos em relação de forças e não de uma tendência inata, individual.

(...) A noção de indivíduo, em Spinoza está ligada à noção de multiplicidade. Um indivíduo é sempre composto de um grande número de indivíduos. Um grupo é também um indivíduo composto por múltiplos indivíduos, um estado, um país... o universo inteiro. (...) (RAUTER, 2013, p.154).

Os afetos são as afecções do corpo que aumentam ou diminuem a potência de agir desse corpo e, simultaneamente, as ideias produzidas na mente acerca desses afetos. Quanto mais encontros, maior a potência, pois a multiplicidade enriquece sua extensão, expande o ser. Com isso, pensa-se que o *conatus* tem relação direta com a coletividade, de modo a ser produzido e potencializado por ela. A diminuição da potência gerada por afetos tristes pode ocorrer, mas o que é fundamental na filosofia Spinozana é seu aspecto expansivo do ser. A coletividade é sempre positiva, pois é criadora.

Para Spinoza a questão que toma o homem em relação ao governo é a dominação do homem por outro homem. A dominação limita a potência de agir de um semelhante, provoca afetos tristes, diminui seu grau de potência. Pode também ocorrer de um afeto alegre ser causa de passividade. Nesse caso, o capitalismo está bem eficiente na produção de afetos alegres de consumo, que nos tornam passivos em relação ao que é realmente fundamental: o bem comum. Na submissão alegre não há potência de agir, não há construção de conflito, não há

⁷ Filme: Hannah Arendt, ideias que chocaram o mundo.

luta e por isso não se pode chamar de cidade um território em que o povo vive esse Estado, já que para Spinoza uma cidade é fundada a partir do *conatus* coletivo, da luta entre a resistência e a vontade de dominar. No *Tratado Político*, Spinoza aponta que a submissão não é paz, mas sim ausência de guerra. Ele coloca no artigo 4 do capítulo V:

“Uma cidade cujos súditos não pegam em armas, deve antes dizer que está sem guerra do que dizer que tem paz. Porque a paz não é ausência de guerra; mas virtude que nasce da fortaleza de ânimo: a obediência, com efeito, (pelo art. 19 do cap. II), é a vontade constante de executar aquilo que, pelo decreto comum da cidade, deve ser feito. Além disso, aquela cidade cuja paz depende da inércia dos súditos, os quais são conduzidos como ovelhas, para que aprendam só a servir, mais corretamente se pode dizer uma solidão do que uma cidade.” (SPINOZA, 2009, p. 44).

O estado de natureza o qual Spinoza relaciona ao estado do homem sem civilização é o *conatus*, é potência para atingir a civilização. O homem deve exercer seu Direito de guerra, de luta pelo bem comum na construção da civilização, pois a multidão constrói a civilização através de suas lutas, de sua potência. O conflito é o *conatus* coletivo, é campo coletivo de força, criação. Se há algo que se possa definir por violência é quando o direito comum é violado, quando o direito natural é suprimido e o governo opressor do homem sobre o homem é potencializado. E quanto ao conflito, é possível afirmar que é através dele que se alcança a obediência, também segundo Spinoza.

Para Hobbes,⁸ a paz social só é conseguida através da obediência a um contrato, pois na sociedade o que temos é uma guerra generalizada, o homem é o lobo do homem. E o contrato não vem do jogo democrático e sim da lei transcendente, imposta verticalmente de cima para baixo. Já para Spinoza, a lei é resultado da luta e só assim, a partir da participação direta do povo na construção das leis, é que pode haver obediência às mesmas. A verdadeira obediência à lei não passa por um contrato transcendente, mas sim por uma construção no plano de imanência dessa lei. É preciso corpo, é preciso conflitar-se na produção da lei, na qual o indivíduo⁹ é seu co-autor. O alcance disso se baseia no jogo democrático, no Estado democrático que se incumbe da garantia do bem comum e, no caso de um Estado que não cumpre essa função, cabe à multidão exercer seu Direito natural e lutar coletivamente, sempre.

Concluindo, a relação entre o *conatus* e a multidão em Spinoza passa pela indissociabilidade entre o indivíduo e a coletividade, entre o Direito natural e o Direito de guerra, pois ambos são expressões da potência de agir do ser.

⁸ Ver artigo: Spinoza e a questão ético-política do Desejo – Estudos comparativos com Epicuro-Lucrecio e Maquiavel Bove. L. trad. Leon Fahri Neto, rev. Fractal, 2012.

⁹ Ver E III, P. 17, Escólio.

É nesse sentido que a relação entre a juventude, a cidade e a desobediência pode ser um analisador. Pode nos pôr a pensar através dos conflitos em que novas formas possam surgir, novas leis possam ser elaboradas a partir desses conflitos. O conflito dá visibilidade aos avessos da cidade, faz falar o que está mudo e traz para o cenário os personagens que ninguém quer ver. Assim são os Pichadores, os Grafiteiros, os arteiros das cidades. São os que ilustram os avessos nas ruas para que todos finalmente os vejam. Conflito em tinta, em formas, em palavras que ninguém decifra, mas todos sabem que estão ali. Tinta, parede, público e privado tudo se mistura num conflito, numa provocação em luta.

Durante as aulas de artes que acompanhamos na escola pudemos participar da eleição de representante de turma das duas classes que acompanhamos. Foi interessante perceber a resistência dos alunos em se candidatar e até mesmo em participar da eleição. Eles demonstravam desinteresse, apatia; aquilo em nada os mobilizava. Foi solicitado a nós que ajudássemos a eleger os representantes. Então, começamos a perguntar o motivo pelo qual eles não queriam participar. Os alunos sentiam que o representante é um “dedo duro”, que acaba ficando perseguido pelos colegas por dedurar o que acontece para a escola. Além disso, as reuniões de representantes eram no sábado e eles não queriam ir à escola neste dia. Ser representante era muito enfadonho para eles, pois se trata de uma responsabilidade cheia de tarefas e a experiência de alguns era de falta de companhia e participação dos colegas nessas tarefas, além de não acreditarem na representação de turma como veículo para mudanças.

Consideramos os argumentos relevantes, porém não seria impossível que esse quadro pudesse ser revertido, se eles realmente participassem. Se havia alguma maneira de eles mudarem isso seria através deste dispositivo que já estava instituído na escola, mas percebemos que eles não se sentiam apoiados suficientemente para lutar.

A conversa com eles foi de tentar estabelecer uma ligação entre as queixas, que eram legítimas, com a direção da escola através da participação deles. Foi colocada a ideia de uma equipe de representação, ao invés de um único representante. Foi proposto também que eu e a professora iríamos auxiliá-los nas discussões da turma e na condução das propostas. E essas ideias surgiram do coletivo e não somente de nós, professora e pesquisadora. Só assim conseguimos que eles participassem das eleições, mas a escola que inicialmente aceitou a equipe como representação, depois deixou somente o primeiro nome da lista como representante. Porém, nas primeiras prévias de levantamento de queixas dos representantes, observamos que eles já tinham discutido o que iriam reclamar e o que era prioridade, e como iriam registrar isso. Eles deveriam escrever suas sugestões em uma ficha que a escola entregou, que seria devolvida como forma de levantamento de demanda dos representantes.

Uma reunião da turma, que aconteceu em outra aula, gerou conflitos entre os alunos, mais especificamente entre duas alunas. Eles entraram na sala de artes quentes e discutindo bastante. Foi muito interessante, pois foi uma ótima oportunidade de potencializar a discussão, trabalhar os problemas de relação entre eles, fortalecer a representação de turma e potencializá-la como coletivo vivo, que está construindo a escola junto com a direção.

Eles pediram maior diversificação no lanche, pois estava enjoativo comer sempre as mesmas coisas. Melhor tratamento por parte dos funcionários ao servi-los, pois sentem certa agressividade por parte das merendeiras ao colocarem a comida para eles. Pediram maior cuidado com os bebedouros, pois os pombos habitam os bebedouros junto com os alunos. E sugeriram que a relação entre professores e os alunos seja mais próxima, pois acreditam que a maior dificuldade seja dos professores em se aproximar, de sentirem amizade por eles.

Agora basta saber se a escola enquanto instituição vai conseguir suportar ter alunos participando de sua construção, se ela vai conseguir escutá-los, já que ela faz tanta questão de que eles se representem. Essas sugestões podem ser um material importante para produzir acordos, novas formas de relação, maior acolhimento para o aluno e isso pode fazer com que eles se sintam mais confortáveis na escola. Talvez isso possa tirá-los de uma submissão e nem diríamos alegre, mas passiva, em uma verdadeira obediência.

1.6- Reich e Spinoza – A agressividade e o conatus.

É possível um encontro muito potencializador entre Reich e Spinoza quando se pensa em agressividade enquanto um modo de expressão do conatus. A agressividade é para Reich uma forma de aproximação, onde a musculatura cria movimento na busca e na criação de meios para a satisfação da vida. Isso nos coloca diante dessa força de esforço de perseverar no ser que nos fala Spinoza. Reich acreditava no conflito enquanto possibilidade de relação, enquanto possibilidade de amor.

Amor, para Spinoza, é um afeto de alegria provocado por uma causa exterior, mas o conflito para ambos é possibilidade do vivo. O vivo é conectividade, é Eros, é amor. Não há vida sem conflito não há conflito sem vida.

Na proposição quatro da *Ética III*, Spinoza diz: “*Nenhuma coisa pode ser destruída senão por uma causa exterior*”. Nesta proposição Spinoza afirma que não há no sujeito uma força intrínseca que o possa destruir. Não há no ser uma natureza destrutiva. Reich afirma também que em sua clínica nunca percebeu uma tendência inata para a destrutividade e

sempre que essa força surgia era de natureza secundária, de acordo com a etiologia das neuroses que ele deixou.

Ambos são fundamentais para a diferenciação entre a agressividade/conatus e o mal em si. Nas duas obras encontramos força suficiente para desconstruir a crença na destrutividade enquanto natureza humana. Não há prazer na destrutividade, pois ela é um meio de sobrevivência, diz Reich. Enquanto Spinoza nos diz que somos acometidos pelas paixões e por isso agimos através da imaginação. Por imaginarmos, podemos nos envenenar e, assim, diminuir a nossa potência.

Os envenenamentos a que se refere Spinoza são bem próximos do que pensava Reich acerca das neuroses e do efeito que a repressão produz. Ambos nos tornam mais enfraquecidos diante da potência de agir ou nos despotencializa na coletividade e assim, nos distanciamos da experiência da multidão. Ficamos solitários e fracos, reproduzindo microfascismos.

Eichmann obedeceu a sua hierarquia, envenenado pelas ideias nazifascistas, endurecido por sua estrutura de caráter.

1.7- Desconstruindo o conceito de Psicopatia na adolescência.

Entendendo a rebeldia como forma de resistência aos processos de produção de subjetividades que atrelam periculosidade ao jovem negro e pobre, procuramos perceber que modos de resistência a essa produção estão emergindo no cotidiano contemporâneo dessa juventude. Pretendemos também compreender historicamente a construção de conceitos que alicerçam a noção de periculosidade até a atualidade.

Pensar novas formas de resistência da adolescência nos convida a questionar modos de produção de conceitos que legitimam a criminalização da adolescência e que parecem ignorar o fator político intrínseco a esse período da vida. Adolescência é o período de entrada na vida adulta, na vida social. É um período em que novos valores podem estar emergindo e entrando em confronto com aqueles já estabelecidos. Na psicanálise da adolescência¹⁰, por exemplo, podemos encontrar os termos delinquência ou psicopatia como sendo partes do processo de desenvolvimento humano. Dentro de certa normalidade, todo adolescente seria

¹⁰ Referência de Aberastury A. e Knobel, M. em Adolescência Normal, um enfoque psicanalítico, Buenos Aires: Artmed, 1981.

um pouco psicopático (ABERASTURY, KNOBEL, 1981). Porém, perguntamos como esse conceito entrou nos discursos psicanalíticos? Como um conceito que a psiquiatria forense desenvolveu chegou a compor com a produção de conhecimento em psicanálise? A Escola Positivista do Direito Penal tem no Biodeterminismo sua principal fonte, enquanto a psiquiatria apoia-se em Morel e em sua teoria da degenerescência e nos estudos de Pinel sobre a doença mental. Esse é o cenário inicial que na primeira metade do séc. XIX inicia um processo de desenvolvimento de tecnologias de criminalização que se atualizam na contemporaneidade, como no caso do PCL-R. A *Escala Hare PCL-R: Psychopathy Checklist Revised* é um instrumento que busca diagnosticar o grau de psicopatia na população carcerária, utilizando uma entrevista semi-estruturada, com uma pontuação de 0 a 2, em que o preso é avaliado, de acordo com o conceito tradicional de psicopatia. Robert Hare, criador da escala como instrumento de medição do grau de psicopatia, visa o diagnóstico, previsibilidade de reincidência e comportamento criminal. Este procedimento é realizado para diferenciar os presos e encaminhar os mais perigosos para ambientes “mais adequados.”

Para Yamada (2009), a partir de uma aliança que desde o século XIX se instituiu entre o Direito Penal, a Psicologia, a Psiquiatria e as Ciências Naturais, o método positivista, campo dos estudos da delinquência e a criminalidade, vem ganhando terreno. A partir de pesquisas quantitativas que se pretendem neutras e objetivas, a psicologia se instrumentaliza de tecnicismos para legitimar discursos criminológicos e práticas carcerárias. Para compreendermos melhor essa construção usaremos um breve histórico da relação entre a Psicologia e o Direito Penal.

No séc. XVI, em Montesquieu e no Direito Romano tratava-se do crime como uma doença do corpo social. Já no séc. XVIII o criminoso é o doente mental e para “tratá-lo” passou-se a usar o tratamento moral, visando corrigir essa doença que é um erro de razão. A responsabilidade do crime deixa de ser uma construção coletiva e passa a ser um problema mental ligado ao erro de razão. Há uma ruptura de contrato social por parte do doente mental e isso passa a ser um problema. (Yamada, pg. 54)

Como principais pensadores clássicos do Direito Penal temos: Beccaria, Bentham e Von Feuerbach, que correlacionaram o crime ao livre arbítrio, qualificando o ato criminoso como uma atitude voluntária, individual, que torna o sujeito responsável pelo crime cometido. Como combate ao ato criminoso surge a culpabilização e a punição como tecnologia. Os estudos sobre a etiologia do crime a partir das características do indivíduo criminoso fundam e passam a fazer parte de disciplinas de diversas áreas do saber positivista e cientificista da era moderna, como a psiquiatria, a psicologia e a criminologia.

Posteriormente, temos a teoria Bioantropológica de Cesare Lombroso (1870), que afirmava ser a criminalidade uma característica de origem física e hereditária. Em seu livro *L'uomo delinquente*, cuja primeira edição é de 1876, Lombroso considerava o delito como ente natural, “um fenômeno necessário, como o nascimento a morte e a concepção”, determinado por causas biológicas de natureza, sobretudo hereditária (BARATTA, pg. 38). Raffaele Garófalo, aluno de Lombroso, acrescenta ao perfil etiológico do criminoso suas características psicológicas e os fatores sociológicos foram contribuições de Enrico Ferri. Esse último traçou o quadro dos fatores do delito formado por três classes, a saber: fatores antropológicos, fatores físicos e fatores sociais. Ferri é também um dos precursores da ideia de atribuição curativa e reeducativa aos “substitutos penais”, ou seja, a pena se torna tratamento. Em seu livro *Sociologia Criminal*, Ferri faz uma crítica a Lombroso, referindo-se a dois “pecados originais de Lombroso em *L'uomo Delinquente*”, que seriam ter dado preponderância aos dados craneológicos e antropométricos em comparação aos dados psicológicos, além de ter definido apenas um tipo de criminoso diferenciando — os criminosos passionais — e, posteriormente, os loucos. Ferri vai se diferenciar de Lombroso propondo uma análise positivista da influência social e econômica na etiologia dos comportamentos criminas (1884-2004, pg. 5). Esses pensadores compõem a parte mais significativa da Escola Positivista de Criminologia da segunda metade do séc. XIX. A psiquiatria encontra seus mestres em Morel e sua obra *Tratado das degenerescências físicas, intelectuais e morais da espécie humana*, de 1857, na qual a hereditariedade toma força para explicar os desvios. Já Galton foi quem propôs os conceitos ligados à purificação e classificação de raças, a eugenia. Este conceito, em nossa percepção, é um dos mais graves cânceres do pensamento científico-naturalístico. O que legitimou e ainda legitima genocídios.

No período de instituição do hospital psiquiátrico, ainda na segunda metade do séc. XIX, onde loucos, delinquentes, vagabundos, enfim, todos que traziam “inutilidade” à sociedade na época, Pinel definiu o que posteriormente foi chamado de psicopatia, como violência e autodestruição, “mania sem delírio”, baixa inteligência e sintomas psicóticos (YAMADA, pg. 41). Entretanto, segundo Foucault, o aspecto moral do tratamento de Pinel pretendia instalar no louco sentimentos de dependência, humildade e culpa através de métodos de ameaça, castigos, privações alimentares, humilhações, infantilizando, culpabilizando e punindo o louco por sua doença. (1968, pg. 82)

O caso do Rei Georges III foi ilustrativo para a compreensão da condução das relações de poder entre médico e louco neste período da história da psiquiatria. Quando o Rei Georges III joga excrementos no médico, sua terapêutica foi ser coberto da mesma substância,

diariamente por um mês, até que se arrependesse e reconhecesse sua atitude de “prepotência” diante de seu médico. Esse agora seria mais poderoso que um rei, pois teria sua coroa em forma de saber e isto garantia a hegemonia do médico nas relações com o resto da sociedade. Lambuzar o rei de excrementos até que ele “desista” de sua realeza se torna uma terapêutica que coroa o médico, isola e desapossa o rei.

O médico, na primeira metade do séc. XIX, seria o regulador do tempo, do espaço, dos gestos, dos corpos e dos discursos; uma ordem disciplinar que garantiria a cura dos loucos. Para isso deveria possuir belo físico, cabelos castanhos, voz forte e expressiva.¹¹ Esta aparência deveria assegurar seu poder diante daqueles que se acreditavam superiores. Havia uma percepção de que o louco se sentia superior, seus delírios os tornavam inacessíveis e de difícil docilização, por isso o médico e seus enfermeiros deveriam conter tamanha “prepotência”, constituindo uma rede que instituíam o poder médico e garantia a eficácia do tratamento.

Os delírios seriam entendidos como alguma forma de desobediência. Tratamentos torturantes foram usados como forma de correção de um psíquico “indulgente” que insiste em se expressar de forma disfuncional. Aqui, a delinquência e a loucura ainda muito indiscriminadas já sofrem efeitos de uma tecnologia disciplinar punitiva que une o discurso psiquiátrico ao discurso criminológico da época, com enfoque positivista e tecnologia punitiva. “Em pleno sec. XIX, ainda, Leuret submeterá seus doentes a uma ducha gelada na cabeça e empreendera com eles, neste momento, um diálogo o qual forçá-los-á a confessar que sua crença é apenas um delírio” (1975, pg. 83). Coerção e confissão como formas de terapia. Fica clara a aliança entre os discursos médico e jurídico.

A psiquiatria na Alemanha, neste momento, começa a introduzir o conceito de psicopatia através de Koch (1891) como “inferioridade psicopática” aos sujeitos que apresentavam comportamento inadequado, com ausência de delírios.

Segundo Rauter (2003), a psiquiatria segue conceituando a psicopatia como uma doença sem delírio. Ela se caracteriza principalmente por sujeitos que não respeitam a Lei, que em sua história de vida, não construíram sentimento de responsabilidade e respeito à autoridade. O psicopata em questão se torna um desafio para o Sistema, que articula nesse momento da primeira metade do sec. XX o capital, o Estado e as Disciplinas. Ele se torna uma linha de resistência aos processos de controle e disciplinarização. Um risco, um escape, uma ameaça. Todo homem que não se enquadre nas linhas de disciplinarização e controle

¹¹ UERJ, Conferências de Foucault no Hospital Pedro Ernesto, Rio de Janeiro.

pode ser considerado criminoso ou doente. “Serão histórias de desadaptação à escola, ao exército, ao trabalho, às autoridades, à moral vigente, que acabarão por definir, aos olhos do psiquiatra, a psicopatia.” (RAUTER, pg.117).

Dentro deste contexto, o desviante, que por definição tem origem em histórias de pobreza, promiscuidade e sujeira (segundo discursos da psiquiatria da época), pode se tornar um risco político. Dentro de suas relações de semelhança ele pode ser um meio de contágio, onde a desobediência se torne norma em desnormalização da ordem vigente; um anti-herói, porém potente. Desta forma, a psiquiatria inclui a rebeldia política em psicopatia e transforma todo e qualquer rebelde em antissocial, em ícone de periculosidade.

Foi através do psicanalista Reik que foi desenvolvida a Teoria Retributiva e Preventiva da Pena. Ele contribuiu para as teorias da criminalidade e da sociedade punitiva, acreditando na positividade da punição e legitimando o que Beccaria já assinalava como uma forma de resolução do conflito trazido pelo desviante: a culpa e a punição.

Theodore Reik, discípulo de Freud, afirmava que na dinâmica entre o ego e o superego do desviante havia uma falha que permitia que o ego não tivesse repressões. Para isso, havia um desejo inconsciente de punição que trouxesse equilíbrio para seu psiquismo. Neste caso, Baratta (2011) nos esclarece que na perspectiva de Reik, no caso da sociedade punitiva, não havia meios de eliminar o crime, pois este se apresenta como necessário e ineliminável da sociedade. Seria sim um mecanismo de organização psíquica e contenção do criminoso. Afirma-se através deste que o homem tem uma essência criminosa necessária e incurável, tão necessária quanto o sistema carcerário enquanto dispositivo de punição e livramento da sociedade do contato com o criminoso e com sua periculosidade.

Yamada (2009) acrescenta que após a Segunda Guerra Mundial, depois de um salto histórico, as tecnologias que emergem com o que Foucault denominou Biopoder, que também estão presentes no campo da Criminologia, se exacerbam e constituem novos dispositivos de medição de periculosidade e diagnóstico de psicopatia.

No Brasil, estes dispositivos são quase exclusividade de uma parcela muito específica da sociedade e quanto aos nossos adolescentes isso não se modifica. A pobreza e os resquícios da escravidão nos lançam nos índices mais alarmantes de homicídio da população negra e seu encarceramento.

O código DSM IV (Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais) da Associação Americana de Psiquiatria (*American Psychiatric Association – APA*) é atualmente uma referência no que se refere ao diagnóstico de transtornos mentais. É usado em vários

países do mundo, por clínicos, pesquisadores, seguradoras, indústria farmacêutica, parlamentos políticos, órgãos judiciários, entre outros.

Este Manual define o Transtorno de Personalidade Antissocial como associado à baixa situação sócio-econômica e contextos urbanos. O transtorno é mais comum em homens do que em mulheres e o fator sobrevivência pode dificultar o diagnóstico. Isso quer dizer que, nos casos de violência em que houve luta pela sobrevivência, o diagnóstico pode se tornar confuso. No Brasil, complexo é definir o que é sobrevivência, pois acreditamos que haja muitos motivos para que os jovens brasileiros sejam considerados em situação de risco. Eles necessitam de igualdades de direitos e boas condições de vida, porém é possível que o contexto em que as questões social e econômica estão definidas no DSM IV possa facilitar a atribuição de criminalidade à pobreza e não o contrário. Nesse sentido, a pobreza seria um dos fatores que participa da constituição do comportamento criminoso. Então, estaria implícito que o pobre tem uma tendência a desenvolver um comportamento antissocial, estigmatizando mais uma vez esta população?

A bibliografia psiquiátrica atual, ao se referir ao comportamento antissocial na adolescência, correlaciona-o com o Transtorno Desafiador Opositivo ao TDHA (Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade), ao Transtorno de Conduta e ao Transtorno de Personalidade Antissocial, sendo esse o último atribuído aos jovens a partir de dezoito anos e identificado por características como: agressividade, desobediência, oposicionismo, comportamento exaltado, baixo controle de impulsos, roubos e fugas. (BORDIM; OFFORD, 2000).

Alvarenga, Cesar, Hultz, Pacheco e Piccinini¹² abordam a relação que está sendo estabelecida pela psiquiatria atual entre o TDAH e o comportamento antissocial, sendo ambos originários de uma mesma problemática, assim como todos os transtornos citados anteriormente. Porém, diante da massiva diagnose de TDAH nas crianças na contemporaneidade, essa associação é preocupante. Segundo o trabalho dos autores, todos esses quadros são caracterizados por um temperamento difícil da criança, dificuldade em lidar com frustrações, associados a um comportamento pouco responsivo por parte dos pais. Em outras palavras, “falta de limites.” Também afirmam que o TDAH é um precursor do Transtorno Antissocial. Usando de um pouco de ironia podemos dizer que, se esses

¹² Alvarenga, P., Hutz, C. S., Pacheco, J., Piccinini, C. A. e Reppold, C., Estabilidade do comportamento Antissocial na transição da infância para a adolescência: uma perspectiva desenvolvimentista. Rev. Online Psicologia: Reflexão e Crítica. Vol. 18 n° 1 Porto Alegre Jan/Abr. 2005.

diagnósticos estivessem corretos, talvez tenhamos uma geração de psicopatas em breve no mundo, o que nos parece absurdo.

Caliman, ao se referir a George Still como um dos precursores da formulação do conceito e diagnóstico de TDAH no início do séc. XX, aponta para o aspecto moral de sua abordagem. Still entendia que as crianças apresentavam uma problemática de vontade inibitória, ou seja, um defeito do controle moral, uma dificuldade em inibir-se ou de controlar-se. Ao se referir a Barkley, autor mais recente, afirma que ele concorda com Still na questão da definição do transtorno. “Nas crianças afetadas a punição é ineficaz. O comportamento agressivo e desafiante, que está na base da criminalidade é uma manifestação comum.” (2010, pg. 52).

Caliman analisa a importância do médico inglês Still como um importante cientista, que buscou uma base corporal para os valores morais, através de suas tentativas de conectar os problemas da desobediência às regras e consensos sociais com disfunções neurofisiológicas. “Seu nome pode ser incluído na história da naturalização da moral e moralização do natural” (CALIMAN, 2006 in 2010, pg. 52). Com isso fica clara a relação atual feita entre TDAH e Transtorno de Personalidade Antissocial.

Ao refletirmos sobre a associação feita entre o Déficit de Atenção e Hiperatividade com o Transtorno Antissocial entendemos que a desobediência está na base destes conceitos de doença mental. A desobediência e a falta de punição seriam um par, que já na infância, configurariam a etiologia da criminalidade. Se a população pobre tem maior tendência a desenvolver Transtornos de Conduta e comportamento antissocial, qual seria o prognóstico das crianças diagnosticadas como portadoras do TDAH que não são pobres? Como se daria o prognóstico dessas crianças? Seriam também futuras criminosas? Como o conceito de periculosidade está sendo aplicado nesta questão? Acreditamos que crianças de classe média e alta que apresentam diagnóstico de TDAH não chegam a ser consideradas como futuros criminosos, mas talvez como inaptos ao aprendizado. Percebemos a dificuldade das escolas para lidar e conviver com crianças de classe média que desafiam, desobedecem, se enraivecem e que não se interessam pelo conteúdo escolar e perturbam o cotidiano da sala de aula. Contudo acreditamos que a periculosidade está mais atribuída ao contexto de pobreza, numa conceituação estigmatizadora de discursos psiquiátricos.

Considerando que a psicanálise, além da psiquiatria, a partir da segunda metade do século XX, passa a contribuir enquanto discurso de referência para legitimar laudos e

pareceres de especialistas acerca do crime (RAUTER, 2003).¹³ Por isso, apontamos para a necessidade de refletir criticamente sobre a relação que a psicanálise faz entre adolescência e psicopatia. Pretendemos desnaturalizar esta ligação. Perguntamos-nos também se a adolescência diagnosticada como psicopata não tem preferencialmente cor negra e mora nas periferias da cidade. Dessa forma, a “psicopatia da adolescência” torna-se não apenas uma tentativa de descrever a experiência humana, neste período da vida, mas também e principalmente, um dispositivo de criminalização da adolescência.

Passemos a examinar as contribuições de Winnicott (1987/2005) sobre adolescência. Pensamos que para este autor, a adolescência é uma experiência rica, positiva e, por outro lado, a tendência antissocial é vista como uma construção histórica, social e ligada ao ambiente. Ele propõe que esta se manifesta no sujeito de forma secundária. Quanto aos meios punitivos, Winnicott afirma que a pena seria um ato de vingança e não de tratamento. Neste caso, se o infrator tiver direito a alguma forma de cuidado, não deveria ser através de punições, pois nestas o desejo da sociedade estaria mais voltado para atitudes de vingança do que para intenção de propiciar um processo de recuperação do mesmo.

Para compreender que o infrator está na verdade doente Winnicott propõe uma etiologia da infração totalmente diferenciada da Teoria Retributiva de Reik. Ele afirma que não há um desejo inconsciente de punição no desviante, tampouco uma tendência inata para o desvio, mas sim uma construção social e histórica que produz uma doença que atinge, por conseguinte, o social. Ele identifica um padrão na etiologia do que denomina “tendência antissocial” e destaca a relação do ambiente com seu surgimento. Segundo Winnicott o que ocorre é:

As coisas corriam bastante bem para a criança;Alguma coisa perturbou essa situação;A criança foi exigida além de sua capacidade (as defesas do ego desmoronaram);A criança desorganizou-se com base em um novo modelo de defesa do ego, inferior em qualidade;A criança começa a ter esperanças de novo e organiza atos anti-sociais na esperança de compelir a sociedade a retroceder com ela a posição em que as coisas deram errado, e a reconhecer esse fato;Se isso for feito (seja por um período de complacência ou numa entrevista psiquiátrica), então a criança poderá retornar ao período que antecedeu o momento de privação e redescobrir o objeto bom e o bom ambiente humano controlador que, por existir originalmente, tornou-a capaz de experimentar impulsos, inclusive os destrutivos. (1987/2005, pg. 124)

Winnicott elaborou esse padrão a partir de sua experiência com crianças inglesas evacuadas durante a Segunda Guerra Mundial. Esse projeto do governo inglês buscava

¹³ Rauter, C. Criminologia e subjetividade no Brasil, Rio de Janeiro: Renan, 2003.

protegê-las dos ataques a fim de preservar suas vidas, levando apenas as crianças e adolescentes jovens para a periferia, em cidades do interior da Inglaterra, em princípio em abrigos, depois em famílias adotivas. As mães permaneciam em Londres acompanhando e apoiando seus maridos ou trabalhando para repor a mão de obra desfalcada pela guerra. Com sua experiência Winnicott pôde acompanhar todo o processo, desde sua implantação em 1939, e com ela construiu sua teoria sobre a etiologia da tendência antissocial e o cuidado de crianças e adolescentes sob grande estresse em situações de guerra.

Questões como a separação das crianças de suas mães, os efeitos psíquicos que isso acarreta, o sofrimento das mães e pais por se afastarem de seus filhos, a dificuldade encontrada pelos monitores dos abrigos e, posteriormente, a luta das famílias adotivas que acolheram as crianças evacuadas foram analisadas por Winnicott. Com muita sensibilidade, cuidado e delicadeza ele nos oferece uma obra rica para pensarmos também a criança e o adolescente brasileiros, que não viveram a Segunda Guerra Mundial, mas que certamente experienciam situações de guerra e de grande estresse, e certo tipo de “evacuação”.

O filme *O Contador de Histórias* (2009), dirigido por Luiz Villaça, conta a história de Roberto Carlos Ramos, um menino que foi levado à FEBEM pela mãe depois de ter visto uma propaganda da instituição na televisão, prometendo às famílias uma boa educação que garantiria um futuro melhor para seus filhos. Imagens de crianças vestidas de juízes, médicos e engenheiros eram usadas nas propagandas.

A mãe, que tinha nove filhos, apesar de sua tristeza de se separar de um deles, o leva para a instituição e o deixa lá compulsoriamente. O que faz com que uma mãe entregue seu filho para uma instituição para que ele se torne um “doutor” a custo de perdê-lo para o Estado é a pobreza. A tragédia desta história é que o projeto mostrado na propaganda era enganoso, pois a “grande” educação proposta era muito diferente na prática, não havendo de fato um trabalho pedagógico humanizado, levando as crianças a várias tentativas de fuga e rebelião.

Dentro da FEBEM, o menino era mais um número, sem nenhuma chance de se tornar um “doutor” de verdade. Essa “evacuação institucional” promovida pela ditadura militar no Brasil produziu uma geração de crianças pobres afastadas desde cedo de suas famílias que eram consideradas menos qualificadas para cuidarem de seus filhos.

Jacques Donzelot (1980), ao se referir à tutela do Estado francês como policialesca com relação às famílias pobres e descendentes de imigrantes argelinos, aborda a desqualificação e atribuição de periculosidade a essas famílias e ao esvaziamento da família burguesa, devido ao processo de enfraquecimento das relações de cuidado das famílias burguesas, como por exemplo, a amamentação dos bebês que era feita pelas amas de leite,

geralmente argelinas. Semelhante à situação brasileira que conta com uma especificidade, aqui houve tutela do Estado, porém, hegemonicamente voltada para o encarceramento. Na França, há desqualificação da família pobre e intervenção do Estado voltada para a internação e educação, mesmo que esses educandários não tenham sido um “paraíso” da Educação, porém, aqui, houve somente desqualificação, criminalização e prisão para crianças e adolescentes. A FEBEM estava longe de ser uma escola; aproximando-se mais de um manicômio ou cárcere.

Na contemporaneidade vivemos em tempos de guerra, com mortes, assassinatos, tiroteios, violência do Estado e do tráfico, violência que a pobreza engendra no cotidiano de nossos jovens, ricos e pobres. Por isso, é importante falarmos dessa guerra, reconhecer sua realidade para que outras práticas possam ser pensadas. Apesar de a miséria ter diminuído no país nos últimos governos, vemos que as desigualdades ainda são muito presentes e as diferenças são muito segregadoras. Há muito que se desconstruir em relação à atribuição de periculosidade à pobreza; há muita distância a se estreitar. As políticas de governo para reduzir a miséria são coerentes, porém a produção histórica de “inimizade” entre partes da sociedade é muito forte, principalmente nas grandes metrópoles, onde a escravidão foi muito presente.

A banalização das diferenças econômicas e a constante excitação para o consumo estão instalando um estado de guerra cada vez mais constante no cotidiano das cidades. Nossos jovens estão cada vez mais próximos do cárcere e menos propensos a serem “doutores”, apesar das cotas de negros nas Faculdades Federais. Isso parece ser insuficiente, apesar de correto. Tirar o estigma de periculosidade do jovem brasileiro é uma tarefa que requer maiores reflexões e isso inclui adiar sempre a redução da maioria penal. Os debates são necessários, as reflexões devem reconhecer que estamos vivendo no *front* e que nossos soldados morrem e matam nessa guerra.

Winnicott é conhecido por ser o psicanalista que trouxe para a psicanálise o conceito de ambiente. Há um ambiente que precisa ser bom o bastante para que a criança possa experimentar sua potência. Esse ambiente é propiciado pela mãe. Mas é preciso considerar também que a mãe também está inserida num ambiente mais amplo.

A mãe suficientemente boa é aquela que pode vivenciar a atenção materna primária e gradualmente apresenta o mundo ao seu bebê. Não que a mãe tenha total controle do ambiente, pois não é essa a ideia de Winnicott. Principalmente, pelo fato da mãe estar também

sujeita a invasões do ambiente, como no caso da Segunda Guerra Mundial, em que amamentar em meio a bombardeios não poderia ser um ambiente suficientemente bom.

Para Rauter, o excesso de estímulo¹⁴ configura o trauma e invade a subjetividade produzindo fendas em sua constituição. Não somente em situações de guerra podemos experienciar tais invasões. Nas periferias das cidades, nas comunidades em que a população pobre consegue estabelecer moradia, podemos perceber invasões e estimulações que reconhecemos como bastante perturbadoras. Constantes e invisíveis aos olhos de outras instâncias sociais, porém reais nos processos de desenvolvimento de crianças e adolescentes pobres. Tiros, balas perdidas, sons de uma guerra os invadem constantemente. A entrada violenta de policiais em seus bairros, ruas e casas (RAUTER, 2005) configura um cotidiano distanciado dos parâmetros de um ambiente bom o bastante de que fala Winnicott.

A psicanálise de Aberastury, que utiliza o termo psicopatia para definir a experiência adolescente apresenta argumentos frágeis diante da complexidade e seriedade que esse conceito recebe a partir do século XX. Acredita-se que se torna necessário a revisão destes termos na bibliografia contemporânea, principalmente quando se refere aos adolescentes. Winnicott utilizou o termo psicopatia dentro de uma categorização mais ampla, pois considerava a psicopatia quase como sinônimo de rebeldia. Contudo o termo está carregado, não pode ser isolado do contexto psiquiátrico, no qual há o risco de transformar toda forma de rebeldia em doença, o oposto do que quer Winnicott. Isso se confirma na prática clínica de outros teóricos como Reich (1990), por exemplo. Referindo-se à dinâmica da agressividade nos sujeitos, Reich afirma que durante toda sua experiência clínica nunca encontrou um paciente que apresentasse tendências inatas à destrutividade.

Aberastury (1981) conceitua a psicopatia adolescente na relação com o luto da infância, com a separação e discriminação dos pais e desidealização dos mesmos. Acredita-se que luto, separação e desidealização não estariam ligados ao crime, mas sim ao processo individualizante e familialista da psicanálise. A psicanálise de Aberastury aposta na superação da frustração e do sofrimento como formas de amadurecimento, já Winnicott aposta no vínculo suficiente, confiável e constante. São formas diferenciadas no aspecto relacional. O primeiro desconsidera a relação na construção psíquica, enquanto o segundo a torna necessária, colocando a formação do sujeito como processo que se dá na relação e a partir dela.

¹⁴ Para se referir ao trauma como excesso de estímulo ver: KHAN, M. O conceito de trauma cumulativo. In: Psicanálise: Teoria, Técnica e Casos Clínicos. pp. 57-76.

As teorias que afirmam a frustração como meio, acreditam que se o adolescente não vivencia o luto de sua infância, mantém a simbiose com os pais. Ao não conseguir discriminar-se, cronifica-se sua psicopatia. Nesse caso, a psicopatia enquanto patologia se instaura. Toda responsabilidade deste processo é do adolescente. O que queremos sublinhar neste momento é que se trata de uma teoria a-histórica e também bastante individualizante. Não acreditamos que possamos usá-la como referência para pensar a adolescência pobre brasileira, pois se trata de uma perspectiva familialista e que desconsidera o ambiente nada suficientemente bom das nossas crianças e adolescentes.

A adolescência pobre brasileira já se caracteriza por imensas frustrações e traumas, produzidos pela “invasão do cotidiano.” Ocupações policiais, guerra de facções rivais do tráfico são exemplos de como o ambiente dessas crianças está atravessado por situações traumáticas, tristes e danosas para seu crescimento. A que infância Aberastury se refere que o adolescente deve perder? Cremos que perder a mãe, o pai, elaborar Édipo são processos frágeis para a compreensão da situação desses jovens. Outros fatores que povoam a adolescência do jovem são excluídos e, no caso dos jovens brasileiros das periferias e favelas, precisaríamos incluir a violência policial como algo que impede que haja um ambiente suficientemente bom. No caso das nossas crianças pobres podemos afirmar que elas deveriam viver uma infância e não perdê-la. Fazer nascer uma infância suficientemente boa e não produzir seu luto. O luto é algo constante na vida dessas crianças. A recorrência das mortes não permite a elaboração das perdas vividas. Anteriormente apontamos a importância do luto dos pais para Aberastury como modo de elaboração da psicopatia normal na adolescência. Aqui, destacamos outros modos de luto que cremos ser tão potencialmente elaboradores quanto o luto simbólico dos pais.

Durante a pesquisa¹⁵, em que cartografamos o cotidiano escolar de jovens de escolas públicas, pudemos testemunhar um grupo que participava de uma atividade no recreio, que chamamos de “correio”. Nesta atividade eles podiam mandar mensagens para seus colegas pelo microfone acoplado a um amplificador e a um aparelho de som, que tocava músicas de seus celulares. Eles iniciaram timidamente e precisaram do nosso incentivo, mas logo começaram a se apossar do microfone e as mensagens fluíram melhor desse modo.

O pátio da escola fica em frente ao portão onde existe a presença constante de policiais militares. Essa presença intimidadora faz parte do cotidiano deles, a PM está nas ruas

¹⁵ A pesquisa realizada chamou-se: Cartografia de práticas transdisciplinares no campo da violência e da criminalidade contemporâneas: montagem de um grupo de adolescentes e de oficina de profissionais.

das comunidades onde moram e há alguns anos está nas escolas também, mantendo a vigilância. Em algum momento um dos meninos, que falava ao microfone, usa uma voz muito rouca e quase inaudível para falar de **saudade**. Ele repetia a palavra saudade várias vezes e com algum esforço conseguimos entender que se tratava de outros meninos. Ele dizia “*Saudade Luquinha, saudade Marquinho, etc...*” A polícia observava a dinâmica dos alunos sem interromper, mas a tensão estava presente entre o que eles podiam contar e o que a polícia poderia ouvir. Ficou claro que eram mensagens de luto dos amigos que morreram há poucos meses e depois viemos saber que a maioria havia sido morta por policiais. Essa experiência mostra como o cotidiano desses jovens é atravessado constantemente pela morte, e que esse fato tem muito pouca visibilidade, até mesmo para sustentar o debate acerca do real índice de periculosidade desses jovens. Suas mortes são pouco conhecidas através dos veículos midiáticos, porém as que são provocadas por ações de meninos pobres em assaltos, por exemplo, são insistentemente divulgados nos jornais e televisão. Quem é mais atingido nessa guerra? Consta no Mapa da Violência de 2014 que são os jovens que estão perdendo a guerra e morrendo no *front*. Porém, eles são acusados de serem os vilões da sociedade, enquanto, de fato, são os que morrem em maior quantidade.

Com relação ao delito na adolescência, Oliveira (2001) afirma que o circuito que leva o jovem de periferia ao delito passa pela busca de reconhecimento e de inclusão pelo capital. A falta de acesso às insígnias culturais valorizadas no mercado globalizado provoca uma produção de sentido a partir da ausência, da falta. O que está permanentemente evocado pelo adolescente suburbano em suas escolhas de ingresso na criminalidade é a esperança de uma mudança de lugar pelo acesso ao significante-dinheiro como mediador do reconhecimento buscado. Uma forma mais ágil, porém com mais riscos à própria vida, de conseguir a inclusão social que lhe é negada. (pag. 61)

Segundo Oliveira, na década de 90, em sua experiência como gestora da FEBEM do RS, 76% dos atos infracionais cometidos por adolescentes no Brasil foram por crimes contra o patrimônio, sendo 56% furtos e roubos, em meio a um contexto de desejo de consumo, necessidades e transgressão. (pag. 61)

A autora coloca que, em princípio, os alvos preferidos nesses delitos são roupas e objetos de marca, como bonés, sandálias, tênis, relógios, em uma tentativa de “consumir” a cidade da qual foram banidos, adornar-se com os elementos valorizados por ela, mas que não estão ao alcance deles. O jovem quer realizar sua inscrição. Assim como os jovens que se

registram através de suas *Tags*¹⁶ na pixação, assinando os muros das cidades. Atualmente, encontramos no Funk Ostentação um relato musicado da relação do jovem suburbano com os códigos e produtos capitalísticos, que quando alcançado promove sensação de superioridade e reconhecimento. Em músicas como *Você é o que você tem*, *Minha origem* e *Na pista eu arraso*, do Mc Guimê, podemos encontrar as narrativas da relação da juventude pobre com os objetos de consumo, percebendo a dimensão da sedução que o capitalismo produz, instalando o vazio e sentimento de menoridade nesta juventude.

A autora afirma que quanto maior o desejo de reconhecimento, mais exacerbado é o sentimento de inferioridade e maiores são as chances desse conflito ser resolvido através do delito, como estratégia de acesso. “... o delinquente juvenil é um adolescente desalojado que busca de forma exacerbada um atalho de reconhecimento.” (2001, pg. 63).



¹⁷ “Traz a nossa dança, escuta o meu som, que pra comemorar eu vou fazer chover Chandon.” (Mc Frank).

Entendemos o Funk Ostentação como mais uma expressão de rebeldia a partir da criação de letras que insere a juventude pobre no registro capitalístico, “denunciando” tudo que não é acessível a eles, como carros, ouro, champanhe, e o que atravessa a dinâmica da sexualidade, pois as meninas admiram quem tem e desprezam quem não tem. Há aqui uma crítica em relação ao efeito que o desejo consumista produz na juventude. O Funk Ostentação expõe a questão e “realiza” o acesso aos produtos, nomeando-os de forma a torná-los mais concretos e menos distantes.

Fazemos uso do conceito de rebeldia ou desobediência, buscando neles o que pode haver de positividade enquanto resistência. Em cada ato rebelde há um ato de criação e produção de subjetividade. Perguntamos-nos que atos rebeldes vêm sendo criados pela

¹⁶ *Tags* são as assinaturas dos pixadores, que muitas para a maioria da população são ilegíveis.

¹⁷ <https://www.youtube.com/watch?v=c9TEoPPXFPO> – “Olha como que o bonde tá, eu não tenho por que esconder, eu ostento com muito orgulho, porque no bagulho eu cansei de sofrer. Vagabundo ha de se admirar: olha como que o Frank ficou! Nêgo deve até se perguntar, qual foi o Banco que ele roubou! MC Frank. E Dj Juliano NS.

juventude contemporânea? Podemos encontrá-los nas “artistações” rebeldes como a pixação, o graffiti e o *Rap*, por exemplo. Nessas formas de criação artística percebemos em letras, formas, cores, palavras, gestos e danças suas coreografias sociais de protesto e resistência. Improvisam letras em forma de rimas, criam personagens estampados pelos muros da cidade, dançam coreografias que representam os atravessamentos de seu cotidiano como a violência, a luta pela sobrevivência, a autonomia e os amores. Nestas coreografias, sustentam seus corpos como malabaristas de si mesmos. Com uma das mãos giram seus corpos como um pião que tem a base fina e o topo largo. Com a cabeça no chão, fazem esculturas de pernas pro ar. Agrupam-se em praças e ocupam territórios públicos quando a polícia, a igreja e o tráfico permitem. A rebeldia da periferia faz cantar e dançar, faz colorir e algumas vezes incomodar e tem muito a nos contar.

CAPÍTULO 2. Pixação/Graffiti: as Artistações.

2.1- A História da Pixação e do Graffiti

Queria

Queria ter uma banda quando era pequeno
Que tocasse Legião e fizesse cover de John Lennon
Queria ser da linha, mas só me colocavam no gol
Queria a Loirinha, mas foi a Pretinha que me conquistou
Queria ser pintor, virei pichador
Queria ser destaque, virei destruidor
Queria ouvir “Yes”, mas só ouvia “No”
Queria tanta coisa, mas quem nunca sonhou?
Queria ensinar, mas não sabia aprender
Queria ser aluno A, mas sempre recebia B
Querer é muito fácil, todos podem querer
Desisti de querer e comecei então a fazer. (DV Nuno, 2013)

Trataremos aqui das duas formas de expressão como partes de um mesmo platô: Pixação/Graffiti — embora a pixação esteja mais capturada por discursos de criminalização, o que será abordado posteriormente, isso nos implica ainda mais com a pixação enquanto arte e contestação.

As artistações são ações que a arte produz, trata-se de uma intervenção direta no território em que estão presentes. As paredes, os muros, todos os suportes¹⁸ em que são feitos estão como parte de uma ação no ambiente, para o ambiente e o modifica. Essas artistações produzem cidades, bairros, praças, ruas e vidas.

Ao longo de toda a história da humanidade, desde a pré-história, o homem se utiliza de desenhos e escritas em paredes para se expressar, sendo que ao longo desse tempo, as tecnologias artísticas e temas vêm acompanhando os acontecimentos. Foram os romanos que denominaram como graffiti as mensagens de protesto e profecias escritas nos muros de então. *Graffiti* é o plural de *graffito*, significa “escrita em carvão” em latim italiano, pois grafite em grego é *graphéin* que significa “escrever.” Assim, podemos encontrar registros em sítios

¹⁸ Suporte é a superfície onde o graffiti ou a pixação são realizados. Este termo remete à arte rupestre onde os desenhos eram feitos em paredes de cavernas. (Rink, pg. 29)

arqueológicos de Pompéia e Roma, principalmente em catacumbas, templos e tumbas que remetem a tempos muito antigos. A arte renascentista faz ressurgir as pinturas em paredes e azulejos no século XX. A arte mural tem início no México com Diego Rivera, José Clemente Orozco e David Alfaro Siqueiros. Em 1910, estes artistas têm a intenção de fazer uma crítica à cultura mexicana dizimada pela colonização espanhola (Rink, 2013). Esses são exemplos de como a arte em paredes e superfícies públicas sempre existiram:



19

No caso da modernidade, podemos localizar na década de 60 o início de um movimento que reúne tanto o graffiti quanto a pichação²⁰. O spray surge no mercado e as palavras de protesto político são muito usadas nesse período.



É curioso o fato de a pichação ter tido uma origem política revolucionária e hoje ela ser criminalizada enquanto vandalismo ou dano ao patrimônio público e privado. A relação entre a militância política e a ditadura passa, em larga escala, pela criminalização dos movimentos políticos, o que culmina no AI-III (Ato Institucional número III), que pune com

¹⁹ Mural de Diego Rivera – Palácio Nacional – Cidade do México.

²⁰ Usaremos os termos pichação e pixação para diferenciar a pichação política originada na década de 60 da pixação que hoje vemos nas cidades brasileiras. Esta última é uma forma de escrita que não tem conteúdo político, porém não deixa de ter efeito político. (Larruscáhin, 2014)

prisão todos que se manifestem politicamente (AI – III: proibição de manifestações ou atividades sobre assuntos de natureza política). Porém, na prática, desde o primeiro Ato Institucional, a liberdade de expressão de contestação política contra a ditadura resultou em prisões, tortura e mortes dos manifestantes.²¹

A proximidade entre pichação e criminalização da arte e do protesto vem de longa data, assim como a proximidade entre os muros e os protestos. O documentário *Art of Conflict*, dirigido por Valeri Vaughn, narra a história dos murais da Irlanda do Norte que contam a relação da Irlanda com o domínio político da Inglaterra. Neste contexto, murais grandiosos foram pintados com imagens que expressavam o conflito entre os que eram contra a dependência da Irlanda em relação a Inglaterra e os que apoiavam esta relação. Imagens de guerrilha armada fazem parte dos desenhos, assim como palavras de guerra e frases de protesto. Até hoje, os murais são pintados e alguns artistas são os mesmos da década de 60, porém muitos destes murais foram reeditados de modo a serem “atualizados”. Somente alguns antigos são preservados como patrimônio histórico.

Nestes murais, muitos jovens foram presos e um deles morreu na cadeia fazendo greve de fome, o que pode ser questionável, pois não se sabe até que ponto ele morreu fazendo uma greve ou isso foi oportuno aos governantes para justificar sua morte.

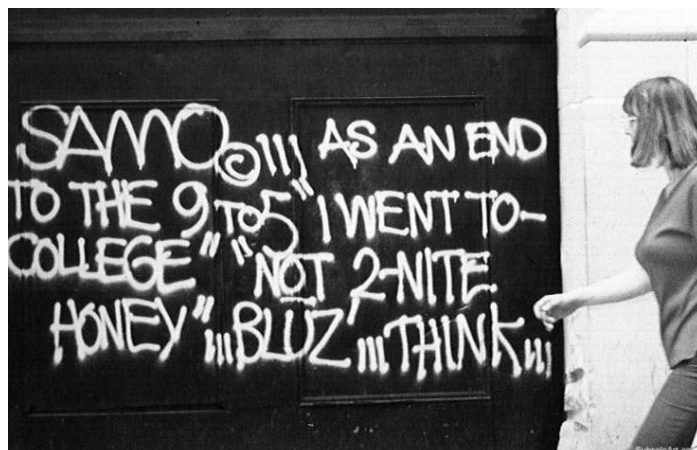
A pichação hoje no Brasil tem características vindas do movimento *Hip-hop*. São *tags*, ou melhor, marcas, assinaturas que o pixador cria para pintar nos muros. São escritos de forma linear e, em São Paulo, têm tamanho bem grande e são colocados nos locais mais altos possíveis.

Rink (2013) descreve os movimentos de “contracultura” ocorridos na década de 60 na Europa, principalmente na França e em Nova York. A juventude de então cria esse movimento como protesto às tendências conservadoras da sociedade da época. Frases como “*Vivre sans temps mort*”²² faziam parte das pichações feitas por esses jovens. O movimento “contracultural” na França dá impulso a diversos movimentos alternativos, inclusive divulgando ideias anarquistas, sempre associando arte, política e juventude.

Em Nova York, Jean-Michel Basquiat se torna ícone da arte urbana depois de graffitar nas ruas. Sua *tag* era SAMO e ele misturava o graffiti e a pichação, sendo ambos meios de expressão que se tornaram reconhecidos no meio comercial da arte nova yorkina.

²¹ Os Atos Institucionais formam um conjunto de cinco mudanças constitucionais no sistema político de forma a dar poderes cada vez mais irrestritos aos militares, do primeiro ao último ato, durante a institucionalização da ditadura militar.

²² Tradução: Viver sem tempos mortos.



SAMO nasceu em 1962 e morreu em 1988. Teve uma vida curta, mas intensa e muito criativa. O graffiti de Nova York tem muita influência de seu trabalho.

No Brasil, após as manifestações contra a ditadura militar, nas décadas de 70 e 80 temos a presença de graffiteiros americanos que vêm ao Brasil, principalmente em São Paulo, para graffitar. Haring foi um deles.



Após esse período, o movimento *Hip-hop* nos EUA toma dimensões internacionais, chegando também ao Brasil. Esse movimento tem origem na Jamaica onde os jovens, através do RAP (*rhythm and poetry*) faziam suas letras de protesto nas ruas. Os imigrantes jamaicanos nos EUA continuam esse movimento, fomentando o movimento no país.

O *Hip-hop* é composto por quatro elementos e um deles é o graffiti, além de Dj, Mcs, *B-boy* (dançarino) e *B-girl* (dançarina). Esses elementos são realizados nas ruas concomitantemente, além de contar com skatistas e pessoas que circulam e assistem.

2.2- Pixar, Graffitar e Brincar

No Brasil, o graffiti e a pichação têm origem nas periferias das cidades e são mais significativos, em princípio, no Rio de Janeiro e São Paulo. Minha história com o graffiti e a pichação começa na escola pública de Niterói, onde a maioria dos pichadores tem seu primeiro contato com a pichação. A pichação é a *tag*, a marca ou assinatura, e poderíamos fazer uma analogia da criação dessas *tags* com um brincar na adolescência. Desde já afirmamos que o brincar é um ato criativo que não pretende infantilizar a pichação nem o graffiti, mas sim potencializá-lo enquanto fenômeno humano. “O que quer que se diga sobre o brincar de crianças aplica-se também aos adultos.” (1975, pg. 61) A criança, o adolescente, o adulto e o velho têm o mesmo potencial de brincar, por isso pensar em pichação e graffiti como modos do brincar é trazer a seriedade do pensamento Winnicottiano para a experiência brincante.

Ele nos conduz a pensar no brincar como um processo que descreve da seguinte maneira:

Relaxamento em condições de confiança baseada na experiência;
Atividade criativa, física e mental, manifestada na brincadeira;
A somação dessas experiências formando a base do sentimento do eu (self). (1975, pg. 83)

Este processo estaria na base do processo de integração de si, construindo um sentimento de estar vivo, existindo enquanto unidade, como expressão do *Eu Sou*, através do processo criativo de si, que ocorre no brincar.

A brincadeira que destacamos no caso do graffiti/pichação seria inventar uma letra diferente, uma assinatura diferente de seu nome, dar sentido a ela, dar forma e humor. Tudo isso está no processo criativo da pichação. A *tag* é a brincadeira de se registrar nos muros, é colocar-se a si mesmo na cidade. Os cadernos são os primeiros suportes, no lugar de fórmulas e regras gramaticais, encontramos vários desenhos, ensaios e treinos de letras que quase ninguém conseguirá entender. Na escola pude ver pastas bem grossas compostas por folhas e folhas de *tags*, desenhos e ensaios de desenhos que iriam, foram ou irão para os muros. Essas pastas são como diários de bordo desses adolescentes, que as guardam com muito cuidado e em momentos oportunos, mostram sua pequena galeria ambulante de arte.

Winnicott (1971), ao se referir ao brincar, atribui importância a este processo na vida criativa do homem. O brincar é um ato criativo e que potencializa a criação de si, como uma dinâmica que não se dá num *dentro*, nem num *fora*, mas se dá num *lugar* e em um *tempo*. Com isso, o brincar está no entre o dentro e o fora, numa relação de espaço/tempo. O Espaço

não é fora nem dentro também, trata-se de um espaço potencial do “entre” relacional. Winnicott afirma que a brincadeira é *universal*, é própria da saúde, facilitando o crescimento e conduz ao relacionamento grupal (1971. Pg. 63). A relação do adolescente com a criação das *tags* e desenhos que pretende pintar nas paredes está neste registro que Winnicott nos elucida.

Tanto Winnicott quanto Verden-Zöller (2004)²³ trabalham o brincar num registro espontâneo, criativo enquanto uma experiência do fazer sem objetivos, sem propósitos. Um fazer por si só e neste fazer cria-se um mundo. O brincar é universal e independe da idade. “É no brincar, e talvez apenas no brincar, que a criança ou adulto fruem sua liberdade de criação.” Para Winnicott, o brincar está diretamente relacionado ao fenômeno *transicional*. É fundamental a relação entre esses conceitos, pois desloca a potencialidade da criação de um viés individualizante para um registro relacional.

Pensar a criação de *tags* como brincadeira nos remete aos conceitos de fenômeno e de objeto transicional. O fenômeno transicional consiste na experiência de posse do objeto. Ele está no domínio do “não-eu”, passando do manejo do próprio corpo, na zona erógena oral, até a ligação íntima e necessária com objetos que os bebês estabelecem, através de uma relação especificamente privilegiada.

Já o objeto transicional não é qualquer objeto, trata-se de um único objeto que carrega uma especificidade do entre o bebê e o mundo, que ajuda o bebê a suportar a diferenciação na relação materna, através de uma posse do mundo que ainda é parte dele também.

Uma característica fundamental do objeto transicional é sua ambivalência de ser bebê e mundo, pois apesar de não ser parte do corpo do bebê é sentido como uma extensão do mesmo. Winnicott fala de uma área intermediária de experiência entre o corpo e o paninho ou, posteriormente, o ursinho, entre a experiência do erotismo oral e a verdadeira relação de objeto.

Para que haja uma experiência de integração, primeiro experiencia-se uma zona intermediária que tangencia a simbiose, mas distancia-se dela por trazer o “fora” como conteúdo necessário para o amadurecimento e construção da relação objetal. É através dessa experiência que criamos a membrana que diferencia o interior do exterior, proporcionando integração e unidade, além de aliviar as angústias do processo que leva da fragmentação à

²³ Referências usadas: Winnicott – O Brincar e a realidade e Maturana, H. e Verden- Zoller, G. – Amar e Brincar; fundamentos esquecidos do humano.

integração do self. É importante percebermos a processualidade implícita nesta experiência que o objeto transicional proporciona.

Com o passar do tempo, o objeto transicional perde seu significado, pois foi descatexizado e os fenômenos transicionais se tornam difusos, se espalham pelas coisas do mundo e expandem as relações objetais. Winnicott nos diz que eles se espalham por *todo o território intermediário entre a realidade psíquica interna e o mundo externo* (1971, pg. 19). Com isso, podemos também pensar que o objeto transicional nos auxilia na conexão com o mundo, na ocupação de um território existencial externo através da construção de limiares subjetivos internos.

O fenômeno transicional é o precursor da potência criativa no homem, pois o bebê cria seu objeto, através da imaginação e da invenção. O objeto transicional tem forma, textura e peso próprios, mas na perspectiva do bebê foi ele quem o criou, pois faz parte dele também. Com isso, podemos compreender a relação do objeto transicional como um processo criativo espontâneo que parte de uma ontologia de si e da grupalidade, pois como diz Winnicott: “(...) o brincar facilita o crescimento e, portanto, a saúde; o brincar conduz aos relacionamentos grupais; o brincar pode ser uma forma de comunicação na psicoterapia.” (1971, pg. 63) Isso ocorre na psicoterapia e em qualquer relação brincante, pois a brincadeira é *universal*, segundo Winnicott.

No convívio escolar, ao experimentarem a pixação, os adolescentes aprendem/brincam de escrever uma linguagem que não é oficial, é extra-oficial, ou melhor, contra-oficial. Ela surge de uma língua oficial para deixar de sê-la através dos traços ilegíveis. Porém, o que todos entendem por rabiscos ou “garatujas”, inferiorizando ou infantilizando essas *tags*, são na verdade, caligrafias criadas como códigos de não acesso.

“Para quem acha que pixação é uma receita de bolo, que tem um passo a passo, esqueça! Na pixação, primeiro se conhece a prática para depois se construir a teoria!” (NUNO, 2013). O primeiro passo então é criar um nome para si. Em seu blog, Nuno deixa duas perguntas para os seguidores responderem: 1- Qual seu Xarpi?²⁴ e 2- Por qual motivo resolveu botar esse nome? Temos nas respostas motivos variados, dentre eles apelidos são usados, assim como referências de *Tags* de outros pixadores admirados, como no caso do Pequeno que escolheu essa *tag* em homenagem ao Médio, a quem admira; uso de nomes de pessoas queridas, palavras que remetem a potencialidade como COBRA, por exemplo, que

²⁴ Xarpi é o nome dado à pixação no Rio de Janeiro. É derivada da palavra Pixar, invertendo as sílabas como é recorrente nas criações das *tags*.

para o pixador significa sagacidade, astúcia, “pessoa perita em sua arte”, por exemplo; ou por se referir a alguma coisa que goste como um jogo ou objeto qualquer.

Algumas letras são trocadas no processo de criação da *tag* por não se adaptarem ao formato da letra, sendo que o formato, muitas vezes, se impõe à palavra. Como o pixador Fit, que em princípio, iria usar a tag Filtwister, um apelido que tinha, mas era muito extenso, com isso, tentou Filt, mas não encontrava um “L” que encaixasse na letra, por isso, ele preferiu tirar o “L” e ficou Fit.

A brincadeira de criar *tags* passa por outra questão relevante, que é o afeto de inacessibilidade ou o brincar de ocupar e se tornar parte do mundo e, principalmente, de um mundo do qualele se sente distante.

(...) Lendo minhas palavras, quero que, de alguma forma, pelo menos uma frase que aqui esteja contida, você leve para o resto de sua vida. Uma frase, uma ideia, uma rima, uma poesia, um texto ou parte dele, alguma coisa aqui você vai aproveitar. Pois além de fazer música de mensagem agora tenho livro de mensagem. E diferentemente dos muros, aqui ninguém vai apagar, pelo contrário, vão pagar. Que essa mensagem se propague começando por você. (NUNO DV, 2013)

Em *Minha Vida Rabiscada*, parte do livro de Nuno DV, ele demonstra como a escrita de um livro sobre pichação e RAP se torna oportunidade de deixar algo importante para alguém, para toda a vida. Ter acesso às pessoas e fazer parte delas é algo fundamental na vida de todos e na deles também.

Porém, o que é fundamental mesmo para um pixador é ser reconhecido por outros pixadores. Ser respeitado é o seu maior prêmio. “Para mim o pior castigo para um pichador é passar anos perdendo noites de sono, gastando litros de tinta na parede, e não ser reconhecido pelos próprios pichadores” (NUNO, 2013). Acredita-se que não se trata de um reconhecimento “econômico” no sentido capitalístico da palavra, ou seja, não há uma competitividade de quem tem mais, mas sim de quem pode mais. Esse respeito vem pela coragem de subir mais alto para pixar e também pela quantidade de *tags* espalhadas pela cidade.

As sequências feitas também são critério de admiração entre os pixadores. Uma sequência é uma linha horizontal feita com a repetição da *tag*.



25



26

O reconhecimento é uma conquista feita ao longo de algum tempo. Não é imediata, por isso é “perseguida” pelos pixadores e graffiteiros, que através de um processo de escoltagem²⁷ de muros e suportes são escolhidos espaços que podem dar maior visibilidade e exibir o grau de risco e coragem dos “*artistadores*”²⁸. Consideramos a escoltagem como uma cartografia. Todo *artistador* é um pesquisador/interventor da cidade. Seu olhar é de uma atenção aos muros que possuem uma virtualidade de escape aos esquadrinhamentos, vigilâncias, violência e que permitem uma apropriação da cidade, mesmo que momentânea.

²⁵ <http://subsoloart.com/blog/2009/06/entrevista-com-o-pixador-nuno-dv/nunodv-20/>

²⁶ Exemplo de sequência.

²⁷ Escolta é o termo usado para definir a escolha do muro ou suporte a ser pixado ou graffitado. Essa escoltagem conta com alguns cuidados, a saber: ser um muro seguro, ou seja, um muro que está “abandonado” ou com pouca vigilância, o que proporciona menos risco ao pixador ou graffiteiro; o estado do muro, como cor, nível de sujeira, textura e tamanho. Essa escolta é fundamental para a escolha do desenho que será realizado no muro escoltado.

²⁸ Usarei o termo *artistadores* para me referir aos Pixadores e Graffiteiros, autores/agentes das *artistações*.

O artistador é um cartógrafo de muros livres, a espera de artistações, de vida e movimento. Esse movimento é dado pelo artistador que desvela a potencialidade do muro, da marquise, dos trens e arranha-céus.

Durante a oficina de graffiti realizada em 2014, com o professor/graffiteiro Gal, pude perceber essa dinâmica, pois o artistador/professor pesquisou por muito tempo que muro na cidade de São Gonçalo poderia contemplar uma oficina com cerca de dez aprendizes/pixadores/graffiteiros que ali estavam para aprimorar, conhecer, ou aprender manejos do graffiti. Formas de bicos, seus diferentes efeitos, suas possibilidades de utilização no graffiti foram alguns dos conhecimentos passados pelo professor/artistador. Foram trabalhados variados tipos de letras na especificidade do *Bomber*, o sombreamento adequado, que é sempre de cima para baixo e o uso de cores, no mínimo três. Há também o *WildStyle* em que suas principais características são letras entrelaçadas, em formas pontiagudas como setas, por exemplo.

O uso de *Stencils* ou máscaras também podem ser encontrados, o que dá maior rapidez às assinaturas e às reproduções dos graffiti. São produzidas anteriormente e podem ser confeccionadas em papelão ou papel de Raio-X, porém esse material não tem muita regularidade, depende da habilidade de cada graffiteiro e sua criatividade. Qualquer material pode ser um *Stencil*.



29

²⁹ Exemplo de *Bomber*. Este trabalho foi a minha produção da oficina.



³⁰ Exemplo de *Stencil*.



31

O *Bomber* é um híbrido do graffiti e pixação. São *tags* coloridas com formatos de letras grandes e desenhadas numa forma graffiteira. Compreendi que o graffiti, enquanto aprendido, passa pelas estéticas das letras e cores, sombreamentos e jogos de profundidade, pois a partir daí o manejo dos sprays, dos variados bicos e efeitos produzidos por eles são treinados, potencializando a criação de *personas*.³²

³¹ Exemplo de *WildStyle*.

³² *Personas* são personagens que um graffiteiro constrói como sua assinatura, sua marca.



33

Este *persona* foi elaborado na escola que abrigou a minha pesquisa. Esse trabalho foi registrado na festa da escola em que o projeto *Roda de Cultura Itinerante* foi convidado para trazer até ela a cultura *Hip-hop*, semelhante ao que acontece na Praça Trindade, em São Gonçalo.

Na oficina, tive colegas que estavam ali para saírem da pixação. Não por uma crítica, desconexão ou desinteresse, mas alguns porque os pais exigiam, por terem passado a ter medo de pixar após episódios de violência policial, ou mesmo por já se sentirem maduros para correrem riscos.

2.3 - Nos encontros que tive.

Nesta pesquisa não foram feitas entrevistas, mas sim conversas que não contaram com roteiros pré-determinados. Conversei com alunos de escola, com o dono de loja de Spray, com artista plástico, com psicóloga pesquisadora de graffiti, tatuador ex-pixador, com grafiteiros e ex-pixadores. Nestas conversas pude encontrar as histórias do graffiti/pixação. A leitura do livro de Nuno também me passa como uma conversa, pois é como se ele estivesse num encontro e contasse sua história.

³³ *Persona* de Mika, grafiteira e idealizadora do projeto Cores e Valores que ocorre na praça Trindade, em São Gonçalo.

A partir do interesse dos alunos da aula de artes que frequentei pude perceber que o graffiti/pixação é uma ferramenta/brincadeira muito sedutora para os adolescentes. Durante a aula de Stencil que acompanhei na aula dentro da escola pude escutar e perceber o que as formas contavam daqueles jovens; seus desejos, suas dúvidas e irreverências. Recebi suas pastas de *tags* e eram como um arquivo criativo, muito afetivo para eles. Na escola ocorre parte importante, mas não potencializadora, do processo criativo do Pixador/Graffiteiro, pois lá eles trocam informações e usam pilots, canetas especiais compradas em lojas especializadas em sprays e isso faz parte da iniciação, mas é na rua que eles se expandem.

“Dentro da escola também tinham aqueles nomes, e muitos outros também, mas o fascínio era nas ruas. Na escola era giz de cera, de pilot ou de caneta. Na rua era com tinta, maiores, mais coloridos, e em locais que só voando ou com tapete mágico do Aladdin que daria pra chegar. Na época, queria saber como alguém conseguia chegar até ali.” (NUNO, 2013)³⁴

Na tentativa de explorar melhor essa atração que os alunos tiveram pelo graffiti, eu e a professora tentamos nos aproximar de graffiteiros para tentar enriquecer a experiência dos alunos com essa arte. Foi então que conhecemos a Roda de Cultura de São Gonçalo, pois faz parte da cultura *Hip-hop* a prática coletiva do graffiti. Uma visita até a roda e troca de informações de redes sociais foram feitas; e assim cheguei até a oficina de graffiti com o Gal e conheci a loja de Spray.

Frequentar uma loja de Spray é um experiência muito rica. A minha inscrição na oficina foi em uma loja e chegar lá foi um processo interessante. Ao telefone, soube que o endereço da loja era próximo a um shopping em frente a uma parte conhecida da cidade, enfim, apenas pistas, nada de número, nem referências mais “cartesianas”. Ao chegar na rua haviam várias galerias iguais e não sabia qual delas era a certa, então decidi entrar em uma loja e perguntar ao segurança mais jovem que estivesse ali sobre a loja de Spray. Ele certamente conhecia e me deu as coordenadas que faltavam.

Subi as escadas muito antigas, com estabelecimentos dos mais variados possíveis e a loja de spray ficava no último andar. Não fosse minha alegria de estar ali, sentiria muito cansaço. Ao chegar na loja vi muitas latas coloridas, roupas de marcas alternativas que só quem frequenta conhece, bonés, bicos e canetas. Ao contar por que estava fazendo matrícula para a oficina de graffiti, o dono da loja narra muitas histórias dos lendários graffiteiros e pixadores do Rio, Niterói e São Gonçalo. Mostra-me pastas grossas de *tags* de seus ídolos,

³⁴ <http://nunodv.blogspot.com.br/blog-de-Nuno-DV>

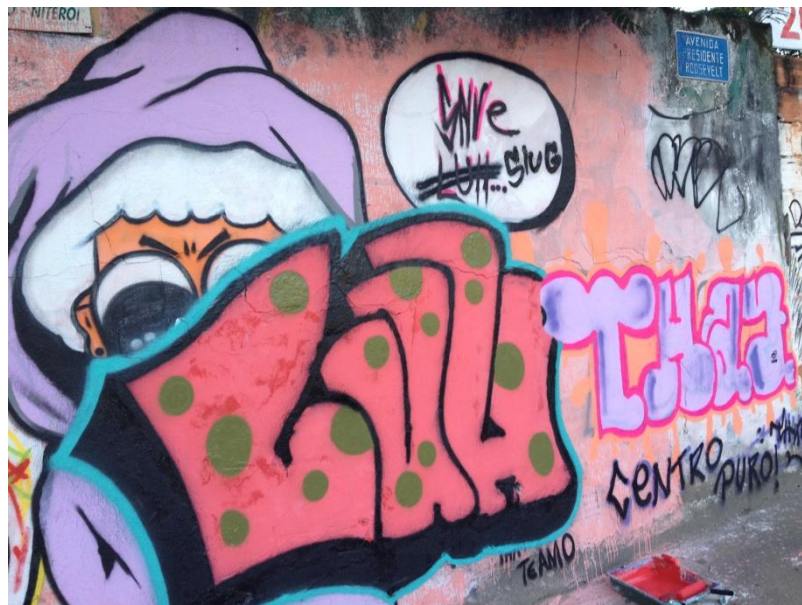
colhidas ao longo de anos e ali estão os mais antigos e famosos pixadores. Ele me mostra tudo com muito entusiasmo, como quem mostra um livro de autógrafos de Hollywood.

Ali mesmo encontrei um adolescente que comprava tintas para sua namorada graffitar um muro em São Francisco, em resposta ao que eles chamam de *Ratada*. Ratar alguém é pintar por cima da arte do outro, o que representa uma grande ofensa e desrespeito entre os graffiterios. Ela havia escoltado um muro muito bom em uma avenida muito movimentada de um bairro de elite de Niterói. Fez um *Bomber*, porém outro graffiteiro graffitou por cima de sua arte. Seu namorado estava na loja comprando um “arcenal” para a “vingança”. A curiosidade fez com que nós conversássemos sobre o que iria acontecer e me surpreendeu a colocação do dono da loja de spray que desestimulou os adolescentes de continuarem essa dinâmica vingativa, pois acreditava que o muro era de todos e que isso não teria fim. Apesar de ser interessante economicamente para ele que vende sprays, não estimulou a competição entre os jovens pelo muro. Porém, isso não resultou em desistência por parte da menina que insistiu em ir até o fim. Já que assim estava decidido, eu me propus a acompanhá-los com a permissão de ambos.

Nessa experiência, pude acompanhar pela primeira vez a criação de um graffiti. Ao conhecer a jovem que se rebelava contra a “ratação”, vi uma menina, com seu caderno de desenho com o rascunho do que ela pretendia pintar e sua bolsa de sprays. Na bolsa havia uma cópia da lei que autoriza o graffiti na cidade de Niterói. O casal estava calmo e alegre com a minha presença e contaram muitas histórias também. Contaram que começaram na escola e que se conheceram lá também. Ele já havia terminado o ensino médio e estava trabalhando em um escritório como auxiliar de escritório e faltou ao trabalho naquele dia para se “recuperar”, mas fazia parte dessa recuperação sair para a rua e graffitar com sua namorada. Eles sempre estão juntos nos muros. É uma história de amor registrada nas paredes da cidade, sempre com seus graffiti um ao lado do outro.

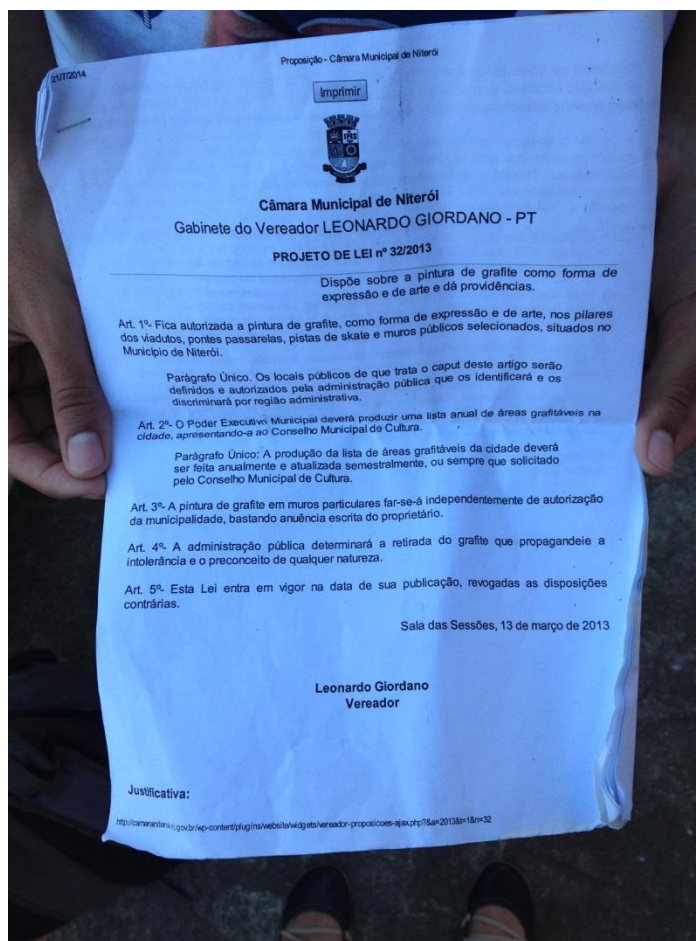


Este era o muro antes da “vingança”.



Assim ficou depois da “vingança”.

Depois disso, atualmente, já foi feito outro graffiti *ratando* novamente minha jovem companheira de muros. Parece que o dono da loja estava certo.



35

Depois da minha primeira visita ao Festival de Rap e Cultura de São Gonçalo, que acontece na Praça Trindade todas as sextas-feiras, em 5/09/2014, voltei no dia 08/11/2014.

Já que estou trabalhando a pichação/graffiti, seria interessante me aproximar mais do Festival para colher mais dados sobre o tema da pesquisa. Sendo assim, decidimos que seriam feitas cinco visitas ao Festival para que pudesse usar como campo na dissertação e a escola entra, na dissertação apenas como ponto de partida para a aproximação dos adolescentes.

Na primeira vez que estive no Festival precisamos usar um GPS para encontrar a praça. Fomos eu, meu marido e minha filha de carro e nos perdemos, pois São Gonçalo é um município muito extenso e o trânsito é um pouco diferente de Niterói. Existem sinais que não são respeitados, cruzamentos sem sinalização e salve-se quem puder atravessar primeiro sem colidir com ninguém. As pessoas não usam cinto de segurança e por ser tão extenso, ficamos mais tempo no trajeto do que esperávamos.

Quando encontramos o local e estacionamos, percebi que era uma praça muito frequentada pelos moradores do bairro. Estava cheia de gente, muitas famílias com crianças e

³⁵ Cópia da lei que autoriza a produção de graffiti em Niterói, trazida pelos adolescentes que acompanhei.

muito bares em torno, com iguarias interessantes como espetinhos de carne com batatas fritas e cerveja gelada.

A praça é iluminada e colorida, com brinquedos infláveis para alugar, que dão um colorido a mais para o lugar. São enormes escorregas e pula-pulas, carrinhos elétricos, barraquinhas de miudezas femininas e coisinhas de criança. Mas o Festival era mais atrás na praça e continuando a andar vimos uma arena com dois degraus e um palco no meio. A arquibancada estava ocupada com muitos jovens mais meninos que meninas. No meio, no palco, uma aparelhagem de som, um computador, um animador, o organizador e seus amigos. No chão, havia um tapete de plástico quadriculado que serve aos dançarinos (*B-boys* e *B-girls*) para o *Break*, como é chamada a dança do movimento *Hip Hop*.

Estava lá para conhecer a Roda e para compreender como o evento funcionava com os adolescentes. Não tinha nenhuma noção de como era uma roda de *Hip Hop* e como era a repercussão desse trabalho com os jovens da periferia.

Entendi que o *Hip Hop* é um movimento composto de quatro elementos que são o *Break*, o *Mc*, o *Dj* e o *Graffiti*, sendo o *Mc* quem faz rimas e cria letras para as melodias que o *Dj* toca com sua aparelhagem. Enquanto os *B-boys* e *B-girls* dançam e os grafiteiros “ilustram” o momento. Fui até lá, também, atraída pelo graffiti que seria meu interesse de pesquisa, mas não havia grafiteiros nesse dia. Conheci o dono da loja de Spray, que me falou da oficina que um amigo dele daria nos próximos dias e ofereceu sua loja para que eu conhecesse. Mas na praça o graffiti tem data para acontecer. Uma das grafiteiras do grupo tem outro projeto que se chama *Cores e Valores* — nome de uma música dos Racionais Mcs³⁶ — que trata-se basicamente de graffiti e não tem uma data pré-estabelecida, mas tem regularidade e acontece na mesma praça. Ou seja, mesmo que o graffiti não esteja sempre presente nas sextas-feiras, na Roda, ele está presente no território construído pelo Festival de Rap e cultura de São Gonçalo.

Desta forma, me aproximo mais do movimento que agrega diversos elementos e do qual o graffiti faz parte, mas não é único. Isso me fez pensar em mais meios de resistência da juventude negra e pobre do Rio de Janeiro, na multiplicidade que há nas formas de resistência, ampliando o território da pesquisa. Seriam a dança, a música, o graffiti e a poesia das improvisadas batalhas. São batalhas de rimas que, como um repente, respondem provocações e criam ritmadas associações. É uma ampliação do campo de pesquisa, que me mantém conectada com o graffiti e com as forças da cidade.

³⁶ Grupo de *Rap* – visível em <http://www.youtube.com/watch?v=oAvwwCeN6dQ>

Em uma das minhas idas ao Festival de RAP e Cultura de São Gonçalo encontrei o professor de graffiti da oficina que eu fiz. Ele estava visitando a roda e conversamos bastante sobre a situação dos grafiteiros. Ele estava com dois amigos que são tatuadores de São Gonçalo. Eles falaram da história do graffiti, da pixação e de que o fato do graffiti ter sido legalizado não significou grande melhora financeira para o grafiteiro. Talvez por isso, muitos deles estejam trabalhando fora do país. De acordo com o que foi dito, o trabalho, quando encomendado, é pago por diária e o valor é dado como uma diária de pedreiro. Ou seja, a remuneração do graffiti ainda está referida ao trabalho de empreiteiro ou pintor de parede, sem especialização e, mais sériamente, sem reconhecimento enquanto trabalho artístico. Essa discussão é muito importante, pois a legalização não valoriza esse trabalho. O grafiteiro tem muito mais valor se não for pago e se for *vandal*³⁷. Assim ele tem mais destaque, é mais visto, mais valorizado até pela sociedade.

Além disso, conforme relatado, há dificuldade em receber bem pelo trabalho e em tempo hábil para a sua sobrevivência, pois recebe-se recorrentemente dois meses depois do trabalho concluído, já que as notas fiscais só são autorizadas a serem pagas pelos estabelecimentos comerciais, nesse espaço de tempo, o que me pareceu muito desanimador. Pelo que pude perceber, ele gostaria de receber mais e mais rápido e o contrato deveria ter outras condições. Ele crê que deveria cobrar pelo trabalho de criação e não por diária.

As notas fiscais são emitidas como trabalho de manutenção ou reforma, incluindo o graffiti em uma categoria de prestação de serviço da engenharia civil, o qual, no Brasil, ainda é realizado por trabalhadores com pouco ou nenhum estudo, chamados de servente, pedreiro, auxiliar de obra, etc. Isso determina os baixos valores pagos pelas diárias de trabalho do grafiteiro.

Conversamos também sobre os pixadores e ficou clara a admiração que os grafiteiros têm pelos pixadores. São corajosos, são “guerreiros”, são ousados e provocam orgulho em quem os conhecem. Meu professor de graffiti fala de como o pixo vem mudando em Niterói e São Gonçalo, pois está cada vez mais deixando de ser uma escrita com letras para se tornarem signos. São formas que lembram bichos, ETs, arabescos que não deixam pontas, como as letras. Os *tags* agora são desenhos de símbolos menores e cabem em lugares menores e com isso podem ser repetidos mais vezes.

³⁷ *Vandal* é a referência aos trabalhos independentes de graffiti, sem remuneração, feito livremente e sem finalidade econômica, mas sim política.



38

Em São Paulo as *Tags* são grandes, as letras são maiores e mais legíveis e há maior quantidade de pixações do que no Rio de Janeiro. .

³⁸ Fotos tiradas em Niterói, em maio de 2015.



39



40

Na terceira visita, no mesmo mês, encontrei a roda em outro local, agora ao lado da quadra. O organizador ainda procurava um local mais afastado das barraquinhas para poder vender suas bebidas e poder custear o frete, enquanto eu procurava pela quarta vez um movimento de graffiti e não encontrava. Então percebi que a fala do professor/graffiteiro sobre o alto custo do spray e a dificuldade em organizar essa atividade naquele evento tornam

³⁹ Foto tirada em Niterói, em maio de 2015.

⁴⁰ Foto tirada em São Paulo, em maio de 2015.

a roda de cultura um território muito interessante. Decidi seguir também caminhos mais nômades ainda, através de contatos que tive com os graffiteiros.

Um dos encontros foi com um artista plástico que usa o graffiti como base do seu trabalho. Ele trabalha em telas e nos muros e não percebe nenhuma diferença entre a arte das galerias e a arte urbana. Quando pergunto a ele o que pensa a respeito da pixação ele diz que não vê problema algum, que tem amigos que foram pixadores e são muito admirados até hoje por seus pixos, mas que ele não passou por isso, sua relação com arte urbana já partiu do graffiti. Ele é frequentador da loja de sprays que já conhecia e percebo que as pessoas se conhecem e convivem em torno do graffiti/pixação em Niterói.

Ele me conta de uma *Crew*⁴¹ de graffiti que chama Máfia 44. Essa *crew* tem início em 2007 e é formada por graffiteiros de Niterói e São Gonçalo, com o objetivo de produzir interação e colaboração entre seus membros, com isso desde então, constroem e desenvolvem mutirões de graffiti. Os mutirões de graffiti são, na verdade, o maior território desta arte no momento. São grupos voluntários e independentes que se unem para fazer murais em comunidades ou em locais autorizados, como no caso de Várzea das Moças, onde pude acompanhá-los. Neste mutirão produzido pelo grupo Conexão Favela e Arte, uma empresa de ônibus e a escola pública da região autorizaram o graffiti em seus muros. O evento foi divulgado pelas redes sociais e os graffiteiros chegavam aos poucos. Eles se apresentavam ao organizador do mutirão, recebiam uma pulseira e sua *tag* era anotada em um caderno. A partir daí o graffiteiro escolhia seu muro e democraticamente dividia seu espaço com outros graffiteiros. Alguns já se conheciam, mas muitos se conhecem no momento do mutirão. É muito interessante acompanhar os mutirões. São eventos que ocupam grande parte dos muros e a organização do espaço entre eles é singular. Se misturam, mas não invadem o trabalho um do outro.

⁴¹ *Crew* é um grupo de graffiti ou de pixação que sai para graffitar ou pixar junto e nas suas artes são colocados os nomes das *Crews*.



42



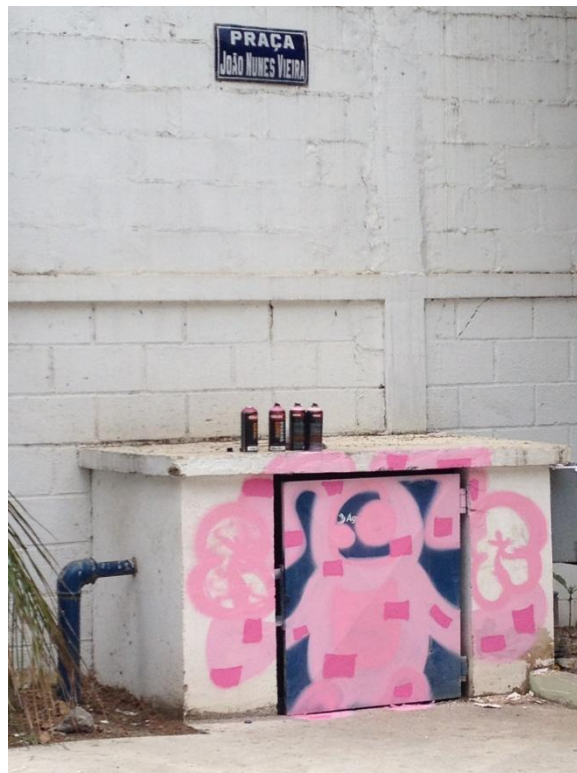
43

⁴² Graffiti que identifica o grupo que organizou o Mutirão na praça de Várzea das Moças Niterói; esse graffiti usa *Stencil*.

⁴³ Exemplo de como são escolhidos os espaços nos muros e como são delimitados.



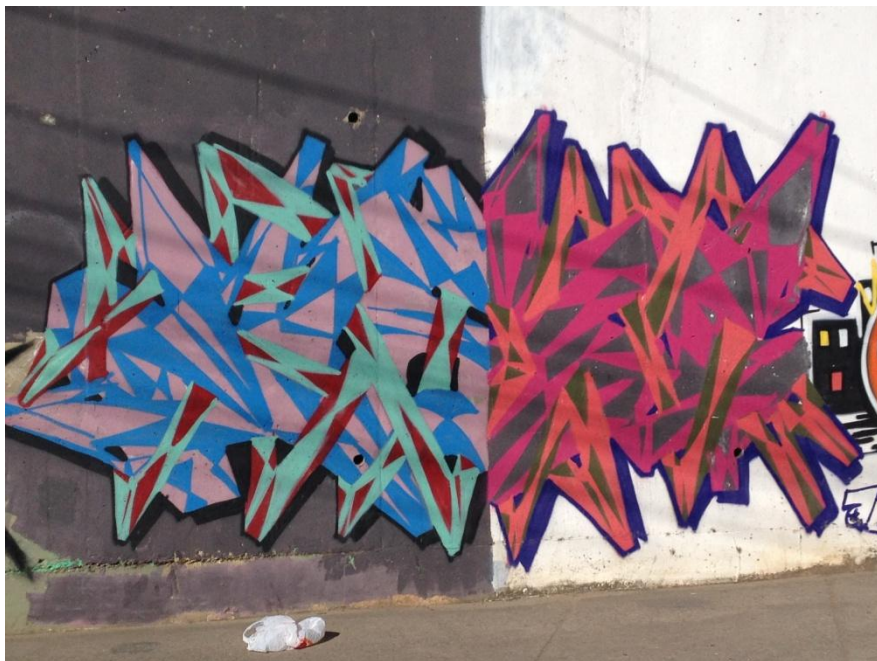
44



⁴⁴ Nesta imagem podemos perceber como os graffiteiros se organizam no espaço num processo coletivo de criação. Nenhum dos graffitis está acabado nessa imagem, eles estão sendo confeccionados.



45



46

⁴⁵ Foto do muro pronto.

⁴⁶ Parte do muro pronto.



47



48

⁴⁷ Parte do muro pronto.

⁴⁸ Parte do muro pronto.



49

⁴⁹ Parte do muro pronto.



50

⁵⁰ Parte do muro pronto.

CAPÍTULO 3 – A desobediência na Cidade.

3.1 - Pensando a Pixação/Graffiti a partir dos conceitos de espaço liso e estriado.

A partir da ideia de Deleuze de liso e estriado podemos fazer um exercício deslocador e modulador da percepção, no qual somos convidados a reverter o dualismo em binarismo, através de uma síntese conjuntiva não excludente. O liso não existe sem o estriado, o que não significa que não haja o primado do liso, porém ambos são constituintes do espaço. A mistura dos mesmos é que nos interessa para abordar a pixação/graffiti de modo a desconstruir a cisão instituída entre eles, conforme discutido no capítulo anterior.

Segundo Deleuze (1997), “Outras vezes ainda devemos lembrar que os dois espaços só existem de fato graças às misturas entre si: o espaço liso não para de ser traduzido, transvertido num espaço estriado; o espaço estriado é constantemente revertido, devolvido a um espaço liso.” (Deleuze, 1997, p. 157).

O estriamento, como seu sufixo indica, é um ato que modifica o espaço, que o transforma, modula através de processos de esquadrinhamento. Linhas verticais e horizontais são determinadas para esquadrinhar e mapear, constituindo um conhecimento específico acerca desse espaço. Porém, o mesmo não está de forma alguma limitado em relação a sua extensão. Contrariamente ao círculo, que é fechado em sua circularidade, o estriamento esquadrinha o espaço limitando-o em largura, mas é infinito no comprimento. O entrecruzamento dessas linhas forma um tecido em que linhas fixas são cruzadas por linhas móveis, assim a largura é pré-estabelecida, porém o comprimento pode se expandir incluindo o máximo de extensão territorial possível.

Deleuze também aponta para os lados direito e o avesso do tecido que são possíveis devido à limitação da largura, da urdidura, que permitem o vai e vem das linhas móveis dando-lhes um percurso definido e podendo expandir-se indefinidamente. Apesar de ser um mesmo fio, da mesma natureza, na tessitura forma-se um lado direito e outro avesso. O aspecto se modifica apesar da origem do fio ser a mesma. O que esse modelo de tecelagem nos ajuda a pensar nos processos de subjetivação capitalísticos? No processo de estriamento há sempre a produção do avesso. Há sempre um lado que não é para ser mostrado, visto, porém é constituinte da mesma forma que o lado direito do tecido. Sem o avesso não há

tecido. No tecido social, onde estariam os avessos? Por que torná-los visíveis? Como dobrar o tecido para acessar seu avesso?

Deleuze recorre a um tipo de tecido que não se constitui através da tecelagem, mas sim do emaranhamento, o que ele chama de anti-tecido.

O feltro não implica distinção alguma entre os fios, nenhum entrecruzamento, mas apenas um emaranhado das fibras, obtido por prensagem (por exemplo, rodando alternativamente o bloco de fibra para frente e para trás). São os microfilamentos das fibras que se emaranham. Tal conjunto de enredamento não é de modo algum *homogêneo*: contudo ele é liso, e se opõe ponto por ponto ao espaço do tecido (é infinito de direito, aberto ou ilimitado em todas as direções; não tem direito nem avesso, nem centro; não estabelece fixos e móveis, mas antes distribui uma variação contínua). (DELEUZE, 1997, p. 158)

O feltro é impreciso, denso, rizomático. Aquece, preenche, libera. Libera por não ser constituído de linhas fixas pré-estabelecidas em quantidade, mas sim são possíveis em todas as direções, ampliando assim o universo de possibilidades. A imprecisão do feltro, possibilitada pelo emaranhamento, inviabiliza o conhecimento específico do espaço. Ele é por princípio múltiplo em sua forma, através da prensagem dos microfilamentos, o que o torna liso, sem referências, puro, primeiro, primado. Não há homogeneidade como no estriado, há heterogeneidade, pois na prensagem há uma criação espontânea do tecido. Se olharmos o feltro microscopicamente veremos múltiplas formas entre seus microfilamentos, diferentemente da tecelagem que tem o quadrado como forma hegemônica.

Criado pelos nômades, o feltro se torna uma ferramenta de aquecimento, de proteção e de habitação que os potencializa no nomadismo, ao contrário do tecido que possibilita o modo sedentário, fixado, territorializado e anexado à casa imóvel, corpo sedentário do homem moderno capitalístico.

No modelo marítimo, Deleuze coloca que no espaço estriado as linhas, os trajetos, as direções, os caminhos se subordinam aos pontos. Esses vêm primeiro conduzindo, direcionando os percursos. O inverso ocorre no liso, onde os pontos são definidos ao longo do trajeto. Assim como no nomadismo e o vetor vestimenta-tenda-espaço do fora, o liso potencializa o habitar do fora, do que se desloca no espaço sem esquadramento do percurso.

É um espaço dos afectos, mais que de propriedades. É uma percepção *háptica*, mais do que óptica. Enquanto no espaço estriado as formas organizam uma matéria, no liso materiais assinalam forças ou lhes servem de sintomas. É um espaço intensivo, mais do que extensivo, de distâncias e não de medidas. *Spatium* intenso em vez de *Extensio*. Corpo sem órgãos, em vez de organismo e de organização. (DELEUZE, 1997, p. 162)

Um espaço dos afectos pressupõe uma zona de indiscernibilidade entre homem e espaço, onde o percurso é desenhado pelo que emerge “no entre” os corpos presentes no espaço. A função da percepção aqui é de potencializar a experiência e para isso ela não pode ser uma percepção estriada pelas leis da óptica, nem mediada por aparelhos de medição, de técnicas de dominação do espaço. Ela deve ser uma percepção háptica que desconhece mais que conhece, que orienta um caminhar vivo e sensível do espaço. Não há dominação do espaço, pois ele deve ser sempre provisório, nem relação de propriedade, mas de apropriação. Apropriação constitui uma relação com a manutenção e potencialização da vida e não o uso e mais valia da mesma.

O conceito de corpo sem órgão que Deleuze desenvolve ao longo de *O Anti-Édipo e Mil Platôs*, aqui, nos remete ao processo de produção do desejo, de máquina desejante e não de organismo. Organismo que sobrecodificado numa ordem cientificista do corpo, esquadrinhado por seus sistemas e funções, percebe o mundo através da óptica. Suas métricas e equações são as ferramentas de relação com o mundo. Estriamento da percepção e da relação com o espaço. As intensidades do liso, na sua percepção *háptica*, seguem os ventos, os ruídos, os cheiros.

Pensar a adolescência seria uma viagem entre o liso e o estriado, podendo comparar o adolescente ao nômade que vagueia pelos territórios. O adolescente vagueia pelo território ao mesmo tempo que constrói um platô existencial. Ao mesmo tempo que estria, impõe o alisamento aos territórios que pisa, produz desterritorializações ao passo que territorializa sua existência. Passo a passo, as coordenadas instituídas na sociedade vão se fazendo presentes na adolescência. Abscissas e coordenadas vão surgindo produzindo a normatização na cultura, na economia e na subjetividade. Embates entre territorialização e desterritorialização vão se dando, pois são parte da adolescência. Ganhar mundo e ocupá-lo é a própria desterritorialização de uma infância familialista, triade e edípica. Ganhar mundo e torná-lo seu é potência do adolescente. Entre o feltro e o tecido existem muitos emaranhados. Estes são modos de misturá-los, de fundí-los, de desconstruir a ideia de que são mutuamente excludentes.

Enquanto estivemos na escola na aula de artes, o professor convidado fez uma distinção marcante entre pixação e graffiti (*pichação x graffiti*), criminalizando a pixação. É relevante como esse dualismo surge para distinguir o que é lícito e o não-lícito, o que é arte e o que não é, o que é violência e vandalismo e o que é expressão. Isso me chamou atenção para

a prática da pixação e por uma sugestão assisti ao vídeo *Pixo* sobre os pichadores de São Paulo.⁵¹ Nele pude entender que os pichadores também se consideram artistas, que a arte de “caligrafar” seu codinome tem semelhança com as letras dos povos bárbaros e que todo o processo de pichação tem uma proposta de torná-los visíveis através do não colorido, do preto e branco das letras desenhadas com muito risco de vida e adrenalina. São jovens pobres da periferia da cidade que durante as madrugadas saem em grupos como gatos ou, como é dito no documentário, “*como ratos subindo as paredes*”. Eles saem pelas ruas subindo os arranha-céus de São Paulo, disputando quem picha mais alto, em trens mais rápidos, em casas mais protegidas e bem policiadas.

Assim, podemos pensar a relação entre a pixação/graffiti como formas nômades na cidade, que ocupam o espaço de modo háptico, tornam a experiência na cidade mais afetiva, mais irruptiva. A provisoriidade das artistações é como um tecido rizomático, um feltro que se tece ao caminhar e “escoltar” a cidade. Um caminhar que desenha e “des-traça” a cidade trazendo uma óptica diferenciadora, que também é construída ao se fazer. Não há uma métrica uma técnica pré-concebida, um método cientificista na produção dessas artistações, o que há é um método que se constrói no processo criativo, fazendo-se ao fazer e assim constituindo artista/arte/cidade, num campo de indiscernibilidade.

Liso e estriado se fazem no processo criativo, sendo que as formas e cores vão se delineando, se configurando, um aprendizado artístico vai se dando e um artista se forma na rua, sem professor, nem técnica, não há um saber adquirido de forma transcendente, mas sim um conhecimento imanente que surge da experiência coletiva. Imitação, tentativas, treinos e treinos, muros e mais muros, folhas de caderno e amigos para compartilhar. Esse é um método que se dá no processo de fazer.

Seria a pichação mais agressiva, mais transgressora? Os pixadores se arriscam nas alturas, lançando seus corpos em aventuras verticais na cidade, trazendo os olhares dos cidadãos para uma torção háptica da percepção. Não querem o belo, querem sujar com sua arte preta e branca a cidade com seus nomes que ninguém lê. Os quase analfabetos conseguem ler muito claramente, são alfabetizados nos piches, traduzem os arabescos em letras e fazem uma tradução ao contrário. Eles lêem o que ninguém consegue ler. Por trás

⁵¹ Ver Vídeo: OLIVEIRA R. T., Wayne J.; **Pixo**, Sindicato Paralelo, 2010.

daquelas palavras existem códigos, mensagens são dadas, mas poucos conseguem decifrá-las. Um privilégio dos meninos fortes e pobres da periferia paulistana.

Há singularidade na pixação assim como no graffiti; ambos são formas de criação que se manifestam nos muros e irrompem na cidade. A tentativa de captura do graffiti como um dispositivo mais estriador, formatador e “limpo” está presente nos discursos e políticas de legalização do graffiti, mas ao escutarmos os graffiteiros e suas histórias, entendemos que estar na rua, com latas de spray nas mãos, não pode ser denominado como “arte de galeria”, como uma arte comercial. Há no graffiti um ato de liberdade e criação que não se deixa capturar por estar na rua, por pertencer à cidade e não a alguém que o comprou uma obra de arte, porém existe uma tendência forte de captura ao se tentar torcer o graffiti em algo “especializado”, tecnicista e vendável.

Acredita-se que o graffiteiro possa “vender um muro”, encomendado por alguém que o possua. Por que não? Por que um graffiti não poderia se tornar um meio financeiro de sobrevivência também? Apesar de ter ouvido que o interessante é que quem encomende o graffiti dê liberdade de criação ao graffiteiro, isso nem sempre acontece. Além disso, ouvi dos graffiteiros que o valor oferecido por este trabalho está baseado em preços de trabalho de pedreiro e não a um artista plástico, o que os mantém em um registro de pobreza, não valorando seu trabalho como os que fizeram “Belas Artes”. Tudo isso mostra que é complexo o modo de captura do graffiti.

Acreditamos que tornar o graffiti um produto não o capturaria tão eficazmente quanto mantê-lo distante da pixação, tornando-o “o outro lado” ou o lado oposto. A oposição produz segregação, atos segregadores e punitivos. Não nos interessa essa diferenciação ou estriamento da relação entre pixação e graffiti, pois isto só legitima a criminalização da pixação e a comercialização do graffiti, de forma a estrangular essas artes em espaços cada vez mais fechados, de modo que não possam mais dialogar e interagir com a cidade como formas diferentes de expressão, porém legítimas. Estrangula-se também os aspectos rebeldes de ambas, pois se discrimina uma como lícita e outra como ilícita, temos uma do “bem” e outra do “mal”. Poderíamos também aferir que a pixação seria a preta e o graffiti a branca, ou que uma é limpa e outra a suja.

O graffiti poderia estar se tornando uma arte de branco e a pixação uma arte de negro? Se a classe média gosta do graffiti e até paga por ele, a criminalização da pixação segue os códigos de estriamento da cidade enquanto criminalizadora da pobreza e da população negra. Por isso, não é interessante manter essa distinção, para que esse discurso sobre o crime não legitime mais segregação entre as populações negra e branca no Brasil.

Nas aulas, depois dessa apresentação muito rica sobre o graffiti feita pelo professor convidado, a professora de artes da escola iniciou um projeto que consistiria em que um dos muros da escola fosse cedido aos seus alunos para graffitarem. Em princípio, seria o muro em frente a sala de artes, mas depois prometeram o muro da garagem e finalmente o possível foi um biombo dentro da sala de aula.

Para iniciar os alunos no graffiti, a professora trabalhou com moldes. Ela os orientou como fazê-los e os deixou livres para criarem. Um mês foi gasto na elaboração desses moldes e os alunos alternavam em insegurança, dificuldade de colocar a ideia em prática e de torná-la possível realizá-la. Experimentaram habilidades que antes não haviam explorado, alguns recursos muito potentes foram surgindo como a troca entre eles. Enquanto os alunos se ajudavam mutuamente, os trabalhos foram se enriquecendo e sem pressa, todos conseguiram criar seus moldes.

O projeto era ampliar esses moldes em traços e desenhos de grande porte e essa experiência foi confortável para eles, uma inicialização em criar formas, torná-las reais e depois, tomar uma parte da parede para si, compartilhando o espaço com os colegas.



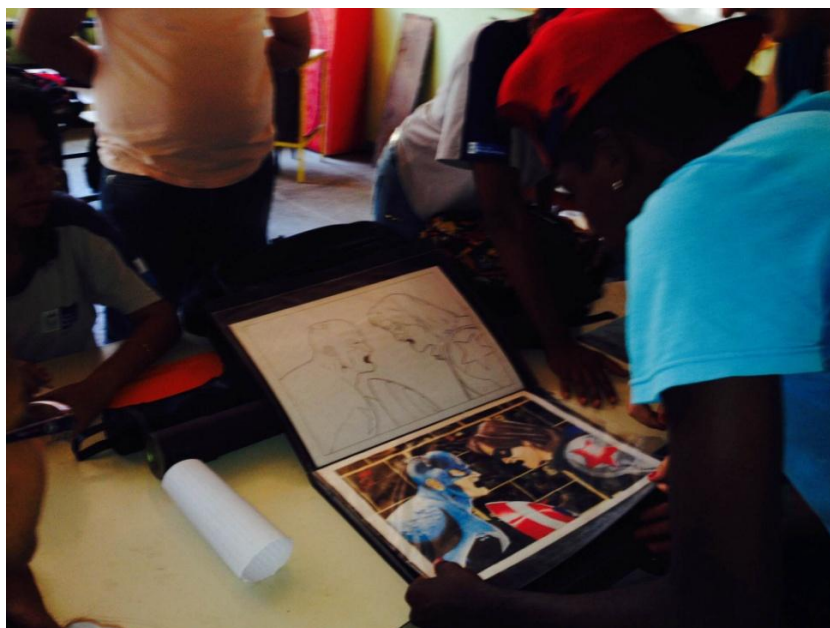


Molde pode remeter ao estriamento da pichação, principalmente quando se pensa em *Jet*, em jato, em borrão de tinta, muito distinto da pincelada, do traçado do pincel ou mesmo do desenho recortado do molde que serve de modelo para repetições nos muros. Mas não pensamos assim, pois o molde faz parte de um momento criativo e permite a expansão da imagem através da repetição e não do tamanho, sendo outra forma de ganhar visibilidade na cidade. Ele pode ser pequeno, mas quando repetido muitas vezes, pode ser muito potente enquanto dispositivo de visibilidade.

O *Jet* e o molde, neste caso, são ferramentas da arte urbana, da ocupação do espaço das cidades de forma a alisar a urbanização. Esse “des-traçamento” da cidade tem profunda semelhança com a experiência adolescente. Borrar é mais próximo da adolescência do que tracejar, do que desenhar em linhas precisas, mas durante as aulas de arte parecia muito prazerosa a constituição dos moldes. A precisão obriga a contensão, a matematização do traçado, com isso o adolescente parece usufruir da forma que sustenta sua não forma ou sua forma em formação; sua **metamorfose**. O molde, a pixação ou o graffiti são ferramentas para essa experiência, cada uma com sua especificidade, porém, todas potentes.

De fato, seria difícil pensar em graffitar, pixar sem antes um treino em moldes, em modelação de formas. Há um processo de criação em que moldes são necessários, e como estriamento pode possibilitar os processos de subjetivação na adolescência.

Ao mesmo tempo em que os adolescentes grafitavam suas imagens em uma parede de madeira que existe na sala de aula, o intérprete de surdos que acompanha e traduz as aulas para os alunos surdos, trás seus desenhos para vermos. Um deles, muito bonito, mostrava sua técnica de desenhar e ampliar seus desenhos. Ele esquadriava os desenhos e usava uma escala para ampliar as imagens. Ali, entre jatos de *Jet*, moldes e um desenho milimetricamente estriado, percebemos que a multiplicidade, expressa nessas formas de expressão artística da juventude, é a complexidade do vivo no co-engendramento de forças, formas e enunciados a serviço da criação. Enquanto que o dualismo é a cisão que distingue para segregar, legitimando práticas e engrenagens punitivas.



Descobrimos que para potencializarmos a cartografia da relação dos jovens com o graffiti e a pixação deveríamos pular os muros da escola e intensificarmos a experiência da cidade, na cidade. Queríamos experienciar o confronto que esse dualismo provoca nas ruas e assim fizemos.

3.2 - Cidade um território por possível

“O gesto estético transformado em arma de combate social pode fazer da pixação a mais potente forma de arte de nosso tempo.” (Tiburi, 2013)

Começarei esse capítulo narrando minhas percepções de um documentário que assisti sobre outra experiência artística, que não trata da pixação/graffiti, mas que é muito próxima, e me ajudou a pensar o que de fato gostaria de discutir aqui: por que a pixação perturba tanto a “ordem” e a opinião pública? Por que a inscrição das *tags* nos muros mobilizam tanto as normas e pessoas que passam por elas na cidade? Que relação há entre a cidade, as artistações e o incômodo que elas produzem? O documentário é *Inside out - O projeto de arte das pessoas* (dirigido por Alastair Siddons, 2014) de JR, um artista parisiense que começou seu trabalho tirando fotos de pessoas nas ruas de Paris. Essas fotos eram impressas em tamanhos aumentados e na sequência, coladas nos muros da cidade.

Vale lembrar que JR era pixador e ter tido a experiência de pintar sua assinatura ou *Tag* tem relação estreita com o trabalho atual que faz com as fotos. Ele diz não saber como se tornou um artista, que não tinha a dimensão de que ser artista era um trabalho, mostrando o deslocamento que a arte produz nos processos de subjetivação capitalísticos, em que o trabalho é *apenas* uma forma de ganhar dinheiro. Pixar era um desejo de existir, em algum lugar, diz ele. Compreendemos existir em algum lugar como a “tradução” de construção de território existencial. Está aqui subentendido a premência da criação deste território na contemporaneidade, já que no contexto atual é constante a experiência de desterritorialização, que podem representar perda ou fragilidade de coordenadas existenciais. A vulnerabilidade da territorialização da juventude insita modos criativos como meios de edificação de si na cidade.

JR aponta para a importância da *resposta* na experiência da pixação. Quem pixa quer um retorno, seja ele qual for, e afirma que as fotos trouxeram muitas respostas e interações. Essa interação segue uma escala que inicia com ele e o muro, ele e a fotografia, ele e quem fotografava, ele e a rua, a cidade, o país outros países e pessoas do mundo, enfim, as conexões se expandiram e isso foi vital para JR. Por isso, o projeto se chama *Inside out - De dentro para fora*. Dentro e fora sendo co-emergentes não há separação, mas há distinção.

Escóssia (2004) aponta para a política do coletivo enquanto um meio de escape do dualismo presente entre os aspectos psicológicos e individualizantes e os aspectos sociológicos, que se contrapõem entre indivíduo e sociedade. Para ela, a dimensão coletiva apresenta um viés transversal a essa dualidade e aponta para uma perspectiva ética da construção do coletivo a partir de uma virtualidade pré-individual, a qual constitui os valores que darão forma as normas coletivas. A dimensão pré-individual, que é uma virtualidade coletiva, está no cerne dos processos de individuação que Simondon nos propõe como singularidades emergentes dos processos de subjetivação.

Por uma via transdutiva, as conexões se tornam fundamentais para a constituição de processos de individuação. “É o coletivo transindividual, plano de posse comum, que se potencializa a cada nova conexão e se materializa em práticas coletivas híbridas e não representáveis em totalidades” (2004, pg. 198). Sendo o fator não fusional e não totalizador fundamental para a potencialização de territórios existenciais de partes da sociedade excluídas do acesso aos aspectos básicos de políticas públicas que garantem o acesso ao Estado Democrático de Direito. “As conexões fazem funcionar a potência do comum, o qual constitui-se no próprio ato de constituição da multidão, da comunidade não fusional e não totalizada, e no mundo comum cosmopolítico” (2004, pg. 198).

Spinoza achava que os afetos estavam na base da formação de coletivos. Desta forma, pode-se pensar na importância dos encontros de corpos para o aumento ou diminuição do grau de potência do indivíduo. Por definição, para Spinoza, o indivíduo é múltiplo, portanto sua relação com a responsabilidade individual, do que se torna a ser, é parte de um processo de produção de afetos, de corpos em relação de forças e não de uma tendência inata, individual.

(...) A noção de indivíduo, em Spinoza está ligada à noção de multiplicidade. Um indivíduo é sempre composto de um grande número de indivíduos. Um grupo é também um indivíduo composto por múltiplos indivíduos, um estado, um país... o universo inteiro. (...) (RAUTER, C. 2013, pag.154)

Os afetos são as afecções do corpo que aumentam ou diminuem a potência de agir desse corpo e simultaneamente as ideias produzidas na mente acerca desses afetos. Quanto mais encontros, maior a potência, pois a multiplicidade enriquece sua extensão, expande o ser. Com isso, pensa-se que o *conatus* tem relação direta com a coletividade, de modo a ser produzido e potencializado por ela. A diminuição da potência gerada por afetos tristes pode ocorrer, mas o que é fundamental na filosofia spinozana é seu aspecto expansivo do ser. A coletividade é sempre positiva, pois é criadora.

Retornando ao documentário de JR, seu trabalho foi tomando dimensões maiores até que ganhou um prêmio TED⁵² e recebeu um incentivo para montar um projeto que teria como base um site onde pessoas do mundo todo pudessem enviar suas fotos para que ele imprimisse e reenviasse para serem coladas nos muros. Porém, uma característica fundamental das fotos a serem enviadas era que deveriam ser de pessoas de comunidades pobres, como o Haiti, por exemplo, ou de territórios onde questões políticas importantes estivessem ocorrendo, como no caso da Tunísia após a Primavera Árabe, ou Brooklin onde os guetos podem ser facilmente identificados no Brasil, principalmente em favelas. Esses podem ser territórios onde uma parcela da população busca um lugar, busca sair da invisibilidade por uma situação de pobreza e falta de políticas públicas.

Uma parte importante do filme é o acompanhamento das fotos que JR levou para a Tunísia. O fotógrafo tunisiano que enviou as fotos para o projeto explica que gostaria que elas tivessem o tamanho de fotos de propagandas políticas, já que eles estavam, há muito tempo,

⁵² **TED** (anacrônico para *Technology, Entertainment, Design*; em português: Tecnologia, Entretenimento, Design) é uma fundação privada sem fins lucrativos dos Estados Unidos, mais conhecida por suas conferências na Europa, Ásia e Estados Unidos destinadas à disseminação de ideias. Segundo as palavras da própria organização, "ideias que merecem ser disseminadas". Suas apresentações são limitadas a dezesseis minutos, e os vídeos são amplamente divulgados na Internet. (Wikipédia)

convivendo com essas propagandas. Ele fala de vinte anos de ditadura em que os governantes usavam suas imagens espalhadas pela cidade desde então. Ben Ali, por exemplo, era o único rosto visto nos muros das cidades antes da revolução. Uma pessoa da equipe fala que seria um tipo de vigilância, como se a imagem de Bem Ali visse tudo e todos, constantemente, hostilizando a experiência da população na cidade. Dessa forma, podemos aferir que o uso dos muros enquanto forma de produção de subjetividade não é só um recurso de transgressão, mas, principalmente, uma ferramenta fascista, um recurso capitalístico, como o caso dos *outdoors*, ou mesmo fachadas e vitrines. O uso das fachadas e muros da cidade é delimitado por relações de poder. Há hegemonia de espaço usado pelo poder capitalístico, mas no caso da Tunísia o espaço estava a serviço da ditadura.

O fotógrafo dizia querer ver os rostos dos tunisianos, como uma forma de reverter essa hostilidade em ocupação do povo nos muros, na política e na vida cotidiana da cidade. JR observa que Ben Ali já havia escolhido os melhores muros da cidade para colocar seus imensos cartazes, então era fácil agora saber quais muros iriam colar as fotos, pois a população derrubou todos os cartazes de Ben Ali quando ele foi deposto durante a revolução.

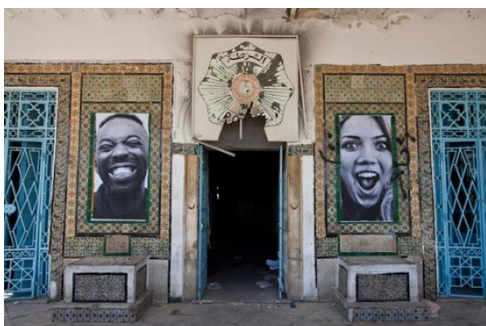
A expectativa dos fotógrafos tunisianos era muito intensa, pois esperavam oferecer uma oportunidade única ao seu povo, esperavam aprovação e entusiasmo da população.

Mas como JR dizia sobre a importância da resposta que a população dá, em alguns momentos não estamos preparados para que tipo de resposta possa advir. O desfecho da colagem das fotos na Tunísia foi surpreendente. Inicialmente algumas pessoas participaram e colavam as fotos com muito prazer. Um menino chegou a dizer: “Eu quero voltar pra casa cheio de cola”. Exibindo as mãos lambuzadas de cola. E completa dizendo que se perguntassem o que ele estava fazendo ele responderia que estava fazendo algo muito importante para o seu povo. Um homem diz que nunca imaginou que um dia iria poder usar aquelas paredes, pois eram inacessíveis durante a ditadura. A euforia da tomada da cidade pelas fotos é vibrante, até que alguns começam a perguntar se aquilo se tratava de alguma campanha política, perguntando sobre quem eram aquelas pessoas e reivindicando o patrimônio da nação. “*Esse local não pertence a vocês*”, dizia um cidadão. Outro dizia: “*Não cole isso no muro rapaz, esse muro é nosso*”, “*Não faz nem dois meses da revolução e vocês saem das sombras e vêm impor suas imagens e ideias pra nós? A bandeira da Tunísia seria ótimo!*” e o fotógrafo responde: “*É a bandeira da Tunísia! É a nossa gente!*” Qual a diferença entre estampar a cidade com bandeiras da Tunísia ao invés de rostos de tunisianos? O que está por trás desse conflito? O que queria o cidadão ao reivindicar a bandeira ao invés de rostos? Como os rostos se tornam uma ofensa a alguns cidadãos tunisianos?

Outros diziam “*Você não é a dona daqui, vou mandar prender você! Dá o fora daqui com esses rostos! Arranquem! É para arrancar tudo! Vão fazer Arte de Rua lá na França!*” E atiraram pedras nos fotógrafos!

Os fotógrafos locais e toda a equipe tiveram que lidar com a reação da população arrancando com uma fúria impiedosa as fotos recém-coladas. Apesar da tentativa da equipe em evitar que as arrancassem, a população não suportou aqueles rostos colados e diziam que era para fazer isso na França, ali não. E os artistas diziam que aquelas pessoas eram tunisianas, mas era como se isso piorasse a situação. Enfim, não conseguiram evitar a resposta destrutiva das pessoas que não precisaram nem da polícia para tomar atitude de “limpar” os muros, elas mesmas fizeram isso em um conflito direto com os artistas.

A tristeza tomou conta dos fotógrafos que se perguntavam por que isso aconteceu? Mas o que de pior os afetou foi terem ouvido que eles não eram tunisianos. Essa foi a pior resposta da população. Quase um golpe para aqueles artistas que estavam imbuídos de amor por seu povo, alegres por se sentirem potencializando seu país. A resposta foi contundente, afiada, certa no cerne da questão. Quem pode se sentir parte de uma nação e quem é estrangeiro? Como se promove o estranhamento, por conseguinte o banimento? E o entusiasmo desapareceu...



Por que as pessoas não suportaram ter os rostos de seus semelhantes nas paredes?
Por que os muros tem que ser tão limpos?

Essas questões me remetem a outras questões, a saber: seriam semelhantes mesmo, os rostos estampados nos muros? Quem se mobilizou a arrancá-los sentia que estava arrancando uma imagem semelhante a si mesmo? Na hipótese de o sentimento não ser de semelhança que sentimento mobilizou as pessoas a arrancar as fotos dos muros?



53

A equipe tunisiana encontra-se com a equipe de JR depois do confronto e todo apoio é dado aos tunisianos devido ao trauma que viveram, mas surpreende a sugestão de JR que insiste na colagem estratégica de confronto, pois inicialmente a ideia seria procurar áreas da cidade com pouca movimentação de pessoas, uma “retirada” dos tunisianos do conflito, mas o pixador e idealizador do projeto se opõe e estimula os colegas a saírem de madrugada e colarem as fotos em uma parte movimentada da cidade antes que as pessoas acordassem. Ele diz que se eles não quebrarem as barreiras de enfrentamento serão barrados, ou seja, na experiência rebelde e resistente de JR, o enfrentamento produz inclusão. Para ele não devemos nos submeter a uma lógica que tenta distorcer o que estavam fazendo, que seria a arte nos muros como forma de expressão e isso deve ser respeitado ou então eles viveriam o “fracasso”.

⁵³ Nesta imagem podemos ver o início do conflito entre fotógrafos tunisianos, pessoas que se juntaram à equipe e os que se manifestaram contra a colagem das fotos.



54

Na manhã seguinte, algumas pessoas logo se juntaram em torno das fotos. “ *Isso não pode ficar assim! Isso é uma falta de respeito!*”, falavam os transeuntes. “ *Alguns tunisianos se sentiram livres para colar essas fotos, outros se sentiram livres para destruir o que foi colado, isso é democracia. Agora nós estamos livres para desfrutar isso, e pra mim isso é um bom sinal.*” Talvez essa fala seja interessante, não para o tempo dos fotógrafos que esperavam maior aprovação, mas não contavam com duas décadas de desapropriação da cidade e de repente artistas tomam as ruas pra si, sem ao menos avisar. A reação pode ter sido também de uma revolta por não ter podido participar, mas isso é só um momento de ingenuidade.

A luta pela democracia enfrenta vários interesses em conflito e a experiência dos fotógrafos tunisianos ilustrou isso muito vividamente.

Segundo Haesbaert, todo território é um agenciamento entre espaço físico, códigos de enunciação,⁵⁵ que são sempre coletivos, agenciamento maquínico de corpos⁵⁶ e processos de desterritorialização/reterritorialização. Há sempre uma dimensão material e outra imaterial ou virtual na constituição dos territórios. Analisa também que, na contemporaneidade, há

⁵⁴ Colagem feita em *Porte de France*, destruída no dia seguinte.

⁵⁵ Os agenciamentos coletivos de enunciação são signos cujas variáveis determinam o uso da língua, que não dizem respeito a um sujeito, mas a um regime de signos compartilhado, produzido no *sócius*. (Haesbaert, 2012:125)

⁵⁶ Agenciamento maquínico de corpos seria a mistura de relações de corpos no social, a partir dos processos maquínicos do desejo. Deleuze e Guatarri são referências pra Haesbaert na conceituação de território. (2012, pg. 124)

múltiplos territórios coexistentes e que na globalização existe maior processo de desterritorialização do que territorialização, como perda de fronteiras através das multinacionais, por exemplo. Porém, o que Haesbaert vai sugerir é que não há de fato desterritorialização, mas produção de territórios precários. Já que território está sempre ligado a um espaço de dominação política ou mesmo de controle de acesso através de ações políticas. (Haesbaert, 2012)

No caso das Artistações percebemos como os territórios precários se tornam visíveis e buscam essa visibilidade, e isso faz existir. O direito ao muro “limpo”, sem pixações, graffitis ou fotos é parte sim da democracia, mas a questão é muito mais complexa, pois essas artistações são criações da democracia ou da crise desta, na medida que surge enquanto resistência aos modos autoritários e excludentes de uma democracia capitalística. Ao analisar a relação da pixação com a cidade, Tiburi afirma que

A pixação é efeito do mutismo nascido no cerne da democracia formal e por ela negado ao fingir a inexistência de combates intestinos e velados que constroem a sociedade enquanto a destroem como sociedade. A pixação é a fala de uma esperança na democracia contra uma democracia de fachada. É o que mantém viva o que nela ainda é verdadeiro. (TIBURI, pg. 44)

A democracia das fachadas brancas ou propagandistas são as fachadas “legais” que negam os conflitos da crise democrática, sustentando o incentivo ao privado e ao consumo, enquanto a pixação seria uma *resposta* ao domínio dessas fachadas que tentam esconder tais conflitos. As artistações produzem fissuras nos espaços de exclusão e mesmo sem quebrar há uma ruptura, uma quebra em padrões de exclusão, o que faz emergir sentimentos de contra resistência. O *des-traçamento* da cidade produzido pelas artistações faz incomodar o “cidadão” capturado pela produção de fronteiras entre quem tem e quem não tem, entre quem é e quem não é e quem existe e quem inexistente. A partir do momento em que quem “não existe” prova sua existência, este levanta imediatamente uma disputa pelo direito democrático à cidade e o conflito torna-se claro. “A rasura é inervação, tapa na delicada “pele” da fachada branca e lisa como o rosto de um homem branco europeu.” (TIBURI, pg. 45)

Tiburi nos aponta para que tipo de visibilidade a pixação revela. Não é apenas a pixação por si, mas a cidade revelada pela pixação que se torna o maior de seus efeitos. É manchada uma imaculada imagem da cidade “ideal,” que não existe, que não foi construída ainda, mas na qual os homens brancos creem existir, assim como se sentem seus donos. Eles respondem com a violência de quem foi invadido e violado, como em uma cegueira política, recusam a cidade que eles negam construir.

Se a pixação responde com violência à violência do Estado que corrompe as possibilidades de vida em comum na cidade, a própria cidade rechaça essa resposta como um inimigo que a persegue compulsivamente. Caso de polícia, os terroristas dos muros insistem em ser os errantes desbravadores de uma cidade, que nem tão bela, insiste em embranquecer-se a revelia de uma população na sua maioria negra. “Viva o preto fosco” dizem os pixadores!

Há os que resistem, no Brasil, em preservar os territórios de uma política de criação, lazer e cultura democrática e gratuita, na rua, como no caso das Rodas de Cultura. Em São Gonçalo, em minhas visitas à roda, pude acompanhar o desgaste, como efeito desta resistência, no cotidiano de quem mantém esta proposta. Assim como os fotógrafos tunisianos, o organizador da roda passa por constrangimentos e dificuldades para sustentar o território que ele criou.

No dia 09/11/2014, em uma das idas à Roda, percebi o semblante do organizador diferente. Parecia muito cansado e desanimado. Conversando, ele narra os momentos que antecederam sua chegada na praça. Dizia estar deitado no ar condicionado de sua casa e parecia não conseguir levantar. Sua mulher começou a tentar animá-lo pedindo que levantasse e que ele não podia chegar tarde à praça. Mas a imagem de não ter apoio no transporte do equipamento deixou seu corpo mais pesado naquele dia.

Falávamos do apoio financeiro, que estamos tentando conhecer os caminhos como Ponto de Cultura, Ponto de Memória, entre outros. Ele fala da dificuldade em ler os editais e compreender a linguagem e conta que pediu ajuda a uma tia advogada para auxiliar nessa leitura. Diz ter condições de concorrer inclusive com relação à documentação, mas não apresenta ânimo para tentar. Parece descrente de que vai conseguir. Fala de outro organizador que consegue e ele não, mas não sei se ele efetivamente tentou fazer isso. Fala que o outro tem uma assessoria e que talvez precisasse de uma, mas não tem.

Conta dos preços dos serviços de transporte, que são caros e que o que consegue de patrocínio não cobre nem o transporte. Seu corpo não consegue mais carregar o peso da aparelhagem. Ele se queixa que não tem ajuda de ninguém e pensa em dar um prazo até julho do ano de 2015 para que essa situação mude, senão, pensa em desistir. Seu desânimo me afetou e fiquei pensando em como isso é comum em quem trabalha com a clínica e com direitos humanos.

Penso nas outras situações de desde na que testemunhei, como da professora de artes, que não tem uma mesa apropriada para suas aulas em sua sala. A mesa em que os alunos trabalham é uma “sucata” de um refeito a m e ne eit a mesa aprop conforto. Hconforto.a triste

situatuaste situa para suas aulas em sua sala.. Um deles foi uma doasitua para suas aulas em s e ests foi uma doasitua para suas aulala fica muito quente e não tem uma boa ventilação. Poucos materiais de arte e muita criatividade para nuente e não tem alunos trabalham onsegue e ele nuda a uma tia advogada para auxiliar nessa leitura. Diz ter condi. Em São Gonçalo, em minhas visitas à ci, pois a diretora é dedicada e bastante persistente no seu cuidado e infraestrutura. Mesmo com seu esfor arte e muita criatividade para nuente e não tem alunos trabalham onsegue e

As dificuldades econr arte e muita criapreca rizalda de recursos para quem trabalha com o serviço público, ou melhor, com a democratização da educação, cultura, saúde e lazer, a rede bsos para quem trabalha com o deveriam estar mais abastecidas de investimento. A falta desse apoio torna a rotina desses trabalhadores muito penosa e insegura. A solidão que afeta esses profissionais é constante, pois a responsabilidade da persistência nesses trabalhos é individualizada. É dif investimento. A falta desse apoio torna a rotina desses trabalhadores muito penosa e insegura. A solidãPensando nesta realidade, questiono por que é tão difícil construir coletivos? Por que os profissionais que apostam na coletividade enfrentam tantas dificuldades? Por que cuidar de si e do outro é tão solitário?

Como a solidão que ele sentia pode ocorrer em qualquer pessoa nessas situações e como é difícil produzir coletivos! Pensei em que lugar estaria entrando quando escuto essa queixa? Talvez um suporte, uma escuta de fora que pudesse dimensionar novas possibilidades desse coletivo, alguém que estivesse vendo de outros ângulos e ventilasse sua percepção para que ele pudesse ver diferente e com isso recriar forças para continuar.

Pensei em que lugar estaria entrando quando escuto a queixa do organizador da Roda? Escutifícil produzir coletivos! Pensei em qu de fora que pudesse dimensionar novas possibilidades para esse coletivo. Talvez eu pudesse ser, alguém que estivesse vendo a situaentrando quando escuto a queixa do organizador da Rpercepção, para que ele pudesse ver diferente. Quem sabe assim ele poderia recriar forças para continuar.

Pensei em como ele poderia dividir mais essa situação com os jovens da comunidade envolvida com aquele território sem cobrar dinheiro somente, mas com arte também. Sugeri a ele que produzisse uma batalha de conhecimento⁵⁷ com o tema Festival, sua situação e a sua importância na vida dos jovens que participam das batalhas, valendo prêmio. Toda sexta-feira os patrocinadores doam um prêmio para o vencedor da batalha, mas nessa batalha poderia

⁵⁷ Batalha de conhecimento é uma forma de batalha onde o tema é estabelecido pelo organizador do evento e a improvisação é baseada neste tema. Diferentemente da batalha de sangue que é uma improvisação feita a partir das características dos Mcs opositores.

haver dois prêmios: o doado pelo patrocinador e a própria manutenção do Festival. Pensei que os adolescentes devem saber o que acontece e como podem participar, se apropriando mais do Festival, que é deles! Talvez ele, o organizador, pudesse se sentir menos solitário e mais fortalecido para continuar.

Neste caso, o te caso , que scaso prêmios: o doado pelo de contso prêmios: o doaá institusoo, mas a fragilidade deste territ patrocinador e a própria manutenção do Festival. Pensei que os adolescentes devem saber o que acontece e como podete espaço que é parte da vida de todos eles, mas minhas sugestões foram apenas uma forma de compartilhar esta angústia e não necessariamente deveriam ser seguidas. Ele se sentiu grato e gostou das ideias, mas com boa parte das sugestões foram passadas por *Whatsapp*, ntsappfragilidade deste territ patrocinador e a própria manutenção do Festival. oiá ntsappfragilidade deste territ patrocinador e a própria manutenção do Festival. Pensei que os adolesce

Agenciamentos sdade deste territ patrocinador e a própria coletivos. Manter viva a conectividade dos agenciamentos pode ser trabalhoso, mas vitaliza quem está sofrendo de solidão e desgaste. Foi assim com os fotógrafos tunisianos que buscaram o JR para se agenciar a eles na produção de uma intervenção coletiva no coletivo da cidade. Esse agenciamento foi importante para os fotógrafos, pois quando JR foi até a Tunísia presenciar a colagem das fotos, isso potencializou o grupo e os fortaleceu para lidar com a resposta negativa que parte da populadeste territ pa

Da mesma forma, o organizador da Roda de Serrit patrocinador e a própria coletivos. Manter viva a conectividade dos agenciamentos pode ser trabalhoso, mas vitaliza quem está sofrendo de solidão e desgaste. Foi assim com os fotógrafos tunisianos que buscaram oendra, também, engrenagens capitalísticas e, por isso, precisa de recursos e sustentaador

Naquela noite, a Batalha foi muito intensa apesar do desânimo de seu organizador. Ela tem vida própria, porque quem anima não é ele, mas é alguém de sua confiança. Os meninos parecem não se dar conta do sofrimento de seu amigo; o que interessa a eles é a batalha e se vão se sair melhor que seus opositores. O público participa quando a rima é boa e manifesta um som próprio que sinaliza isso. Quanto mais esse som aparece, em quarenta e cinco segundos de rima, melhor o Mc se saiu. Essas batalhas são eliminatórias e a final é o “*Grand Finale*”, onde o público forma um círculo muito próximo da dupla de finalistas e anima com as mãos levantadas no ritmo da música e com gritos de força. A batalha se inicia e geralmente quem começa faz provocações; o oponente responde dando ao primeiro o direito de resposta. Depois disso se inverte e cada Batalha dura cerca de quarenta e cinco segundos marcados pelo Dj. A música termina quando o tempo termina.

O público decide quem foi melhor através do som também. Quem se destaca recebe um volume maior de som e assim é decidido quem vence. Imediatamente os Mcs se abraçam e reconhecem o valor de seu oponente e depois o público abraça e homenageia seu Mc vencedor. Muito bonito ver essa dinâmica. É uma batalha da criação e da agressividade que, com muito humor, recorrentemente nos rouba risadas.

Depois do recesso de Natal e Ano Novo, eu voltei ao Festival. Rio de Janeiro, verão, 40° à noite e a praça estava cheia! Quando chegamos não encontramos o Festival no local onde ficava e isso não estava previsto, mas ouvíamos o som e percebemos que havia se deslocado para a quadra. Estranhei esse deslocamento e ao encontrar seu organizador ele me esclareceu que havia mudado de lugar para poder colocar bebidas mais baratas para vender, facilitando o consumo pelos frequentadores e assim custear o frete da aparelhagem. Ele teria que se afastar das barraquinhas que vendem esses produtos na praça para não criar conflitos e concorrer se afastar das barraquinhas que vendem esses produtos na único jeito de conseguir uma ajuda para custear o frete da aparelhagem, pois entende que se o Festival ajuda a encher a praça de gente e essas pessoas consomem nas barracas eles poderiam ajudar dividindo o custo de frete com ele, mas não conseguiu que ninguém ajudasse. Para que não houvesse conflito por causa do valor da bebida e por ele estar fazendo um comércio que já é feito por outras pessoas, ele deslocou o Festival. As barraquinhas que vendem esses produtos na único jeito de conseguir uma ajuda para custear o frete da aparelhagem, pois entende que se o Festival compõem a praça. Ele manejou o território de forma a criar estratégia para conseguir diminuir seu peso e seu desgaste. Seu semblante estava apreensivo em relação a aprovação do novo lugar pelos adolescentes, pois não havia cadeiras ou arquibancada para o público sentar, mas ele estava aliviado por ter conseguido uma estratégia.

A quadra é grande e a arquitetura é bem diferente do outro espaço, que era uma arena com palco e uma arquibancada onde as pessoas ficavam sentadas. Ele aguardava as batalhas para ver se o novo espaço iria funcionar.

Começaram as batalhas e a aproximação dos adolescentes foi como nos outros encontros, só que agora com mais proximidade. No espaço antigo, a arquibancada mantinha os jovens sentados a uma distância dos Mcs, somente na última batalha, a que definia o vencedor, que o público se aproximava. Nesta nova configuração, o público ficou muito mais próximo nos momentos das batalhas e, quando elas terminavam, ele se dispersava, retornando quando outra batalha acontecia. É muito interessante esse movimento, pois os jovens estavam

preferindo as batalhas. Os *B-boys* já se apresentavam na pista de dança e a música do Dj já tocava, mas essas atividades não concentravam gente em volta, só as batalhas de rimas.

As bebidas estavam sendo consumidas apesar da relação custo/benefício não ter sido muito lucrativa no final das contas, “mas já ajuda”, diz o coordenador, que recebeu sugestões do que vender nas próximas vezes e foram sugeridas mais marcas de cigarros e seda para preparar cigarros.

Mais uma vez não tinha graffiti. Perguntei ao organizador por que o graffiti nunca estava presente nas Rodas de Cultura e ele disse que é por causa do custo. O Spray é muito caro e não tem orçamento pra isso. Por isso, o *Cores e Valores* tem o apoio dele, mas não é possível realizar o graffiti todas as sextas.

Dentro de uma análise da relação da cidade como território possível para a resistência e para a criação de territórios existenciais, vemos que apesar de todo o desgaste eles emergem e resistem na ocupação da cidade. Isso me parece uma força insurgente e necessária, no campo de forças da cidade. Sempre haverá movimentos coletivos e cartografá-los faz surgir mais um braço na sustentação desses coletivos. A cartografia é mais uma intervenção neste coletivo que visa potencializá-los.



58

⁵⁸ Estas fotos foram tiradas na primeira visita, quando a Roda acontecia na Arena da Praça. Na primeira foto, é possível perceber a pista de dança e a arquibancada. Na segunda, o palco onde ficam o Dj, o cerimonialista e a aparelhagem. Na terceira, podemos ver a final das Batalhas. Essas fotos foram retiradas do site do evento no Facebook: Festival de Rap e Cultura de São Gonçalo.



Considerações Finais

Desobediência e clínica

“Os belos livros estão escritos em uma língua estrangeira.” (Proust, *Contre Sainte-Beuve*, in Deleuze, 1993)

A desobediência é clínica? Encontramos ao longo da pesquisa, uma transversal entre rebeldia e clínica através das artistações que acompanhamos. Artistações desobedientes, rebeldes e “inconvenientes”.

Em *Clínica e Crítica*, Deleuze aponta para uma clínica que se dá fora dos princípios psicanalíticos tradicionais como *setting*, transferência, pagamento de sessões, etc. Para Deleuze existe uma clínica transdisciplinar que se dá através da literatura menor, por exemplo. Não se trata de qualquer literatura, mas sim de uma literatura que institui a língua menor, a língua dos que não têm acesso aos códigos hegemônicos da Língua Materna, mas que se expressa através de uma língua tão legítima quanto, pois ali está a criação de si.

O Artistador cria a língua estrangeira dentro da cidade. Ele “arrasta a língua para fora de seus sulcos costumeiros, leva-a a delirar.” (1993, pg. 9) Faz delirar a língua, povo e cidade; faz delirar uma farsa de cidade normal.

“São acontecimentos na fronteira da linguagem. Porém, quando o delírio recai no estado clínico, as palavras em nada mais desembocam já não se ouve nem se vê coisa alguma através delas, exceto uma noite que perdeu sua história, suas cores e seus cantos. A literatura é uma saúde.” (1993, pg. 9)

Pensamos nas letras, nas *tags* que ninguém lê, somente os “alfabetizados” na língua “estrangeira” dos pixadores e grafiteiros. São delírios escritos em formas indecifráveis de uma loucura na cidade, de uma inacessibilidade que faz adoecer, mas que ali recai no *estado clínico*, algo se dá na transdisciplinaridade entre pixar e saúde. Instaura-se um *estado clínico* e não um *setting clínico*. Não há discernibilidade entre a clínica, a rua, o spray e a língua estrangeira. Num campo co-emergente, a clínica se dá na insurgência desta língua na cidade. Como diz Deleuze, o escritor não é doente, mas sim médico de si mesmo e do mundo. Zezão ao se referir ao graffiti em sua vida diz em entrevista para o programa *Ateliê Urbano* da Globosat, no dia 02/11/2014, que como um grafiteiro de São Paulo, sua experiência com a arte de grafitar foi uma forma de terapia. Depois de viver um quadro de depressão grave, Zezão passa a grafitar, primeiro no muro de casa e, depois de sentir-se seguro, passou para as

ruas. Ele usa a palavra vício em seus grafites sempre de forma não clara. “Vício” está escrito em meio às curvas de seus desenhos, de forma invertida, salteada, escondida.

Sentiu que sua tristeza diminuía e diz ser viciado em grafite desde então. Sentia-se na merda devido à tristeza, com isso decidiu que, se era assim que ele se sentia, então era na merda que iria grafitar. O rio Tietê e suas galerias passaram a ser seu suporte preferido.

Seus desenhos podem ser encontrados em galerias subterrâneas, em partes quase impossíveis de acesso e também em áreas muito distantes dos olhos dos transeuntes.⁵⁹ Diz ter mais tranquilidade nesses lugares, mais distância da polícia e de qualquer tipo de pessoa. Precisa de um pouco de isolamento para pintar. O que pode ser entendido também como uma forma de pintar no subterrâneo o subterrâneo das superfícies.

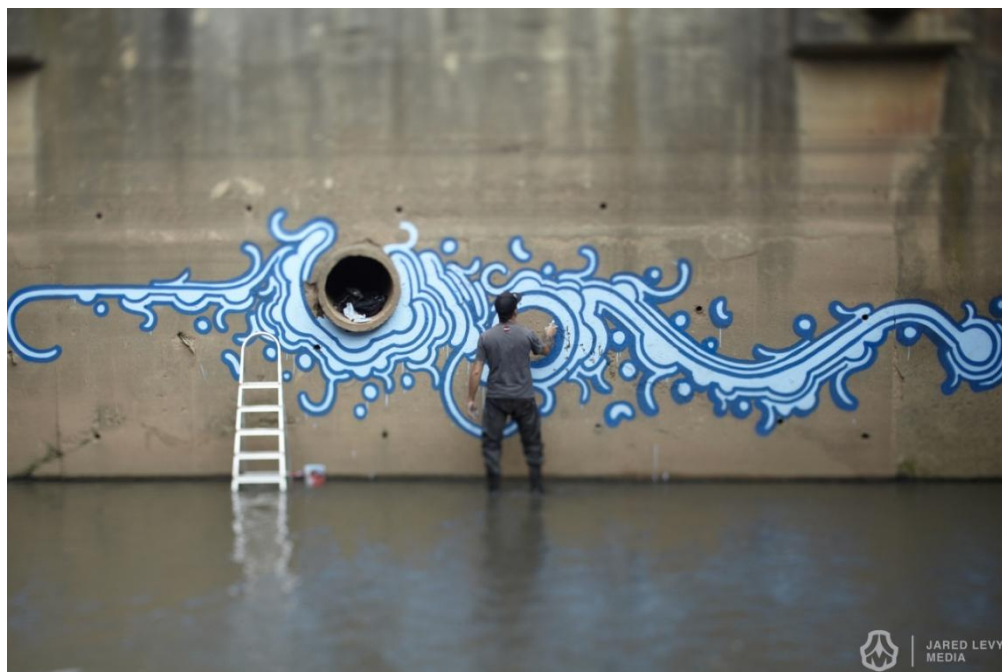
Sua relação com a cidade é muito íntima, tem um sentimento de que a cidade é uma espécie de templo quase sagrado para ele. Faz uma ligação interessante entre a sua depressão e as mazelas da cidade. Também relaciona o sofrimento dos sujeitos da cidade com a própria cidade e chama o grafite de “*band-aid*”, como uma espécie de cuidado com a mesma. Ele cuida de sua tristeza e cuida também da cidade quando pinta.

Importante a relação entre o grafite e a clínica sendo apresentada por Zezão de forma intensiva e transdisciplinar, pois não se trata de uma clínica tradicional, transferencial ao terapeuta, mas uma transferência com a cidade, um vínculo com a cidade, com a merda, com o esgoto, assim ele alivia sua tristeza e assume uma prática de cuidado. Outra frase bonita que ele traz: de que grafite é “fazer”, não é um falar sobre, mas sim fazer na, fazer-com a cidade. Na solidão ele se conecta com toda uma multidão e assim ele faz seu cuidado com-sigo e com-o-outro/cidade ao mesmo tempo. Que clínica é essa? Não deixa dúvidas que se trata de clínica, mas uma clínica trans e na rua, criativa de si e da cidade.

Outra fala muito importante trazida por Zezão é a de que o grafite é transgressão, porém, uma transgressão sem destrutividade. Transgride pelo simples fato de ser na rua, de ser em meio aos trânsitos caretas e tradicionais da cidade. Enquanto todos trabalham, andam de ônibus para ir e vir, para fazer algo útil e rentável, o grafiteiro faz uma arte que não é paga e que vai ser apagada ou queimada ou inundada, ou simplesmente nunca vista. Isso já é uma transgressão. Mas como Zezão traz a questão da depressão e a experiência que ele tem de expansão de si e diminuição da tristeza através da “prática” do grafite, ele nos dá uma pista

⁵⁹ http://www.youtube.com/watch?v=NKxGsY_EKqM – Galeria de esgoto ou de Arte (Zezão)
<http://www.youtube.com/watch?v=b9pX0Iqpn6o> – No traçado do invisível (Zezão)

imprescindível da relação entre a construção artística e a clínica. Entre uma perspectiva ontológica da relação do homem com a cidade, a arte na rua e a clínica.



Que clínica nos convoca a partir de tantos testemunhos que ouvi e que Zezão nos proporciona quando fala de sua depressão? Que modo de fazer saúde é esse que não está nos domínios de Psicanalistas e da Psiquiatria, que se dá nas ruas e sem um especialista para ocupar o lugar do Saber Transferencial?

Passos e Benevides (2000), ao analisarem a história da constituição do plano da clínica, apontam para o que os movimentos sociais da década de sessenta e o pensamento da

Análise Institucional na França trazem como ruptura das dicotomias sujeito-objeto de pesquisa, colocando a produção de conhecimento e de práticas num mesmo plano, incluindo a clínica. Neste sentido, a falência das pesquisas e intervenções no campo social e militante, até então por introduzirem uma intervenção verticalizada e centralizada no saber, aplicado às massas, deveria ser repensada. A proposta da Socioanálise era de fazer a pesquisa/intervenção desconstruindo a dicotomia sujeito-objeto de pesquisa, trazendo as intervenções para um sentido horizontalizado, num plano de co-emergência. O que isso significa? A relação de poder, implícita no sujeito de pesquisa e intervenção, deveria ser objeto de crítica, devido ao fato de não produzir o contágio esperado pelos movimentos sociais da época.

De acordo com as análises de Aguiar e Rocha, levar “conhecimento” às massas não produziu a transformação nas práticas políticas, trazendo um niilismo para a militância. Assim como as intervenções psicanalíticas tradicionais que se tornaram alvo de crítica pela Socioanálise por se tratarem de práticas familialistas, com pré-concepções de *setting* e relação terapêutica muito voltadas para uma constituição familiar burguesa. “O mito racionalista se atualiza tanto na conscientização quanto no consenso regulador de múltiplas racionalidades, como estratégias dialógicas (político-pedagógicas) que, em lugar da emancipação, ratificam o controle e a tutela.” (2007, pg. 652) O contexto psicanalítico deste período não proporcionava um ambiente terapêutico para a maioria da população. Deste modo, a Socioanálise propõe a desnaturalização de instituições incluindo a da Análise.

Na contemporaneidade nos parece mais relevante acompanhar processos emergentes de dispositivos clínicos, que num construtivismo irruptivo e insurgente se impõem a nós. Cremos que acompanhar a produção das artistações nos aproxima de um plano co-emergente de sujeito-objeto de conhecimento, de clínica, arte e política na cidade, traçando uma transversal entre essas disciplinas e desconstruindo uma hegemonia institucional da clínica psicanalítica tradicional, que circunscreve o cuidar em modelos fechados em paredes de consultórios ou em muros hospitalares.

Cartografar e cuidar podem ser muito próximos. O Acompanhante Terapêutico é um cartógrafo de encontros e deambulações na cidade, de forma a tirar do controle dos hospícios as vidas e delírios dos loucos. A loucura passa a ocupar a cidade e é nela que se dá seu cuidado. Pertencer à cidade faz de todos parte de um mesmo processo criador de si e da coletividade, e isso proporciona saúde. Assim como os Acompanhantes Terapêuticos, o cartógrafo acompanha processos de resistência na cidade e dá visibilidade aos mesmos. Acompanhar as linhas de tessitura de um território desenhado por um devir revolucionário, devir bicho, bicho gato, bicho rato, que sobem as paredes e muros, que andam em esgotos e

vielas, colorindo o *underground* e os guetos, é uma forma de cuidado. Cuidado sem especialismo, com uma especificidade, mas não especialista. Especificidade na forma de olhar, na torção que se dá na relação de saber, onde pouco se tem a dizer, mas muito se tem a contar do que se experienciou com aqueles que estão tecendo novos territórios existenciais na cidade.

Numa perspectiva clínica transdisciplinar, saber é fazer e sabemos fazendo; não há primado do saber em detrimento do fazer ou mesmo um saber que direciona o fazer. Não há um método (*méta-hódos*) e sim um *hódos-méta*. (Passos e Benevides, 2009) Um fazer que constrói um saber e assim nossos artistas nos narram suas experiências com a pixação e o graffiti. Nenhum deles estudou para agir, aprenderam pintando, pintaram e ensinaram outros com seus traçados e esfumaçamentos. E nós, pesquisadores/cuidadores, estamos lá para testemunhar a emergência de um saber/fazer que transforma vidas.

Deleuze diz que a saúde como literatura, como escrita, está em inventar um povo que falta, fabulação de um povo, ou seja, não se trata de um texto individual, mas sim coletivo que desvela um povo por vir. O aspecto coletivo da literatura é fundamental para a saúde que se manifesta através da escrita, pois é esta conexão com a sua face coletiva que se faz recair no *estado clínico*. Não se trata de um homem representar um povo, mas um povo vir a ser através de uma escrita que foi feita por alguém, que tão bastardo quanto seu povo, se sente mais potente ao escrevê-lo. O devir revolucionário do desobediente, que insiste em pintar muros, toma pra si uma cidade e a devolve ao povo. O devir revolucionário do artista é muito próximo do devir escritor. Kafka, Melville, Zezão, Ameba, Gal, Luiz e outros são enunciadores coletivos, são tradutores de uma língua estrangeira dentro de um Estado comum.

Deleuze também faz alusão à ruptura que se faz com modos edipianos de escrita, modos inseridos na Língua hegemônica. Édipo faz falar uma história privada, papai-mamãe de um passado que constitui o escritor que conta *a sua história* e não é esta literatura que nos interessa. Ela não tem potência coletiva. A literatura do delírio está sempre entre fronteiras de povos menores, ela é histórico-mundial e se faz em deslocamento de raças e continentes. O povo menor tem no negro, na criança, na mulher, no homossexual, no bicho, sua vocalização. Sua diferenciação do Homem Branco Heterossexual se faz através de sua minoridade, que na contemporaneidade convoca o escritor.

A pixação/graffiti faz o Homem se sentir analfabeto, por se tratar de uma língua dentro de sua língua, mas que ele não consegue ler. A produção do analfabetismo no homem branco, que trabalha, casado, com filhos, carro do ano e viagem de férias anuais, seria uma

maneira de atacar a Língua, abrindo sulcos na Língua e assim escrevendo uma língua estrangeira que faz surgir um povo menor.

Rolnik⁶⁰ ao se referir a arte/clínica de Lygia Clark aponta para o aspecto fronteiro de sua arte. Ela parte da arte e encontra a clínica, num processo que desvela um plano de indiscernibilidade entre elas, propondo um híbrido dos dois. Os *objetos relacionais*⁶¹, propostos por Lygia, são objetos que intervêm no corpo do receptor, produzindo deslocamentos e experiência em seus corpos. São dispositivos que disparam a sensação de desfazer-se, de experimentação de um desmanchamento dos contornos, da imagem corporal, estabelecendo um estado de corpo-vibrátil. Pensando na transdisciplinaridade entre clínica e arte, podemos traçar um vetor, em que os objetos relacionais de Lygia podem ser aproximados dos muros e sprays, que os artistas utilizam para produzir seus pixos e graffitis. O objeto relacional faz emergir a pele na experiência do fora/dentro. Saquinhos de água espalhados pelo corpo deitado em uma almofada que o envolva são exemplos de experiências propostas por Clark. Os saquinhos e almofada são objetos relacionais que produzem sensações as quais potencializam a experiência de contágio, assim como os muros, como fronteiras entre dentro e fora, entre público e privado, entre sujeito e coletivo, entre solidão e multidão.

“Lygia queria deslocar o objeto artístico de uma posição de fim para uma posição de meio”. (Rolnik, pg.7) Meio para a processualidade, para a constituição de si, numa estética de si. Os objetos relacionais são arte/dispositivo clínico na transversalidade da clínica com a arte. As *tags* e graffitis podem ter a mesma potência dos objetos relacionais de Clark na medida em que produzem processualidades estéticas, produzem subjetividade numa dimensão intermediadora.

Outro aspecto que vale ressaltar na questão da relação da pixação e do graffiti, enquanto dispositivos clínicos, é a relação da agressividade com a resistência e a produção de subjetividade, que num agenciamento produzem saúde.

Reich já nos dizia que a agressividade é um vetor fundamental na constituição do vivo. Sua expressão é de máxima importância na manifestação das emoções e na construção das relações, com isso, pensamos se a agressividade atribuída a alguns modos de artistação

⁶⁰ <http://www.caosmose.net/suelyrolnik/>

⁶¹ *Objetos Relacionais* é uma obra de Lygia Clark, realizada em uma instalação em um dos quartos de seu apartamento. Receptores podiam vivenciar essa obra interagindo com saquinhos de água, ar, areia, etc., que produziam a experiência que Lygia queria provocar. Por cautela, Lygia usava uma pedrinha na mão do receptor para ajudá-lo na integração de si. Não se trata de uma técnica analítica, mas sim de uma obra/terapia.

podem ser relevantes na formação de um devir revolucionário, capaz de trazer à superfície os conflitos pertinentes à situação contemporânea da juventude.

Há no cerne da institucionalização da loucura, uma tentativa de separar a desobediência da sociedade e trancafiá-la, através da internação de seus representantes; o louco, o vagabundo, o criminoso, o militante, etc. Há na psicanálise tradicional um *setting* que “protege” a privacidade através do sigilo, quase confessional, em paredes de consultórios, separando o que há de insurgente na vida cotidiana do homem numa “câmara” hermética que contém todos os lodos que a vida privada produz. Neste contexto, o jovem não se submete e produz na cidade seu *setting*, que não é hermético. É violado pelos olhares dos transeuntes, que têm hora pra chegar e destino certo; quase sempre o local de trabalho.

Ele faz essas pessoas pararem, eles interrompem seu traçado reto, linear e obediente. É preciso agressividade para desobedecer a ordem do capital e do trabalho que impõem ao cidadão de bem sua hora de acordar para o trabalho, o dever de cumprir sua jornada e voltar para casa exausto. Mas o artistador sai a qualquer hora, muitas vezes sem destino e sem hora pra voltar, pois tem uma cidade para deambular. A madrugada pode ser mais interessante, e enquanto o trabalhador dócil “descansa” ou tenta descansar, pixos e graffitis surgem pela cidade, para que na manhã seguinte exista algo novo para o dócil trabalhador contemplar e imaginar: “Que louco passou a noite pintando isso?”

Mas este louco foi quem cuidou de trazer para o doce trabalhador a lembrança de que existem outros modos de viver e sentir a cidade e que ela pertence a todos. Apesar dos muros, há os que os desrespeitam, ocupando o território e produzindo novos modos de subjetivação.

Há algo de clínico na desobediência. Longe de tentarmos criar um método clínico a partir da desobediência, pois não é intenção desta pesquisa criar tecnologia clínica, mas sim destacar a emergência de dispositivos clínicos já existentes. Resistir pode desencadear uma linha mortal, linha de abolição, mas pode também traçar linhas de fuga e é este aspecto criador, estético da pixação e do graffiti que nos interessa. Não pretendemos negar o risco que se corre ao resistir; enfrentamento gera risco, porém, em risco iminente todos estamos, principalmente o dócil trabalhador, consumidor de benzodiazepínicos. Há os que se medicam para acordar, para dormir, para transar, para emagrecer, para não morrer; morrendo aos poucos. Esta forma de linha de abolição, muito interessante ao rentável mercado medicamentoso, nos toma a vida e raramente vemos uma crítica a essa hipermedicalização da vida. Quem precisa de tantos remédios já está morto, de certa forma.

Zeão afirma que o graffiti entrou em sua vida, enquanto os antidepressivos saíam. Ele deixou de tomá-los à medida que intensificava suas atividades de graffiti. Nuno DV

lembra de sua dificuldade em socializar-se na infância ceder espaço para uma coletividade “estranha”. Ele encontrou um coletivo para si enquanto pixava. “Estranhos” que se encontram na dissolução de um estranhamento do outro, de uma solidão e “inadequação” que o tornava isolado em sua estranheza.

Assim, entendemos a relevância de atentarmos para o aspecto clínico e espontâneo das artistações, enquanto ferramentas políticas de resistência aos dispositivos mortais e criminalizadores do capitalismo atual.

É também importante ressaltar que, para o pesquisador, é terapêutico estar nas ruas, acompanhar jovens artistas, colorindo a cidade e contando histórias. É libertador e rejuvenescedor estar compartilhando essas forças, acompanhando a vida, resistindo. Desobedecer pode ser muito colorido ou preto fosco, pode estar nas alturas ou bem no pé do muro, nos postes ou nos edifícios. Deslocar os olhares de quem pesquisa pode fazê-los sair de seus muros e hospícios, fazer repensar as práticas clínicas e questionar: o que é a clínica?

Referências Bibliográficas

ABERASTURY, A. e Knobel M.; **Adolescência Normal, um enfoque psicanalítico.**

Tradução: Suzana Maria Garagoray Ballve, Buenos Aires: Artmed, 1981.

ALVARENGA, P., HUTZ, C. S., PACHECO, J., PICCINI, C. A. e REPPOLD, C.,

Estabilidade do comportamento Antissocial na transição da infância para a adolescência: uma perspectiva desenvolvimentista. Rev. Online Psicologia: Reflexão e Crítica. Vol. 18 nº 1 Porto Alegre Jan/Abr. 2005.

BANKSY, **Guerra e Spray**; trad. Durst R. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2012. BORDIM, I. e OFFORD, D., **Transtorno da Conduta e Comportamento Antissocial**, Ver. Brasileira de Psiquiatria, 2000, vol. II(supl. II); 12-5.

BOVE L., **Espinosa e a psicologia social: ensaios de ontologia política e antropogênese**; organização David Calderoni – BH: Autêntica, 2010.

_____, **Spinoza e a questão ético-política do Desejo – Estudos comparativos com Epicuro-Lucrecio e Maquiavel**, Bove. L., trad. Leon Fahri Neto, rev. Fractal, 2012.

Disponível em < www.uff.br/periodicoshumanas/index.php/Fractal/search/results >

CABRAL, K. V., (Dissertação de Mestrado) **Acompanhamento Terapêutico como dispositivo da Reforma Psiquiátrica.** UFRGS, Porto Alegre, 2005.

CALIMAN, L. V., **Notas Sobre a História Oficial do Transtorno de Déficit de Atenção/Hiperatividade TDAH.** Ver, Psicologia Ciência e Profissão, Vol. 30, 2010, Espírito Santo.

COIMBRA, C. C.; BOCCO, F.; NASCIMENTO, M. L. **Subvertendo o conceito de adolescência.** Arquivos Brasileiros de Psicologia, v. 57, n. 1, p. 2-11, 2005. DELEUZE, G.

GUATTARI, F. **Mil platôs - capitalismo e esquizofrenia, vol. 5 i**; tradução de Peter Pál Pelbart e Janice Caiafa. — São Paulo: 34, 1997.

_____, F., **Mil Platos, Capitalismo e Esquizofrenia 1**, Tradução Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa, Rio de Janeiro: 34, 1995, (Coleção TRANS).

DV. Nuno, **Rio de Riscos – {1. ed.} {Tramas Urbanas}**, Rio de Janeiro: Aeroplano, 2013.

ESCÓSSIA L., Kastrup V., Passos E., **Pistas do Método da Cartografia:**

Pesquisa/intervenção e produção de subjetividade. Porto alegre: Sulina, 2009.

_____, PASSOS E BENEVIDES, A cartografia como método de pesquisa-intervenção.

_____, KASTRUP, O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo.

_____, ALVAREZ E PASSOS, Cartografar é habitar um território existencial.

- _____, **Pistas do Método da Cartografia - Vol. II** Fractal, Rev. Psicol. vol.25 no.2 Rio de Janeiro, 2013. Disponível em <
www.uff.br/periodicoshumanas/index.php/Fractal/issue/view/v25n2/showToc >
- FAVORITO, M. O., (Tese de doutorado) Pós-Graduação em Psicologia da Pontifícia Universidade Católica. **Mal-estar na escola – Tensões entre o singular e o coletivo**. PUC – Rio de Janeiro. 2011.
- FERRI, E., **Sociología Criminal**, TOMO 1, Tribunal Superior de Justiça Del Distrito Federal, México, D. F., 2004.
- GUATTARI F., **Revolução Molecular – pulsações políticas do desejo**, Trad. Suely Rolnik, São Paulo, Ed. Brasiliense, 1995.
- HAESBAERT R., **O Mito de Desterritorialização; do “fim dos territórios” à multiterritorialidade**. 7ª Ed., Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2012.
- LYNCH J., **Hanna Arendt - Idéias que chocaram o mundo**, . Europa Filmes Cannes, 2012.
- MELO, L. DA E. **O Coletivo como plano de co-engendramento do Indivíduo e da Sociedade** (TESE DE DOUTORADO) - Rio de Janeiro: UFRJ/IP,2004.
- OLIVEIRA, C. R. **Sobrevivendo no Inferno. A Violência Juvenil na Contemporaneidade**. Porto Alegre: Sulina, 2001.
- OLIVEIRA R. T., Waine J.; **Pixo**, Sindicato Paralelo, 2010.
- OLIVEIRA, G. R. C., Tese de Mestrado, **PiXação: a arte e pedagogia como crime**, UERJ, Rio de Janeiro, 2009.
- PASSOS, E.; BARROS, R. B. **A construção do plano da clínica e o conceito de transdisciplinaridade**. Psicologia: Teoria e Pesquisa, Brasília, v. 16, n. 1, p. 71-79, 2000.
- RAUTER **Invasão do Cotidiano: Algumas direções para se pensar uma clínica das subjetividades contemporâneas**. In: Silvia Tedesco; Daniel Kuperman; Auterives Maciel. (Org.). Polifonias: Clínica, Política e Criação. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2005, v., p. 63-72.
- _____, C., **Clínica do Esquecimento**; Niterói: Editora UFF, 2012.
- _____, **Criminologia e subjetividade no Brasil**, Rio de Janeiro: Revan, 2003.
- _____, **O medo do crime como experiência da contemporaneidade brasileira: controle social e rebelião**. Tese de Titular da Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2012.
- _____, **Para Além dos Limites**. In: MENEGAT ,M. e NERI, R. (ORG) Criminologia e Subjetividade. Rio de Janeiro, Lúmen Júris, 2005, pp. 47-54.

_____, **Responsabilidade, adolescência e violência contemporânea: a positividade do conflito em Spinoza, Maquiavel e Winnicott**, *Revista Brasileira de Ciências Criminais*, ano 22. Vol. 109. Julho-Agosto. Ed. ABDR 2014

RAUTER, C.; PASSOS, E. e BARROS, R. B. (orgs.) **Clínica e Política. Subjetividade e Violação de Direitos Humanos**. Rio, Te Corá, 2002.

REICH, W. **A função do Orgasmo**, trad. Maria da Glória Novak, primeira edição 1975, 16ª edição, Brasiliense, São Paulo, 1990.

ROLNIK, S. **Subjetividade em obra, Lygia Clark, artista contemporânea**. Disponível in: <http://www.pucsp.br/nucleodesubjetividade/Textos/SUELY/Subjemobra.pdf>

SPINOZA B. **Ética**, tradução Tomás Tadeu – Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

_____, **Tratado Político**, tradução, introdução e notas Diogo Pires Aurélio; Revisão da tradução Homero Santiago – São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009.

TIBURI, M., **Direito Visual a Cidade**, in *Revista Redobra* – nº12 ano 4, 2013, disponível em: <http://www.redobra.ufba.br>

WIKIPEDIA – site de consulta sobre HTP (House, Tree end Person)

WINNICOTT, D. W., **O Brincar e a Realidade**, Dir. Jayme Salomão, Rio de Janeiro, ed. Imago.1975.

_____, **Privação e Delinquência**, trad. Mônica Sthahel, 4ª, São Paulo: Martins Fontes, 1987/2005.

WASELFIZ, J. J., **Mapa da Violência 2014, Os jovens do Brasil**, Secretaria-Geral da Presidência da República Secretaria Nacional de Juventude Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial, Brasília, 2014. Disponível em: WWW.juventude.org.br/juventudeviva.